

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ**  
**CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRITU SENSU* EM TEOLOGIA**

**EDIR VIEIRA**

**O “ABSOLUTO DA FÉ” E A CRÍTICA DO RELATIVISMO ATUAL EM RATZINGER**

**CURITIBA**  
**2011**

**EDIR VIEIRA**

**O “ABSOLUTO DA FÉ” E A CRÍTICA DO RELATIVISMO ATUAL EM RATZINGER**

Dissertação realizada sob orientação do Prof. Dr. Frei Clodovis Boff e apresentada à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

**CURITIBA**

**2011**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

V658a      Vieira, Edir  
2011      O “absoluto da fé” e a crítica do relativismo atual em Ratzinger / Edir Vieira ;  
orientador, Clodovis Boff. -- 2011.  
186 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,  
Curitiba, 2011  
Bibliografia: f. 186

1. Absoluto. 2. Verdade (Teologia cristã). 3. Fé. 4. Religião. 5. Tolerância.  
6. Ratzinger XVI, Papa, 1927-. I. Boff, Clodovis. II. Pontifícia Universidade  
Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 230



Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Centro de Teologia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Teologia

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 022**  
**DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE**  
**EDIR VIEIRA**

Aos vinte três dias do mês de agosto de dois mil e onze às quinze horas, reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores, Clodovis Boff, Vítor Feller e Antonio José de Almeida, para examinar a Dissertação do candidato, **EDIR VIEIRA**, ano de ingresso 2009, do programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, Linha de Pesquisa: Teologia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: **“ABSOLUTO DA FÉ E A CRÍTICA DO RELATIVISMO ATUAL EM RATZINGER”**. O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e após a defesa o candidato foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 17 h 25 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca:

Prof.Dr. Clodovis Boff

Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Vítor Feller

Convidado Externo

Prof. Dr. Antonio José de Almeida

Convidado Interno.

CIENTE

Prof. Dr. Mário Antonio Sanches

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*  
PPGT - PUCPR



**EDIR VIEIRA**

**O “ABSOLUTO DA FÉ” E A CRÍTICA DO RELATIVISMO ATUAL EM RATZINGER**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *stritu sensu* da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de mestre.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Prof. Dr. Clodovis Boff

---

Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Prof. Dr. Antonio José de Almeida

---

Instituto Teológico de Santa Catarina  
Prof. Dr. Vitor Galdino Feller

Curitiba, 15 de março de 2011.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que, no esforço pessoal de compreensão da sua fé religiosa confessional, levam em conta o respeito à diversidade de crenças e ao diferente, estendendo, com isso, sua imaginação para além dos seus próprios limites pessoais, propiciando, assim, um novo mundo aos que esperam encontrar exemplos de amor, diálogo e paz na sua fé.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço ao professor e orientador Prof. Dr. Fr. Clodovis Boff, pelo apoio e encorajamento nesta pesquisa; aos demais mestres da casa, pelos conhecimentos transmitidos; muito especialmente ao diretor do curso de Pós-Graduação, Prof. Mario Sanches em sua incansável dedicação aos alunos do curso; à Pontifícia Universidade Católica do Paraná pelo apoio institucional e pela oportunidade oferecida. Agradeço também aos meus colegas de sala, que colaboraram com este estudo; bem como, muito especialmente, à Maria Braga, secretária do curso, incansável em sua dedicação e profissionalismo exemplar; finalmente, aos meus familiares pelo apoio, carinho e paciência.

A “ditadura do relativismo” poderá ser condenada, mas há que se cultivar a relativização das fórmulas e das tradições, para não cair na “ditadura do dogmatismo”: D. Pedro Casaldáliga.

## RESUMO

A confissão de uma fé, especialmente no âmbito da religiosidade, compreende a dimensão de uma crença num sentido existencial “absoluto”, sentido no qual, aquele que professe tal fé postula a existência de uma verdade em nível universal, ou seja, que seria válida para todos. Nesse aspecto específico, poderá se ver diante da necessidade de formular uma compreensão bem alicerçada dessa fé, especialmente perante algumas concepções relativistas, concepções estas muito próprias dos tempos atuais, que defendem a subjetivação da fé ao nível da individualidade pessoal. Que o teólogo Joseph Ratzinger, objeto central desta pesquisa, procura demonstrar isso, é o que pretendemos delinear. Entretanto, ao mesmo tempo em que Ratzinger defende a fé como uma compreensão absoluta, justamente na contra-mão das correntes de pensamento relativistas, nosso teólogo não está propondo um fechamento ao diálogo inter-religioso, um dogmatismo ou até um tipo de fanatismo religioso, como tantas vezes se poderia deduzir a partir de informações menos elaboradas, como muitas que têm sido, freqüentemente, produzidas nos meios midiáticos em geral, como tv, internet, rádios, jornais, revistas, etc. Justamente, nesse ponto é que comumente ocorrem as críticas mais contundentes contra seu posicionamento teológico. Isto se dá pelo fato de se desconsiderar o aspecto conciliador presente no eixo central de seu pensamento. As obras de Ratzinger demonstram, em geral, esse cuidado: o de promover a defesa da fé numa dimensão absoluta, mas também, ao mesmo tempo, mantendo uma abertura ao diálogo na compreensão dessa mesma fé, pois, no seu entender, a fé numa perspectiva do “absoluto” se encontra presente também na concepção religiosa diferente ou mesmo, divergente.

**Palavras-chave:** Absoluto. Relativo. Verdade. Fé. Religião. Cultura. Tolerância. Diálogo.

## ABSTRACT

The confession of faith, especially in the context of the religiosity, understands the dimension of a belief in an existential sense "absolute", sense in which, he who professes such faith postulates the existence of a true universal level, that is, that would be valid for all. In this particular aspect, you can see from the need to formulate a well founded understanding of faith, especially to some relativist conceptions, these conceptions themselves much of today, defending the subjectivity of faith at the level of personal individuality. The theologian Joseph Ratzinger, the central object of this research, seeks to show this is what we intend to outline. However, while Ratzinger argues that faith as an absolute understanding precisely counter to the currents of relativistic thinking, our theologian is not proposing a closure to the inter-religious dogmatism or even a kind of religious fanaticism, how many times could be inferred from information less elaborate, like many who have been frequently produced coming from the media in general as TV, internet, radio, newspapers, magazines, etc. Precisely, this point is that commonly occur more forceful criticisms against his theological position. This happens because to disregard the conciliator this aspect at the central axis of his thought. Ratzinger's works demonstrate, in general, this care: to promote the defense of faith in absolute size, but also at the same time, maintaining an open dialogue in the understanding of that faith, because in their view, faith in perspective of "absolute" is present also in different religious view or even divergent.

**Key-words:** Absolute. Relative. Truth. Faith. Religion. Culture. Tolerance. Dialogue.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
 <b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DO TEMA</b> .....	16
1.1 BREVE BIOGRAFIA .....	19
1.1.1 Formação inicial do teólogo .....	23
1.1.2 Ratzinger: o teólogo se torna Papa .....	25
1.1.3 Obras, títulos e homenagens .....	26
1.2 O PENSAMENTO DE RATZINGER .....	29
1.2.1 Fontes teológicas no pensamento de Ratzinger .....	29
1.2.2 Percurso intelectual de Ratzinger: sua visão de mundo .....	31
1.2.2.1 A influência teológica de Romano Guardini .....	36
1.2.3 Verdade: idéia diretriz da vida e do pensamento de Ratzinger .....	38
1.2.4 Textos de base utilizados nesta pesquisa .....	41
 <b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O TEMA CENTRAL DA PESQUISA</b> .....	44
2.1 IDENTIFICANDO O TEMA DA PESQUISA: TERMOS E CONCEITOS .....	45
2.1.1 “Ismos” que atravancam o debate .....	49
2.2 ABSOLUTO DA FÉ E RELATIVISMO: ESCLARECIMENTO FILOSÓFICO-TEOLÓGICO .....	50
2.2.1 Verdade absoluta: a idéia de um valor universal .....	54
2.2.2 Fé religiosa como um direito humano fundamental .....	59
2.3 A POSIÇÃO CENTRAL DE RATZINGER: AFIRMAÇÃO DO ABSOLUTO DA FÉ NUMA PROPOSTA DE DIÁLOGO .....	63
2.3.1 O absoluto em alguns pensadores atuais .....	64
2.3.2 Fé, razão e universidade: discurso de Ratzinger em Regensburg .....	66

## CAPÍTULO 3

<b>DESENVOLVIMENTO DA POSIÇÃO DE RATZINGER SOBRE O TEMA</b> .....	70
3.1 O ABSOLUTO DA FÉ EM RATZINGER.....	70
3.2 A CRÍTICA DE RATZINGER AO RELATIVISMO ATUAL .....	74
<b>3.2.1 O relativismo na cultura atual e seu impacto na dimensão religiosa</b> .....	80
<b>3.2.2 A teologia e a questão do absoluto e do relativo na visão de Ratzinger</b> .....	83
3.2.2.1 Ratzinger e as “tentações teológicas” quanto ao absoluto da fé .....	86
3.3 DIVERSIDADE RELIGIOSA E OS RISCOS DO RELATIVISMO SEGUNDO RATZINGER .....	90
<b>3.3.1 Bases do posicionamento de Ratzinger</b> .....	93
<b>3.3.2 Implicações sociais e religiosas do relativismo na ótica de Ratzinger</b> .....	95
3.3.2.1 Posicionamento relativista como pressuposto de tolerância: crítica de Ratzinger . .....	98
3.3.2.2 A “Verdade” exterior ao homem como resposta de Ratzinger ao subjetivismo .....	100
<b>3.3.3 Audácia das religiões: afirmação de valores universais</b> .....	103
<b>3.3.4 Verdade ou Arrogância?</b> .....	105
<b>3.3.5 A Fé como verdade absoluta em contraste com o relativismo</b> .....	110
<b>3.3.6 Pode o relativismo ser um valor universal?</b> .....	111
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>DEBATE EM TORNO DO TEMA: PROBLEMATIZAÇÃO</b> .....	115
4.1 RATZINGER EM CONFRONTO COM OUTROS PENSADORES .....	115
4.1.1 Ratzinger e Flores d’Arcais: oposição .....	116
4.1.2 Ratzinger e Comte-Sponville: divergência .....	123
4.1.3 Ratzinger e H. Küng: convergências teológicas .....	128
4.1.4 Ratzinger e J. Habermas: convergências filosóficas .....	133
4.1.5 Apoio às críticas de Ratzinger contra o relativismo da fé .....	138
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>RESULTADOS PRINCIPAIS DO PENSAMENTO DE RATZINGER</b> .....	144
5.1 O ABSOLUTO DA FÉ CRISTÃ COMO IDENTIDADE PRÓPRIA .....	146

5.2 CONCRETIZAR A PRÓPRIA FÉ NUMA RELIGIÃO DEFINIDA .....	154
5.3 ABERTURA AO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E ECUMÊNICO .....	160
5.4 FUNDAMENTOS DA FÉ CRISTÃ CONFORME RATZINGER .....	169
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>179</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>186</b>

## INTRODUÇÃO

Joseph Ratzinger tem o seu nome consolidado entre os grandes teólogos da atualidade. Apesar disso, é inegável que seus pensamentos ganharam uma maior visibilidade, especialmente fora do meio erudito ou especializado da teologia mundial, sobretudo, após a sua eleição como papa, sob o nome de Bento XVI. Tal fato, porém, ao mesmo tempo em que o tornou conhecido do grande público, contribuiu também para, em grande parte, uma maior popularidade da sua construção teológica, o que é bastante compreensível e justificável, por conta dos desdobramentos provenientes das repercussões que causem o pensamento de quem ocupe posição tão importante, não apenas no contexto religioso, mas também, político e sócio-cultural da humanidade.

Ratzinger, dentro de um contexto teológico marcadamente eclesiológico e magisterial, consegue, entretanto manter uma originalidade marcante. Esta pesquisa busca abordar o seu posicionamento em favor de uma verdade de cunho declaradamente absoluta, mas, de nenhum modo, exclusivista, na defesa que ele faz da fé cristã, como uma resposta para essa verdade absoluta e universal na construção da consciência humana, sem, entretanto, deixar de levar em conta a pluralidade de fé em outras verdades de cunho também absolutas, tão própria do nosso mundo atual. Ratzinger é francamente favorável a essa pluralidade, especialmente no seu aspecto teológico. Entretanto, quando essa pluralidade passa a ser entendida como relativa à consciência individual do homem contemporâneo, ou seja, quando a fé num sentido absoluto, isto é, da fé em Deus, se desenvolva num contexto de construções subjetivistas, ocorre a relativização da fé, e isto vai gerar a crítica de Ratzinger contra o que ele denomina então como relativismo cultural.

Nesse contexto de pluralidade de respostas da fé, Ratzinger vem propor um diálogo onde se possa conviver harmoniosamente, ainda que toda confissão de fé, a partir de uma concepção de verdade absoluta, de verdade última, envolva o aspecto da divergência, nem por isso se deve propor o fechamento ao diálogo, pelo contrário, é nesse diálogo, tendo como base um profundo respeito, que se constitui

verdadeiramente a própria fé, e todos, defende continuamente Ratzinger, têm direito a isso. Para Ratzinger, o cristianismo vem, em meio a tantas outras concepções de fé absolutas, trazer em alto e bom som, a sua “Verdade”, destinada a representar uma realidade única, e ao mesmo tempo, válida para todos, ainda que considerando o aspecto da pluralidade e da diversidade de fé com sentido absoluto, ou seja, da fé que remete à Deus.

Aqui se impõe a urgência de um posicionamento dialogante, e que Ratzinger, em todo momento, ratifica como válido. Um posicionamento, aliás, mais condizente com a proposta religiosa na sua essência, ou seja, baseada numa abordagem tolerante e de respeito ao diferente, como afirmado anteriormente, considerando, inclusive, o direito do outro pensar uma verdade de fé divergente, mas que não deveria jamais ser concorrente. Como o diz Ratzinger, “diálogo só se dá quando ocorre não apenas o falar, mas também o ouvir, e quando no ouvir realiza-se o encontro, no encontro o relacionamento, e no relacionamento a compreensão”<sup>1</sup>.

Ratzinger critica, a partir disso, os posicionamentos marcados por um relativismo, ao qual ele denomina “ditatorial”, onde, ao mesmo tempo em que despreza o diálogo entre as confissões de fé, defende um indiferentismo perante estas mesmas questões, questões essas, as mais profundamente humanas e que se caracterizam como sendo próprias das religiões. Ele defende o direito, que considera legítimo, de todo ser humano construir sua própria “razão última” de sentido existencial dentro de uma comunidade de fé, isto é, dentro de uma concepção religiosa. Uma “razão última” em consonância com a questão última da existência: Deus, o “Absoluto da fé”. Portanto, a partir desse posicionamento, Ratzinger não se coloca numa posição de fechamento ao diálogo, como muitas vezes tem sido colocado pela mídia em geral, ao contrário, expõe-se ao diálogo argumentativo a partir de convicções legítimas e plenamente compreensíveis.

---

<sup>1</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 28.

Neste trabalho buscamos apresentar o posicionamento do teólogo J. Ratzinger, atual papa Bento XVI, nessa difícil e, tantas vezes, desafiadora proposta conciliadora entre um pensamento firme, centrado numa convicção de fé com sentido absoluto claro e definido, e a abertura para o diálogo que envolve a compreensão do outro, especialmente manifesta numa posição de fé com igual sentido absoluto, mas com significados distintos, quando não até mesmo, divergentes ou opostos.

No primeiro capítulo, visando uma aproximação com o protagonista de nossa pesquisa, apresentamos de maneira abreviada sua biografia no intuito de facilitar uma melhor compreensão da construção do seu pensamento. As principais influências, bem como, a base de sua fé cristã, a partir da qual, ele desenvolve a afirmação de verdade absoluta. Posteriormente, no segundo capítulo, apresentamos um prévio esclarecimento sobre alguns importantes conceitos sobre os quais nosso pesquisado formula o seu entendimento no que se refere a questão do tema aqui tratado, qual seja, a sua compreensão de alguns conceitos que permeiam o debate em relação ao absoluto da fé, e os riscos de sua relativização, o que representa na visão de nosso autor, o risco de esvaziamento do sentido último que sustenta a visão de fé com sentido absoluto.

No terceiro capítulo, nos concentramos mais detalhadamente na formulação geral do pensamento de nosso autor. Aqui ele desenvolve seus argumentos que formam a base sobre a qual ele sustenta sua crítica ao relativismo nos aspectos em que diluem, especialmente, a fé cristã. Ratzinger afirma e reafirma seu compromisso com a verdade última, proposta real e clara do cristianismo, contra toda forma de mitigação dessa verdade, onde quer que isso se apresente. Esse é o momento crítico em que Ratzinger identifica alguns perigos do relativismo disfarçado numa proposta “tolerante” que chega quase a fazer calar a voz da verdade cristã.

No capítulo quatro, levantamos alguns posicionamentos tanto contrários como favoráveis aos de Ratzinger. Selecionamos alguns importantes pensadores que vão dialogar com Ratzinger, como o teólogo H. Küng, os cardeais Bertone e Herrans, os

filósofos J. Habermas e Flores d'Arcais. Adicionamos também um confronto de idéias entre Ratzinger e o filósofo André Comte-Sponville, embora reconheçamos que esse diálogo esteja presente apenas como enriquecimento das discussões, já que não há nenhuma edição em que ambos exponham suas teses e confrontem suas idéias, como nos diálogos com os pensadores anteriores. Contudo, consideramos importante proporcionar a posição de Comte-Sponville como forma de fornecer argumentos bem elaborados, como os que nos apresenta Sponville, e, com isso, abrir novos horizontes na discussão do tema.

Finalmente, no capítulo cinco desta pesquisa, fechando o tema de nosso trabalho, trazemos os efeitos práticos do posicionamento central do nosso autor. Algumas repercussões a partir das discussões levantadas em suas análises. Aqui, muito especialmente, tendo em vista a liderança social e religiosa, porque não dizer também, política e acadêmica do protagonista de nossa pesquisa, buscamos avaliar alguns desdobramentos pastorais que, necessariamente, envolvem os seus posicionamentos. Ratzinger apresenta importantes diálogos com representantes e líderes de outras confissões de fé. Estabelece, juntamente com outros líderes, compromissos práticos, como o respeito pela busca da verdade, sem com isso, em nenhum momento, abrir mão da verdade universal do cristianismo.

Ao término desta pesquisa, apresentamos também nossas considerações finais. Nesse ítem desejamos, desde já, manifestar nossa admiração pela clareza das argumentações de Ratzinger. Esforçamo-nos por acompanhá-lo em sua profundidade, mas nem sempre, ao longo da pesquisa, tal intuito foi alcançado. Por conta dessa nossa limitação, entendemos que algumas ponderações seriam suficientes para indicar que o debate não se encerra, ao contrário, o tema está em plena pauta em todo o mundo. Nosso protagonista nos fornece importantes pistas para serem seguidas e, continuamente aprimorar nossa eterna busca pela verdade.

## **CAPÍTULO 1**

### **APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DO TEMA**

Ao iniciarmos esta pesquisa, a título de apresentação do tema e autor principal, fazemos uma referência ao tema aqui abordado no pensamento de Joseph Ratzinger, relativo ao conceito do absoluto da fé e do relativismo, o alvo da sua crítica. Em seguida, apresentamos dados biográficos, bem como o percurso intelectual de nosso autor. Na seqüência, passamos a esclarecer alguns dos conceitos que serão trabalhados ao longo do texto.

O tema abordado nesta pesquisa é considerado geralmente como um tema delicado, tanto sobre o ponto de vista filosófico ou sociológico como também, muito especialmente, por alguns segmentos teológicos, sejam estes cristãos ou de outras denominações que compõem o universo das mais variadas compreensões religiosas. Pretende-se aqui uma reflexão analítica relativa a alguns importantes desdobramentos, sejam religiosos, políticos, filosóficos ou ideológicos, provenientes da concepção teológica de Ratzinger, especificamente no que se relaciona à questão do absoluto da fé e das suas críticas ao relativismo atual. Em que pese algumas críticas mais contundentes, o posicionamento teológico de Ratzinger, desde já ressaltamos, acena para a proposta de uma teologia flexível e aberta ao diálogo intercultural e inter-religioso.

O absoluto da fé, nesta pesquisa, é toda afirmação que leva em conta, sob quaisquer concepções religiosas específicas, uma idéia relacionada a Deus como realidade última. O relativismo, por sua vez, aparece, ou transparece aqui, como uma denominação ideológica cunhada para tentar dar conta de explicar a variedade cultural flagrante de um mundo, hoje globalizado. Em concordância com Ratzinger, pretendemos ressaltar a ambigüidade que incorre desse posicionamento ideológico: para muitos aparece como uma proposta “tolerante” e consensual para validar idéias diferentes ou divergentes em relação a valores antes comuns a todos. Nesse sentido,

torna-se uma visão de mundo muito importante, capaz de influenciar aspectos ou dimensões humanas como a moral, a fé ou noções de verdade. É sob esse aspecto que Ratzinger irá discordar, identificando a ambigüidade desse posicionamento para então, a partir daí, tecer suas críticas ao relativismo.

Ao contrário de um posicionamento “tolerante”, o relativismo incorre em sérias dificuldades para uma confissão de fé no âmbito absoluto. Isso por que o relativismo levaria, natural e conseqüentemente, ao “esvaziamento” das convicções absolutas e existenciais relativas a uma fé considerada sob a dimensão do religioso. Esse esvaziamento, além de incorrer na perda do sentido último para a vida humana, própria do âmbito do religioso, se manifestaria então na prática, em atitudes de total indiferença ou desprezo pela busca de um bem absoluto, justamente no nível da fé. É com isso que Ratzinger não pode compactuar. Por que em última instância, esse relativismo, vai condenar as pessoas ao estancamento e ao isolamento, não apenas religioso como também, inclusive social. Cada um busca sua própria medida, também no âmbito do sentido último da vida: o cristão que confie na sua fé, o cientista nos fatos, o cético na sua ironia, o agnóstico na sua desconfiança para com a verdade, enfim, cada um que cuide de si e trate de formular seus próprios preceitos de vida e de valores, obedecendo no máximo, as condições específicas relativas ao seu próprio habitat.

Defender o absoluto da fé, entretanto, não significa ao contrário do que foi afirmado acima sobre o relativismo, tomar uma posição absolutista. Ratzinger não propugna essa posição. O posicionamento absolutista é o reverso equivocado do relativismo. O posicionamento absolutista simplesmente elimina o argumento. É a via do poder. Não existe aí nenhuma tentativa de entendimento, a forma de vida que detém o poder impõe o seu domínio e elimina o comportamento que lhe é adverso. São exemplos religiosos-sociais disso as conquistas estrangeiras, a colonização, o terrorismo, o autoritarismo, entre tantos.

No mundo globalizado de hoje em dia, como antes referido, necessitam-se muito mais do que simples posicionamentos absolutistas ou relativistas. As condições atuais

requerem uma abordagem global e unificada com perspectivas de valores, que incluam inclusive, o cuidado com toda a vida humana e com toda a biosfera. Nesse sentido, a própria sociedade como um todo, necessita de valores absolutos, até para impedirem sua própria destruição. O mundo, ao contrário das frias conclusões racionalistas, das implacáveis descrições mecanicistas, das imprevisíveis novidades genéticas, ou seja, da ciência destituída de qualquer valor que não seja sua utilização em si mesma, percebe a urgência de estancar essa corrida utilitarista, pois percebe o risco de se tornar “niilista”.

É aqui que Ratzinger levanta, em alto e bom som o valor maior, o bem maior, o absoluto da fé: Deus. Mesmo em meio aos ataques relativistas, é preciso afirmar esse bem, esse valor maior. Está provado, afinal de contas, que o conhecimento científico não é uma medida universal de excelência humana, basta lembrar o uso indiscriminado de agrotóxicos, os desastres ecológicos fruto do abuso de técnicas e avanços tecnológicos, a matança em massa de cadeias de animais, provocando inclusive, a extinção de espécies, por conta de avançados meios de produção humana, as catástrofes naturais provocadas pela ingerência do homem em níveis cada vez mais sofisticados nos processos naturais geológicos, tudo isso, entre tantos outros abusos provenientes dos processos tecnológicos utilitaristas da atualidade, sem recorrer as calamidades do passado como o uso de aviões bombas, dos satélites identificadores de alvos, da bomba atômica ou do sofisticado uso de sistemas de gás usados para matar, cada vez mais rápido e em número cada vez maior, as pessoas presas nos campos de concentração nazistas, entre tantos outros exemplos.

O absoluto da fé é uma resposta prática, concreta e imediata para o mundo atual. Ratzinger deixa isso claro quando afirma que “a relação com Deus pertence aos elementos que sustentam absolutamente a vida”<sup>2</sup>. Assim Ratzinger propõe ratificar a importância da religião na vida humana. Mas o encontro do homem com a religião não acontece, para Ratzinger, de forma programada, fechada num discurso impessoal.

---

<sup>2</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 17.

Como ele o diz, nessa mesma obra-entrevista referida, quando perguntado por Peter Seewald sobre quantos caminhos existem, ao todo, para Deus, respondeu: “tanto quanto há pessoas”<sup>3</sup>.

Tanto quanto existam caminhos diversos para o homem se encontrar com Deus, realizado no absoluto da fé, muitas são também as religiões que se propõem levar o homem a esse encontro. “As religiões não são iguais”<sup>4</sup>, afirmava Ratzinger em “O sal da terra”. Não há, portanto, uma resposta única. “Os caminhos não são idênticos (...) é realmente tão grande que se torna, em cada um, o seu caminho pessoal”<sup>5</sup>.

Mas existem riscos e perigos também entre as religiões. Também aqui o homem necessita ter claro uma noção de valor absoluto, valor este que se deve equiparar em todas as religiões, já que são elas que remetem a verdade última, ao bem absoluto que, mesmo sob diferentes denominações, significa sempre o mesmo e único Ser, Bom e Perfeito que todos entendem em relação a Deus. Por conta disso Ratzinger alerta: “A mais perigosa doença do espírito humano é a patologia da religião. Ela existe sim, também nas religiões”<sup>6</sup>, mas, mesmo sob esse risco na religião, a sua negação ou indiferença perante ela, posicionamento típico do relativismo, conforme o entende Ratzinger, implica ainda mais numa condição patológica humana, porque essa patologia “existe, sobretudo quando a religião como tal é rejeitada e se atribui aos bens relativos um valor absoluto”<sup>7</sup>.

## 1.1 BREVE BIOGRAFIA

No intuito de enriquecer esta pesquisa, apresentamos de maneira o mais sucinta possível, uma biografia resumida sobre o teólogo Joseph Ratzinger. Nosso objetivo é ampliar a visão do leitor no que diz respeito ao contexto concreto, e que

---

<sup>3</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 27.

<sup>4</sup> Idem, p. 20.

<sup>5</sup> Idem, p. 28.

<sup>6</sup> BENTO XVI. **Fé, Verdade, Tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p 232.

<sup>7</sup> Ibidem.

contribuiu decisivamente na construção de seu pensamento. Contexto a partir do qual, situa-se a sua visão de mundo, bem como de aspectos que resultam na formulação de sua construção teológica, o que aqui, propriamente, nos interessa. Assim, pretendemos delinear a sua trajetória de vida, acreditando que, com isso, possamos compreender melhor a construção do pensamento do protagonista desta pesquisa.

Joseph Ratzinger nasceu na Baviera, uma importante província alemã, no ano de 1927. Seu pai era um oficial da polícia rural, homem profundamente religioso; será no futuro um adversário decidido do regime nacional-socialista. Ratzinger relata ter ouvido muitas vezes o pai afirmar, pelo ano de 1940, em plena guerra mundial, que a “vitória de Hitler representaria a vitória do anticristo”<sup>8</sup>. Tais comentários demonstram a religiosidade reinante na família. Já por volta do ano de 1934, logo depois que Hitler assumiu o poder tomando para si o título de *führer*, que quer dizer *guia*, Ratzinger lembra que “meu pai sofria muito por estar a serviço de um poder estatal cujos detentores ele considerava criminosos”<sup>9</sup>. Maria, mãe de Joseph, também ela alemã, nasceu na região do Tirol. Trabalhou em pequenos hotéis onde exercia a função de cozinheira. Segundo palavras do filho Joseph, era em casa uma autêntica “faz-tudo”. Graças ao seu trabalho, ainda segundo Joseph, aprendeu a fazer deliciosas iguarias e guloseimas que se tornaram prazeres degustativos para toda a família. O nosso teólogo teve dois irmãos: Maria, nascida em 1921, e Georg, em 1924. Este seguiria também o caminho do sacerdócio. A situação econômica dos Ratzinger era a de uma família da classe média.

Desde muito cedo o jovem Ratzinger já manifestava claramente sinais de que seguiria a carreira eclesiástica. Uma de suas mais caras lembranças do período infantil, com efeito, é a sua admiração e o apego aos rituais litúrgicos que presenciava na Igreja local. Em suas “Lembranças”, guarda com carinho na memória alguns dos presentes que ele considerou como “mais preciosos” recebidos quando era ainda um menino:

---

<sup>8</sup> RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Ave Maria, 2006, p. 30.

<sup>9</sup> Idem, p. 15.

Algum tempo depois, ganhei um *Schott*<sup>10</sup> para crianças, no qual os textos essenciais da liturgia já estavam impressos; em seguida, o “Schott dominical” em que a liturgia dos domingos e dias de festa já estava completamente reproduzida; finalmente o missal completo para todos os dias. Cada novo degrau no acesso à liturgia era, para mim, um grande acontecimento. Cada livro novo me era uma preciosidade, e eu não podia sonhar com nada mais lindo. Foi para mim uma aventura cativante esse lento acesso ao misterioso mundo da liturgia<sup>11</sup>.

Em 1939, Ratzinger, contando então doze anos, ingressou no seminário. Porém, já pouco tempo depois, em 1941, foi obrigado a deixá-lo por conta da guerra, junto com seu irmão. Retornaram a casa paterna. Aos dezessete anos, seu irmão Georg foi enviado ao serviço militar, onde serviu como telegrafista. Algum tempo depois, Ratzinger também seguiria o mesmo caminho, embora contasse ainda com idade menos avançada que o irmão. Ratzinger relata assim o episódio de sua convocação:

Em razão da crescente perda de homens, os poderosos inventaram, em 1943, uma novidade. Haviam constatado que alunos de internatos tinham de viver mesmo em comunidades longe de casa e que, por isso, nada impedia que se mudasse o lugar de seu internato, a saber: para as baterias da defesa aérea<sup>12</sup>.

Assim, aos dezesseis anos, Ratzinger teve que servir na base antiaérea de Munique. Em 1944, após prestar serviço durante aproximadamente um ano, quando já contava então dezessete anos, foi dispensado do serviço militar, graças ao fato de ter assumido publicamente seu desejo de fazer-se sacerdote, e enviado para um campo de

<sup>10</sup> Conforme explica o próprio Ratzinger, (2006, p. 20), “Schott” era o missal, originalmente em latim, traduzido para a língua alemã. O nome se deve a um monge beneditino chamado Anselm Schott.

<sup>11</sup> RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 20 e 21.

<sup>12</sup> Idem, p. 33.

trabalhos forçados: “uma espécie de culto da pá e do trabalho como força libertadora”<sup>13</sup>, onde executava tarefas estritamente braçais. Sobre esse episódio, Ratzinger relata que, após seu imediato regresso de Munique para a casa paterna, vindo do serviço na base antiaérea, recebeu a convocação para treinamento básico em infantaria. Ali sofreu junto de outros companheiros, pois os soldados que já prestavam serviço, forçavam os novatos a se alistar para o serviço na S.S. Isso só não ocorreu por conta de sua vocação religiosa: “eu, com mais alguns, tive a felicidade de poder dizer que pretendia me tornar sacerdote católico”<sup>14</sup>.

Finalmente, encerrando esse período de tragédias humanas pelas quais passaram muitos daqueles que viveram durante a segunda guerra, em junho de 1945, depois de um mês como prisioneiro de guerra, o jovem Ratzinger retorna à casa dos pais. Já no natal daquele ano, decide retomar seus estudos no seminário.

Ordena-se padre em 1951, aos 24 anos. Dois anos depois, obtém o título de doutor em teologia, e em 1956, a livre docência. Em 1960, aos 33 anos, Ratzinger, já era um conhecido e respeitado professor de teologia fundamental da universidade de Bonn. Aqui tem início sua carreira docente. Durante os próximos anos, nessa função, Ratzinger passará a ser conhecido como um professor profundamente provocador e analítico. Uma de suas principais características era a de levar os seus alunos a especializarem-se na identificação de pontos fracos das argumentações. Ao longo desse período, Ratzinger se destaca como um teólogo crítico da teologia dominante.

Também no ano de 1960, escrevia sua obra “A fraternidade cristã”, uma coletânea de suas conferências pronunciadas ao longo do ano de 1958 no então muito famoso “Instituto Pastoral de Viena”. Ali desenvolveu uma teologia voltada ao pensamento da fraternidade entre os católicos e protestantes em geral. Já prenunciava assim seu posicionamento ecumênico, ainda incipiente no mundo católico de então. Referindo-se aos protestantes, Ratzinger dizia:

---

<sup>13</sup> RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 36.

<sup>14</sup> Ibidem.

A comunidade de irmãos é formada de modo imediato por aqueles que comungam de uma mesma fé. Sendo assim, os que se separaram dessa comunidade, concretamente os protestantes, não fazem parte da comunidade. Têm a sua própria comunidade, a da sua Igreja. Ora, bem, se a comunidade está constituída em sentido estrito pelos fieis de uma só igreja, o mínimo que se pode exigir é que ambas as comunidades – a católica e a evangélica – se entendam como irmãs no Senhor depositárias de uma mesma fé no meio de um mundo descrente<sup>15</sup>.

Estudar, dar aulas, pesquisar, publicar, era essa a vocação do teólogo Ratzinger, desenvolvida com muito sucesso e empenho entre os anos de 1958 – 1977. Tudo isso, sem jamais se descuidar de sua condição de sacerdote, segundo relatos do sacerdote católico americano, convertido do anglicanismo, John Jay Hughes, que conheceu Ratzinger no início de sua carreira. O futuro do professor Ratzinger seria brilhante. Cedo, em 1977, aos cinqüenta anos, já seria nomeado Cardeal.

### 1.1.1 Formação inicial do teólogo

O jovem seminarista Ratzinger iniciou seus estudos teológicos na Universidade de Frisinga. Com a idade de dezenove anos não poderia, nem de longe, prever a extraordinária carreira que o futuro Ihe reservava. Aos 78 anos chegaria ao cume máximo na hierarquia da Igreja Católica, como Sumo Pontífice. Sua primeira casa de estudos teológicos após o término da guerra reunia um grupo de 120 seminaristas, sendo que, entre eles, reinava grande variedade, tanto de idades como de experiências de vida: “Éramos um grupo bastante diversificado, aqueles 120 seminaristas reunidos ali em Frisinga, a fim de enveredarem para o sacerdócio (...); alguns já tinham quase 40 anos; outros como eu, apenas 19”<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> RATZINGER (1960, BIANCO, P. **Joseph Ratzinger: uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 57 – 58).

<sup>16</sup> RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 47.

Desde ali, no seminário de Frisinga, o teólogo Romano Guardini, que terá importante influência no pensamento de Ratzinger, já lhe causava admiração. Segundo Ratzinger, “nos âmbitos teológico e filosófico, um dos autores cujas vozes nos atingiam mais diretamente era Romano Guardini”<sup>17</sup>. Houve ainda outros pensadores da época importantes em sua formação, entretanto, no decorrer de sua carreira, não continuariam com essa mesma influência de Guardini. Também ali, em Frisinga, desde cedo, Ratzinger percebeu que seus interesses teológicos se direcionavam, naturalmente, muito mais ao pensamento de Agostinho, isto é, para a corrente teológica agostiniana, do que para a tomista, se colocarmos Agostinho em contraste com Santo Tomás, a quem Ratzinger julgava muito frio e metódico. Segundo Ratzinger, “sua lógica cristalina me parecia por demais fechada dentro de si mesma, impessoal e acabada demais”<sup>18</sup>.

Dando seqüência aos seus estudos, Ratzinger se muda em 1947 do seminário de Frisinga para a universidade de Munique. No novo ambiente, o seu interesse pelo aprofundamento teológico se sobrepõe ao seu desejo de dedicar-se ao trabalho pastoral, que em Frisinga, dominava seu primeiro interesse no caminho rumo ao sacerdócio. O ambiente de aulas e as expectativas de grandes palestras envolvendo respeitados professores passaram a centralizar seus interesses.

Entre os grandes temas que agitavam a época no ambiente universitário e, de resto, em todo mundo cristão, eram as grandes dúvidas, lançadas inclusive por respeitadíssimos teólogos, em relação às fontes dos evangelhos, ou seja, questões de exegese bíblica<sup>19</sup>. Ratzinger, desde cedo, assumiu a posição defendida pelo grande teólogo Friedrich W. Maier, este considerado em Munique, como o maior “astro da faculdade”<sup>20</sup>. Maier, quando jovem professor e sacerdote, teria sido um dos maiores defensores da incipiente teoria da *Fonte Q*, o que lhe havia custado o emprego, pois,

---

<sup>17</sup> RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 49.

<sup>18</sup> Idem, p. 51.

<sup>19</sup> Nesse caso, especialmente, a teoria das duas fontes. Segundo essa teoria, existiram duas fontes originais da qual teriam derivado os evangelhos sinóticos. A primeira fonte se deve ao evangelho escrito por Marcos, ou seja, Mateus e Lucas teriam escrito seus respectivos evangelhos tomando por base o que Marcos já havia escrito. A segunda fonte seria uma coleção de palavras ditas por Jesus. Portanto a teoria toma como ponto central as fontes originais dos evangelhos. Também por isso a letra “Q” de *Quelle*, que quer dizer fonte. Assim, essa teoria terminou conhecida ou denominada como fonte Q.

<sup>20</sup> RATZINGER, op.cit., p. 58.

nessa época, Roma considerava essa teoria uma especulação abusiva contra os evangelhos. Segundo conta Ratzinger: “A tese de Maier foi considerada uma espécie de capitulação diante do liberalismo; ele tinha que ser demitido do professorado acadêmico”<sup>21</sup>.

Roma lhe impôs então o *Recedat a cathedra*. Maier, contudo, na época em que Ratzinger freqüentava suas aulas em Munique, já havia superado a questão, assim como também grande parte da comunidade teológica mundial, que já aceitava a tese com mais complacência, ainda que o mesmo não se pudesse afirmar de Roma. Mesmo assim, referindo-se ao teólogo Maier, Ratzinger afirma que “o trauma de sua demissão, ele nunca conseguiu superar totalmente, sentindo uma espécie de amargura em relação a Roma”<sup>22</sup>.

O método histórico crítico liberal avançava em plena época estudantil do jovem teólogo Ratzinger. É Romano Guardini que, para Ratzinger, faz uma leitura da questão suficientemente capaz de identificar os perigos intrínsecos nesses avanços: “Diante da nova orientação”, afirma Ratzinger, “Guardini foi o primeiro a elaborar, no drama do modernismo uma leitura capaz de realmente realçar a questão”<sup>23</sup>. Ele havia denominado tais movimentos, observa Ratzinger, como um “liberalismo limitado pelo dogma”<sup>24</sup>. Para Guardini, a posição de Maier era insuficiente para responder aos novos desafios presentes na questão. Mesmo assim, segundo conta Ratzinger, “é mérito de Maier que a Sagrada Escritura tenha se tornado a alma de todo nosso estudo teológico”<sup>25</sup>.

### 1.1.2 Ratzinger: o teólogo se torna Papa

---

<sup>21</sup> RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 59.

<sup>22</sup> *Ibidem*.

<sup>23</sup> *Ibidem*.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 60.

<sup>25</sup> RATZINGER (2006, apud TERRA, J. **Itinerário teológico de Bento XVI**. São Paulo: Ave Maria, 2005, p. 36).

De 1970 a 1977, Ratzinger retorna às suas aulas de dogmática. A universidade de Ratisbona contava agora com o grande exegeta Heinrich Schlier. Esses anos, em Ratisbona, foram para Ratzinger “um tempo de fecundo trabalho teológico”<sup>26</sup>. Nesse período, na universidade, o teólogo se dedicava em encontrar o seu caminho pessoal dentro da vasta riqueza teológica pululante na Europa, especialmente ali, na Alemanha: “alegrava-me a idéia de poder dizer algo novo, mas totalmente desenvolvido dentro da fé da Igreja”<sup>27</sup>.

Nesse contexto, o teólogo, agora com larga experiência e com seu nome consolidado entre os mais respeitados do mundo cristão, especialmente católico, ocupava importantes cargos no mundo acadêmico: era o decano e também vice-reitor da universidade. Ratzinger esperava então dedicar-se inteiramente ao aprofundamento teológico, especialmente, rever toda sua teologia dogmática em busca de uma visão global, visão essa que, segundo ele “se alimentava com as múltiplas experiências e conhecimentos com os quais meu caminho teológico me havia confrontado”<sup>28</sup>.

Mas, “ficou claro, porém, que isso não me estava destinado. Mal tinha começado, fui chamado para outra tarefa”<sup>29</sup>. Em 1977, Ratzinger era nomeado arcebispo de Colônia, e em seguida, no mesmo ano, sagrado Cardeal pelo Papa Paulo VI. Em 1981, o Cardeal Ratzinger era escolhido prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, por João Paulo II e também, presidente da Comissão Teológica Internacional. Coroando essa extraordinária carreira eclesiástica, finalmente, em 19 de abril de 2005, o Cardeal Ratzinger é eleito o 265º. papa da Igreja Católica, com o nome de Bento XVI.

### 1.1.3 Obras, títulos e homenagens<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 131.

<sup>27</sup> Idem, p. 132.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> Ibidem.

<sup>30</sup> Fonte: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/biography/documents/hf\\_benxvi\\_bio\\_20050419\\_s\\_hort-biography\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/biography/documents/hf_benxvi_bio_20050419_s_hort-biography_po.html). © Copyright 2005 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 21 ago. 2009.

O teólogo Joseph Ratzinger vem recebendo, ao longo da sua trajetória teológica, o reconhecimento de variados organismos internacionais pelas suas importantes contribuições na área. Enumeramos a seguir, algumas relevantes passagens de sua carreira. No ano de 1953, doutorou-se em teologia com a tese “Povo e Casa de Deus na doutrina da Igreja de Santo Agostinho”. Passados quatro anos, sob a direção do conhecido professor de teologia fundamental Gottlieb Söhngen, conseguiu a habilitação para a docência com uma dissertação sobre “A teologia da história em São Boaventura”. Depois de desempenhar o cargo de professor de teologia dogmática e fundamental na Escola Superior de Filosofia e Teologia de Freising, continuou a docência em Bonn, de 1959 a 1963; em Münster, de 1963 a 1966; e em Tubinga, de 1966 a 1969. A partir deste ano de 1969, passou a ser catedrático de dogmática e história do dogma na Universidade de Ratisbona, onde ocupou também o cargo de Vice-Reitor da Universidade.

Em 1978, já cardeal, participou no Conclave, celebrado de 25 a 26 de Agosto, que elegeu João Paulo I; este nomeou-o seu Enviado especial ao III Congresso Mariológico Internacional que teve lugar em Guayaquil (Equador) de 16 a 24 de Setembro. No mês de Outubro desse mesmo ano, participou também no Conclave que elegeu João Paulo II. Foi Relator na V Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos realizada em 1980, que tinha como tema “Missão da família cristã no mundo contemporâneo”, e Presidente Delegado da VI Assembléia Geral Ordinária, celebrada em 1983, sobre “A reconciliação e a penitência na missão da Igreja”.

João Paulo II nomeou-o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional, em 25 de Novembro de 1981. No dia 15 de Fevereiro de 1982, renunciou ao governo pastoral da arquidiocese de München e Freising. O Papa elevou-o à Ordem dos Bispos, atribuindo-lhe a sede suburbicária de Velletri-Segni, em 5 de Abril de 1993. Foi Presidente da Comissão encarregada da preparação do Catecismo da Igreja Católica, a qual, após seis anos de trabalho (1986-1992), apresentou ao Santo Padre o novo Catecismo.

A 6 de Novembro de 1998, o Santo Padre aprovou a eleição do Cardeal Ratzinger para Vice-Decano do Colégio Cardinalício, realizada pelos Cardeais da Ordem dos Bispos. E, no dia 30 de Novembro de 2002, aprovou a sua eleição para Decano; com este cargo, foi-lhe atribuída também a sede suburbicária de Óstia. Em 1999, foi como Enviado especial do Papa às celebrações pelo XII centenário da criação da diocese de Paderborn, Alemanha, que tiveram lugar a 3 de Janeiro. Desde 13 de Novembro de 2000, era Membro honorário da Academia Pontifícia das Ciências.

Na Cúria Romana, foi Membro do Conselho da Secretaria de Estado para as Relações com os Estados; das Congregações para as Igrejas Orientais, para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para os Bispos, para a Evangelização dos Povos, para a Educação Católica, para o Clero, e para as Causas dos Santos; dos Conselhos Pontifícios para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e para a Cultura; do Tribunal Supremo da Signatura Apostólica; e das Comissões Pontifícias para a América Latina, *Ecclesia Dei*, para a Interpretação Autêntica do Código de Direito Canônico, e para a revisão do Código de Direito Canônico Oriental.

Entre as suas numerosas publicações, ocupam lugar de destaque o livro “Introdução ao Cristianismo”, uma compilação de suas lições universitárias sobre a profissão de fé apostólica, e o livro “Dogma e Anúncio”, uma antologia de ensaios, homilias e meditações, dedicadas à pastoral. No decurso dos anos, continuou abundante a série das suas publicações, constituindo um ponto de referência para muitas pessoas, especialmente para os que queriam entrar em profundidade no estudo da teologia. Duas entrevistas, dadas enquanto Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé foram também publicadas como livro-entrevista. São respectivamente: “Relatório sobre a Fé. O cardeal Ratzinger se interroga” e “O sal da terra”. Por ocasião do seu septuagésimo aniversário, publicou o livro “Na escola da verdade”, onde aparecem ilustrados vários aspectos da sua personalidade e da sua obra por diversos autores. Mais recentemente, saíram as obras: “Fé, verdade, tolerância” e “Jesus e Nazaré”.

Recebeu numerosos doutoramentos “honoris causa”: pelo College of St. Thomas em St. Paul (Minnesota, Estados Unidos), em 1984; pela Universidade Católica de

Eichstätt, em 1987; pela Universidade Católica de Lima, em 1986; pela Universidade Católica de Lublin, em 1988; pela Universidade de Navarra (Pamplona, Espanha), em 1998; pela Livre Universidade Maria Santíssima Assunta (LUMSA, Roma), em 1999; pela Faculdade de Teologia da Universidade de Wroclaw (Polônia) no ano 2000.

## 1.2 O PENSAMENTO DE RATZINGER

Ao longo do desenvolvimento da sua carreira teológica, Ratzinger esforçou-se especialmente em pensar junto com a Igreja. Ainda jovem já demonstrava essa característica, tipicamente peculiar à sua educação familiar. Depois de tantos encontros e desencontros com os mais importantes pensadores de sua época, especialmente devido ao fato de sua formação ter sido realizada num dos maiores centros teológicos do século XX, acentuadamente na Alemanha das décadas de 1920 a 1960, o teólogo amadureceu e se tornou uma das referências daqueles centros, alcançando posteriormente, vôos mais vastos atingindo o restante do mundo católico.

Após sua participação efetivamente ativa no Concílio Vaticano II, como perito em teologia, revelou-se como um dos mais brilhantes teólogos daquela geração. Apesar dos referidos desencontros com grandes expoentes teológicos, Ratzinger obteve também, em medida superior, grandes encontros que enriqueceram em muito sua construção teológica pessoal, sem com isso, jamais desencontrar-se com a doutrina da Igreja.

### 1.2.1 Fontes teológicas no pensamento de Ratzinger

Ratzinger absorveu, ao longo de suas construções teológicas, muitas concepções sistematizadas. Como princípio pessoal, se esforça por manter suas concepções teológicas em plena conformidade com o magistério eclesial. Nesse sentido, entre duas das mais importantes correntes tradicionais do pensamento teológico sistemático, desenvolvidas ao longo da história do cristianismo, o agostianismo e o tomismo, Ratzinger assimila mais intensamente a do primeiro, como já

identificávamos anteriormente. Justamente, sua tese de doutorado abordava o conceito de revelação em São Boaventura, contemporâneo de Santo Tomás, e que já seguia pela linha filosófico-teológica de Agostinho. Bom conhecedor de Ratzinger, seu orientador para tese, o professor Gottlieb Sohngen, direcionou-o para essa linha, pois, como diz Ratzinger: “ele sabia que eu tinha mais afinidades com a corrente agostiniana do que com a tomista”<sup>31</sup>.

Assim, desde cedo, o pensamento de Ratzinger se encaixa na teologia magisterial, bem ao modo de Santo Agostinho. Igualmente o será Ratzinger, em toda extensão de seu percurso intelectual teológico. Também como em Agostinho, a fé pressupõe o encontro com a “Verdade”; por isso, “quando se estuda teologia”, afirma Ratzinger, “não se quer aprender um ofício, mas sim compreender a fé”<sup>32</sup>. Na esteira de Agostinho, Ratzinger busca “compreender para crer”. Ao lado da sua busca incansável pela verdade no absoluto da fé, o núcleo central de seu pensamento, Ratzinger se dedicou também, como núcleo específico da sua teologia, a compreender cada vez melhor a Igreja. Para isso, Ratzinger afirma que nunca procurou “construir um sistema próprio, uma teologia especial”. E continua: “eu queria simplesmente pensar com a fé da Igreja, e isso significa, sobretudo, pensar com os grandes pensadores da fé”<sup>33</sup>.

O pensamento de Agostinho forma, assim, uma base bastante relevante no processo constitutivo do seu pensamento teológico. No que respeita a influências mais diretas, Ratzinger, como ele mesmo o diz em várias passagens de suas obras, e como identificamos anteriormente, cita o teólogo Romano Guardini<sup>34</sup>. De fato, Ratzinger o tem

<sup>31</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: O cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 50 e 51.

<sup>32</sup> Idem, p. 49.

<sup>33</sup> Idem, p. 54.

<sup>34</sup> Romano Guardini, nascido em 1885 e falecido em 1968, teólogo de origem italiana, mas com formação preponderante alemã. Guardini é, confessadamente, um dos teólogos mais admirados por Ratzinger. Em recente audiência concedida aos participantes do Congresso promovido pela Fundação Romano Guardini, sediada em Berlim, o Papa Bento XVI afirmava que “o teólogo Guardini viveu toda sua vida de sacerdote e de teólogo em busca da verdade”. Nesse sentido, para Guardini, afirmava ainda o Papa, “a visão cristã de mundo é o instrumento que traz ao homem a liberdade através da verdade”. Fonte: <http://radiovaticana.org/bra/Articolo.asp?c=435036>. Acesso em: 10 de out. 2010.

como um de seus principais mentores intelectuais<sup>35</sup>. Outro teólogo que influenciou sua carreira foi de Lubac, fonte importante de sua inspiração. Tendo sido presenteado, em 1947, com a obra “Catolicismo” de H. de Lubac, Ratzinger, em sua obra auto-biográfica, relata a importância que este livro exerceu em sua vida:

Este livro tornou-se para mim uma leitura de referência. Ele não só me transmitiu um novo e mais profundo relacionamento com o pensamento dos Santos Padres, mas também uma nova e mais profunda visão sobre a teologia e a fé em geral. A fé era aqui uma visão interior, tornada novamente atual precisamente pensando junto com os Santos Padres. Naquele livro se percebia o tácito confronto com o liberalismo e com o marxismo, a dramática luta do catolicismo francês para abrir uma nova brecha para a fé na vida cultural de nosso tempo<sup>36</sup>.

### **1.2.2 Percurso intelectual de Ratzinger: sua visão de mundo.**

Desde os anos de 1956 e 1957, Ratzinger vinha estreitando amizade com os teólogos Karl Rahner e Hans Küng, ambos, teólogos de visão alternativa à teologia dominante da Igreja Católica. Em 1961, em colaboração com Rahner, publica o volume “Episcopado e primado” na coleção *Quaestiones disputatae*, dirigida pelo próprio Rahner. Ali Ratzinger expõe um breve ensaio sobre o tema do primado, relacionado-o com o surgimento ou desenvolvimento histórico do termo “católico” e “romano”. Seu objetivo era o de estabelecer uma ligação direta entre o cristianismo nascente e Roma, a cidade regada pelo sangue dos dois grandes apóstolos Pedro e Paulo. Ainda no ano de 1961, publicou um importante artigo intitulado “Teologia do Concílio”, em pleno ano de convocação do Vaticano II pelo Papa João XXIII. Ratzinger não poderia imaginar, mas esse artigo acabaria tendo uma importância determinante no futuro de sua carreira eclesiástica. Em linhas gerais, dizia o artigo:

---

<sup>35</sup> Tendo em vista a importante influência de Guardini sobre Ratzinger, abordaremos alguns aspectos do seu pensamento teológico na seqüência desta pesquisa.

<sup>36</sup> RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 70.

O Concílio não é um parlamento e os bispos não são uns deputados com um poder e um mandato que lhes vêm de um povo que os escolheu. Os bispos não representam o povo, mas Cristo, de quem recebem a consagração e a missão. Por isso, quando se trata do que é mais próprio da Igreja, também não falam em lugar ou por mandato do povo, mas em lugar e por mandato de Cristo<sup>37</sup>.

Seu artigo agradara muito ao Cardeal Frings, o arcebispo de Colônia. Por conta disso, Ratzinger viria a ser convidado para a função de secretário do Cardeal no Concílio Vaticano II. O Cardeal Frings era considerado uma lenda nos círculos eclesiais europeus. Tinha, concomitantemente, a função de presidente da Conferência Episcopal alemã. Como colaborador de Frings no Concílio, Ratzinger teve a oportunidade, que ele relata como tendo sido de suma importância para o futuro de sua construção teológica, de conhecer teólogos de grande envergadura no cenário especificamente católico: Henri de Lubac, Jean Daniélou, Yves Congar, Gerard Philips, entre outros. Durante o Concílio, Ratzinger pronunciou várias conferências em Roma, adquirindo com isso considerável fama. Apresentou, ao lado de Rahner, um esquema alternativo para o tema da Revelação, tema esse, muito discutido no Concílio. Grande parte da platéia nesta apresentação era composta de cardeais, naturalmente, presentes também no Concílio.

Ratzinger e Rahner trabalharam juntos em diversas ocasiões do Concílio, entretanto, apesar dos muitos pontos teológicos convergentes, os dois teólogos acabariam, depois do Concílio, tomando posicionamentos divergentes, o que significaria, em breve, o fim da parceria entre os dois. Em 1963, morre João XXIII em pleno curso do Concílio. Assume o papado Paulo VI, que decide dar continuidade ao mesmo. Nesse mesmo ano, Ratzinger é convidado, e aceita, assumir a Cátedra de Teologia Dogmática em Münster. Também no mesmo ano, Paulo VI nomeava Ratzinger

---

<sup>37</sup> RATZINGER (1961, apud BIANCO P. **Joseph Ratzinger: uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 58).

perito no Concílio. Nessa condição, ele colabora na Constituição dogmática *Lumen Gentium* e também no decreto *Ad Gentes*, sobre a dimensão missionária da Igreja.

Após o término do Concílio, Ratzinger retorna às suas atividades docentes em Münster. Logo em seguida, por insistência do teólogo Hans Küng e com o apoio entusiástico deste, Ratzinger se candidata à segunda Cátedra de Dogmática instituída pela universidade de Tubinga, o centro teológico europeu mais agitado da época. Graças ao apoio de Küng, Ratzinger foi eleito em 1966. Desde 1957 os dois teólogos já travavam uma boa relação de amizade, ainda hoje muito cara a Ratzinger, segundo suas próprias declarações. Em Tubinga, Ratzinger conhece Jürgen Moltmann e Ernst Bloch. Em 1965, é fundada a revista internacional de teologia “Concilium”, que terá grande circulação no mundo, de cujo conselho de redação Ratzinger participou<sup>38</sup>. Essa revista é tida como representante dos novos pensamentos teológicos, considerados mais críticos em relação à teologia então dominante. Em 1967 Ratzinger escreve sua principal obra, na época, de grande sucesso: “Introdução ao cristianismo”, onde tratava temas importantes como as dúvidas da fé. Era considerado, então, como um teólogo de visão progressista moderada no meio eclesial.

Acontece que o ambiente universitário em Tubinga vinha sofrendo sérias controvérsias teórico-especulativa no campo teológico e social. A influência do pensamento marxista atingia em cheio a mentalidade dos jovens estudantes universitários, inclusive dos estudantes de teologia. Tubinga estava no “olho do furacão” referente às mudanças que se configuravam com a nova visão teológica que vinha se constituindo em todo mundo cristão. Para se ter uma idéia dessa situação paradoxal e flagrantemente desordenada, citamos uma passagem em que Terra expõe as atitudes dos estudantes. Em meados de 1969: “a Associação de Estudantes da Faculdade Teologia Protestante de Tubinga distribuiu um panfleto onde afirmava que a Cruz de Jesus representava a adoração sadomasoquista da dor”, e arrematava ainda esse mesmo panfleto: “Maldito seja Jesus”<sup>39</sup>.

<sup>38</sup> Ratzinger afastou-se, algum tempo depois, da linha editorial desta revista. Ele entendeu que a revista seguia por caminhos excessivamente críticos à Igreja.

<sup>39</sup> TERRA, J. **Itinerário teológico de Bento XVI**. São Paulo: Ave Maria, 2006, p.123.

Em meio a estas, e muitas outras, manifestações altamente apaixonadas, em que os estudantes de teologia expunham seus pensamentos e seus desejos de transformação radical da sociedade, justamente a partir de proposições marxistas, Ratzinger viu-se deslocado. Sua perspectiva teológica não compartilhava desse novo modelo. É Küng que narra o impacto que essas mudanças radicais provocaram em Ratzinger:

Grupos de estudantes invadiam as aulas e se apoderavam de microfones dos professores. A diferença é que eu reagia, tentava discutir, enquanto Ratzinger não controlava a situação naquele contexto tão emotivo. Um dia um grupo desses estudantes adentrou as salas de aulas para dar início a debates. Os professores reagiam de forma diferentes, uns riam outros aceitavam. Ratzinger reuniu as suas coisas e abandonou a aula<sup>40</sup>.

Esses acontecimentos teriam sido, relata o teólogo Küng, decisivos na visão de mundo de Ratzinger. Segundo D. Terra, o teólogo Küng teria ainda afirmado que “Ratzinger rejeitou completamente aquele caos e creio que foi o ponto decisivo da sua mudança para uma orientação conservadora”<sup>41</sup>. Em 1967, Ratzinger recebe o convite para lecionar teologia em Ratisbona, centro teológico bem menos acalorado que Tubinga. Nessa época, a faculdade estava ainda em construção. Ratzinger aceita, deixando então a prestigiada universidade de Tubinga. Pelo ano de 1969, a revista *Concilium* estava sob a orientação principal de H. Küng e E. Schillebeeckx. Sob a orientação destes dois teólogos, a revista caminhava a passos largos para um autêntico “progressismo”. Enquanto isso, em Münster, Ratzinger adquiria grande prestígio, sendo escolhido assessor dos bispos alemães e membro da Comissão Teológica Internacional. Para muitos, essa comissão representava uma espécie de contrapeso a Congregação para a Doutrina da Fé. Nesse período o lema da Congregação era resumidamente: “sempre igual”.

<sup>40</sup> KÜNG, H. (1969, apud TERRA, J. **Itinerário teológico de Bento XVI**. São Paulo: Ave Maria, 2006, p. 123).

<sup>41</sup> Ibidem.

Na nova função, Ratzinger estreita suas concepções teológicas às concepções de H. de Lubac e Hans Urs Von Balthasar, teólogos de concepções mais moderadas, no que se relaciona às discordâncias com a teologia eclesial dominante, ao mesmo tempo em que se distancia de K. Rahner, que também fazia parte dessa comissão. Em 1973, Rahner resolve deixar a comissão, enquanto Ratzinger e Balthasar tornam-se grandes amigos, amizade que permanecerá até a morte deste, em 1988. Junto de H. de Lubac e Balthasar, Ratzinger fundou a revista *Communio* com uma orientação mais claramente moderada, que aquela da revista *Concilium*, da qual Ratzinger fora um dos fundadores. Na nova linha editorial, Ratzinger pedia fidelidade ao Concílio Vaticano II.

Na entrevista concedida ao jornalista V. Messori, ao ser perguntado sobre os motivos que o levaram a fazer parte do grupo que fundou a revista *Concilium*, Ratzinger respondia que tomara essa decisão porque jamais ousou seguir por caminhos que o levassem a um distanciamento da unidade doutrinal da Igreja. Uma de suas exigências básicas, para a composição do grupo ao qual se juntou na fundação da revista era justamente o de que: “o nosso grupo não deveria ser sectário, arrogante, como se fôssemos a nova e verdadeira Igreja, um magistério alternativo com toda a verdade do cristianismo no bolso”<sup>42</sup>. O que o levou a deixar o grupo, alguns anos depois, foi sua busca por se manter “sempre fiel ao Vaticano II”<sup>43</sup>. Argumentava em favor do “hoje da Igreja, sem nostalgias por um ontem irremediavelmente passado e sem impaciências por um amanhã que não é nosso”<sup>44</sup>.

Ratzinger buscou manter sempre coesa e inalterada a base na qual construiu sua visão de mundo. Ao longo do percurso intelectual que desenvolveu, especialmente estudando e conhecendo as mais diversificadas interpretações teológicas, tanto por serem próprias de seu tempo, mas também, do riquíssimo e profícuo ambiente teológico universitário, Ratzinger sempre deixou claro seu caminho central. Já desde o início de sua futura brilhante carreira, quando participou e ganhou o concurso com o

---

<sup>42</sup> RATZINGER J. /MESSORI V. **A fé em crise? O cardeal Ratzinger se interroga**. São Paulo: EPU, 1985, p. 8.

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> Idem, p. 9.

tema: “Povo e casa de Deus na Doutrina da Igreja em Santo Agostinho”. Esse, com efeito, um tema presente em toda sua vida. Conforme afirma Terra, amigo pessoal e bom conhecedor do teólogo, “na sua formação teológica, o estudo da Bíblia teve influência fundamental e essencial”<sup>45</sup>. Dentro da sua concepção bíblica, a partir dos seus estudos pessoais, para Ratzinger, Cristo e a revelação de Deus, presente na Bíblia formam “um acontecimento que se realizou uma vez e se realiza ainda continuamente pela fé e pelo qual se instaura uma nova relação entre Deus e o homem”, lembra Terra<sup>46</sup>.

#### 1.2.2.1 A influência teológica de Romano Guardini

O posicionamento teológico de Romano Guardini traz importantes desdobramentos na visão de mundo do teólogo Ratzinger<sup>47</sup>. Em várias de suas obras, com efeito, Ratzinger faz questão de ressaltar essa influência. Em artigo publicado na revista *chiesa*<sup>48</sup>, divulgado em diversos canais de comunicação da web temos exemplo disso:

Como teólogo, como cardeal e também como Papa, Ratzinger confessou muitas vezes em seus livros que queria continuar recorrendo às trilhas abertas por Guardini. Em *Jesus de Nazaré* declara desde as primeiras páginas que tem em mente um clássico de seu mestre: *O Senhor*. E na *Introdução ao espírito da liturgia* mostra já desde o título que se inspira numa obra mestra do mesmo Guardini: *O espírito da liturgia*.<sup>49</sup>

Guardini, no decorrer de suas obras, buscou desenvolver uma visão de unidade filosófico-teológica que abarcasse a existência em toda sua complexidade: unidade

<sup>45</sup> TERRA, J. **Itinerário teológico de Bento XVI**. São Paulo: Ave Maria, 2006, p. 58.

<sup>46</sup> Idem, p. 80.

<sup>47</sup> Muitos autores tiveram grande importância no itinerário espiritual de Ratzinger. Em sua obra “Itinerário teológico de Bento XVI”, Terra afirma que “entre outros mestres que deixaram marcas indelévels em Ratzinger, em primeiro lugar ele destaca Romano Guardini”: cf. 2006, p. 43.

<sup>48</sup> Fonte: <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/207016?sp=ynoticias>. Acesso em: 12 de jul. 2009.

<sup>49</sup> Referindo-se a esse artigo, a equipe de notícias do Instituto Humanitas Unisinos ressaltava com ênfase que “o jovem Ratzinger teve Romano Guardini como mestre e desde então não cessou de se inspirar no seu pensamento”: [http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com\\_noticias&Itemid18&task=detalh&](http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid18&task=detalh&). © Copyright 2006 - Unisinos - Todos os direitos reservados. Acesso em: 14 jul. 2009.

que, para ele, só se poderia alcançar na fé<sup>50</sup>. Nesse sentido, ele analisa as alterações pelas quais passam o pensamento religioso de uma pessoa diante dos desafios que, naturalmente, encontra em seu desenvolvimento existencial. Esta será também uma preocupação constante presente no pensamento de Ratzinger.

Para Guardini, no que Ratzinger também o segue, fé é vida autêntica, vida no seu sentido último; por isso também, atravessa crises repetidamente, crises que atingem não somente detalhes, mas o seu todo, seu próprio sentido e viabilidade. O fato de alguém professar uma fé, segundo Guardini, e Ratzinger o segue nisso, não o isenta dessas crises e dos questionamentos, inclusive na sua própria fé. Tal crise, afirma Guardini, indica que a pessoa precisa chegar à autonomia em matéria religiosa<sup>51</sup>. Não fazer isso acarretaria no encolhimento da fé, que então se abalaria. A fé individual, que abrange o natural âmbito do subjetivo, isto é, levando em conta o contexto pessoal, mas que, nem por isso se torna necessariamente subjetivista, acaba por tornar-se dependente de outro, quem quer que o seja.

A mensagem proveniente da fé tem para Ratzinger, em plena sintonia com Guardini, uma natureza puramente divina, conforme a visão radicalmente cristã de mundo, constantemente presente em ambos. Ela falaria de coisas que se acham acima de toda a ciência: quem é Deus, que sentido Ele tem para nós, o que somos aos “Seus” olhos. Porém, tão logo a pessoa comece a meditar nessas verdades encontra a sua expressão nas coisas naturais: no mundo, nos homens e na vida. Assim, a verdade divina acha-se em união íntima com os pensamentos humanos<sup>52</sup>. A fé, em si, orienta-se para a mensagem divina, mas como não se podem estabelecer compartimentos estanques, orienta-se também para a existência natural. Ambas formando uma unidade bem consolidada.

---

<sup>50</sup> Cf: MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século XX**. Vol. 1: Os teólogos católicos. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 73.

<sup>51</sup> Idem, p. 74 – 76.

<sup>52</sup> Idem, p. 80.

A fé é, tanto para Guardini como para Ratzinger, um relacionamento do homem, em seu todo, com um Deus vivo<sup>53</sup>: relacionamento do entendimento e da vontade, da mente e do coração, do sentido da vida e da esperança. Ela parte do âmago do ser humano em direção a Deus. Nesse sentido, mesmo confrontada com teorias ou com oposições dos mais diversos teores, é uma fé convencida de que nenhuma teoria, mesmo as científicas, pode opor-se à verdade em si, que se encontra acima de tudo o que é meramente humano. A verdade que, bem ao sentido agostiniano, teria sido revelada por Deus.

No pensamento de Guardini, a fé, exposta na visão cristã de mundo, propicia concretamente uma unidade de vida que resulta numa segurança não comparável a nenhuma outra. Em suas palavras: Só em Deus “encontro o último significado de minha vida (...) porque eu só subsisto em relação a Ele”<sup>54</sup>. A pessoa não é completa sem essa fé em Deus. A segurança que daí advém, seria uma consequência do sentido e dos valores que a fé cristã pode, efetivamente, fornecer à vida humana.

Outro aspecto no qual Ratzinger e Guardini se alinham em grande sintonia é a questão da liturgia. Ambos nutriram, ao longo de sua carreira sacerdotal, especial atenção voltada a esta preciosa forma de expressão viva da fé. É visível o amor que Bento XVI consagra à celebração litúrgica. Martins Terra ressalta que foi Guardini quem contribuiu “mais do que qualquer outro” para a implantação do movimento litúrgico “que haveria de exercer uma influencia decisiva na renovação realizada no Concílio Vaticano II”<sup>55</sup>.

### **1.2.3 Verdade: idéia diretriz da vida e do pensamento de Ratzinger**

Verdade: esta é a questão de fundo, presente constantemente no pensamento do professor e teólogo Ratzinger. Assim também em Bento XVI. Sob o conhecimento de

<sup>53</sup> Para Guardini, o Deus vivo que se manifestou concretamente em Cristo. Cf: MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século XX**. Vol. 1: Os teólogos católicos. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 81.

<sup>54</sup> Idem, p. 80.

<sup>55</sup> TERRA, J. E. M. **Itinerário teológico de Bento XVI**. São Paulo: Ave Maria, 2006, p. 45.

uma verdade última, real, e não simplesmente teórica, filosófica ou subjetivista, é que Ratzinger argumenta em favor da fé num âmbito absoluto. A verdade é um conceito central em seu pensamento, sua divisa episcopal é “colaborador da verdade”.

Onde encontrar a verdade? Essa é, para Ratzinger, a questão fundamental. Em “O sal da terra” ele afirmava: “Verdade e realidade são inseparáveis”<sup>56</sup>, uma não é possível sem a outra. Sendo assim, a verdade tem que ser declarada, e isso ele o faz continuamente: a verdade é revelada em Cristo, e Cristo em Ratzinger, é Deus. Contudo, essa verdade não é uma posse exclusiva que ocorre apenas dentro da profissão de fé cristã, embora, para ele, essa constitua o verdadeiro caminho para seu efetivo e pleno conhecimento. No entender de Ratzinger, a busca de uma verdade última, absoluta, e válida universalmente, passa pela necessária adesão a uma confissão de fé em Deus. Deus representa, assim, em todo seu pensamento, a verdade concreta, real.

Mas essa certeza não foi sempre presente no seu pensamento. No percurso inicial da sua construção teológica, o próprio Ratzinger reconhecia a limitação do homem em afirmar a posse do conhecimento de uma verdade, conforme ele declara no livro-entrevista “O sal da terra”. Por isso ele admitia que “esse tema não foi central para mim logo de início”<sup>57</sup>. Ele tinha receios de saber “se, no fundo, não é presunção dizer que podemos conhecer a verdade, em virtude de todas as nossas limitações”<sup>58</sup>. Por isso ele se questionava perguntando “se não seria melhor por essa categoria em segundo plano”<sup>59</sup>. Afinal, se há dúvidas de que a verdade seja possível, porque se preocupar prioritariamente com ela? Com o passar do tempo, porém, Ratzinger chegava a conclusão de que “a renúncia à verdade não resolve nada: pelo contrário, conduz à arbitrariedade”<sup>60</sup>. Essa renúncia conduziria o homem ao indiferentismo

---

<sup>56</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: O cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 55.

<sup>57</sup> Ibidem.

<sup>58</sup> Ibidem.

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> Ibidem.

existencial: “Tudo o que resta só pode então ser decidido por nós e é substituível”<sup>61</sup>. Com isso, afirma Ratzinger, “o Homem perde a própria dignidade quando não é capaz de conhecer a verdade; quando tudo não passa do produto de uma decisão individual ou coletiva”<sup>62</sup>.

Falar do absoluto da fé em Ratzinger é falar sobre a verdade em si mesma. Onde quer que se encontre essa verdade, lá o homem deve depositar todo seu sentido existencial. Se a verdade dessa fé se dá no hinduísmo, no budismo, no judaísmo ou islamismo, então é lá que o homem deve depositar toda sua decisão de fé. A verdade tem que convencer o homem em toda sua plenitude. Essa “Verdade” em Ratzinger é decididamente a verdade de Cristo. No cristianismo Deus mesmo falou conosco. Aqui está o centro do absoluto da fé de Ratzinger. Em Cristo se realiza a verdade plena do homem, é o que ele defende decididamente, e sem meias palavras. Em Cristo, a verdade é acessível, inteligível e concretamente realizável. Nesse sentido, a afirmação de posse da verdade, não se apresenta como uma afirmação arrogante, inflexível e dogmática. Dentro do contexto das verdades de fé, é necessário ter claro a verdade na qual se crê, pois, o “diálogo inter-religioso exige uma clara exposição das nossas respectivas doutrinas religiosas”<sup>63</sup>. É a verdade que, portanto, pode ser proclamada e defendida em toda diversidade de afirmações do absoluto da fé:

Colocados diante destas interrogações mais profundas, relativas à origem e ao destino do gênero humano, os cristãos propõem Jesus de Nazaré. Ele é a nossa fé, o *Logos* eterno, que se fez carne para reconciliar o homem com Deus e revelar a razão que se encontra na base de todas as realidades. É Ele que hoje anunciamos no foro do diálogo inter-religioso<sup>64</sup>.

---

<sup>61</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: O cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 55.

<sup>62</sup> Ibidem.

<sup>63</sup> BENTO XVI. **Encontro com representantes de outras religiões**. Discurso no Centro Cultural “Pope John Paul II” em Washington, D.C. a 17 de abril de 2008. Fonte: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2008/april/index\\_sp.htm](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/april/index_sp.htm). © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 22 de out. 2010.

<sup>64</sup> Idem.

A verdade, afirmava Ratzinger ainda neste discurso, “nos revela a relação essencial entre o mundo e Deus”. Através de uma busca sincera da verdade, o diálogo inter-religioso contribui para a compreensão fraterna entre os homens. Por isso, Bento XVI pedia em seu discurso:

Permiti que o nosso diálogo e a nossa cooperação inspirem todas as pessoas a meditar sobre as interrogações mais profundas relativas à sua origem e ao seu destino. Possam os seguidores de todas as religiões permanecer unidos na defesa e na promoção da vida e da liberdade religiosa no mundo inteiro<sup>65</sup>.

#### 1.2.4 Textos de base utilizados nesta pesquisa

As obras de Ratzinger utilizadas em nossa pesquisa, ainda que escritas em diversas fases de sua vida, denotam uma preocupação linear com os problemas relacionados a questão base de nosso tema, qual seja, o absoluto da fé e o problema do relativismo. Sob esse aspecto, relaciona-se tanto sob o ponto de vista de um diálogo aberto e transparente com toda a sociedade como também com todas as religiões. Com efeito, desde a sua “Introdução ao cristianismo”, de 1967 até “Jesus de Nazaré” do ano de 2007, então como papa Bento XVI, esse posicionamento de abertura ao diálogo em torno da questão manifesta-se com grande ênfase.

O teólogo Ratzinger, ao longo de sua carreira, escreveu muitas obras. Aqui em nossa pesquisa serão abordadas, especialmente, aquelas que tratam especificamente de nossa questão. Entre estas, conforme escritas cronologicamente, citamos: “Introdução ao cristianismo”, de 1967; “A fé em crise: o cardeal Ratzinger se interroga”, do ano de 1985; “Natureza e missão da teologia”, de 1993; “O sal da terra”, de 1996; “Fé, Verdade e Tolerância”, de 2005; e “Jesus de Nazaré” de 2007. A obra autobiográfica “Lembranças de minha vida”, em que Ratzinger relata sua vida, desde a

---

<sup>65</sup> BENTO XVI. **Encontro com representantes de outras religiões**. Discurso no Centro Cultural “Pope John Paul II” em Washington, D.C. a 17 de abril de 2008. Fonte: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2008/april/index\\_sp.htm](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/april/index_sp.htm). © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 22 de out. 2010.

infância até o ano em que foi sagrado Cardeal, em 1977, do original de 1997, também é aqui utilizada, na edição de 2006 pela editora “Paulinas”. Outra obra relevante ao tema muito aproveitada em nossa pesquisa que aborda, além de curta biografia, também o pensamento central de Ratzinger, é: “Ratzinger, uma biografia”, do ano de 2005, escrita por Pablo Bianco. Bianco é filólogo e doutor em filosofia e teologia dogmática com uma tese sobre Joseph Ratzinger. Recorremos também a obra de D. João Terra que traça, especialmente a partir da autobiografia de Ratzinger exposta em sua “Lembranças de minha vida”, o itinerário teológico de Ratzinger. Utilizaremos também vários dos seus discursos, cuidadosamente selecionados a partir da sua pertinência ao tema, e que foram publicados no site oficial do Vaticano ao longo do seu pontificado, isto é, de 2005 até o corrente ano de 2011. Estas são algumas das obras de Ratzinger que selecionamos para serem aqui abordadas. Com isso visamos ressaltar o percurso intelectual desenvolvido pelo protagonista de nossa pesquisa.

Também serão utilizadas obras de outros autores quando relacionadas ao tema da pesquisa, sejam com pontos de vista favoráveis quanto opostos ou divergentes ao do nosso autor principal. No intuito de facilitar a leitura explicamos a seguir a metodologia usada em relação aos textos desses autores que participam na composição geral do nosso trabalho.

Teremos dois grupos de autores: os principais, que são aqueles que formam a base para a fundamentação dos argumentos trabalhados; e os coadjuvantes, aqueles que, embora relevantes à estrutura do tema, foram utilizados esporadicamente, no intuito de corroborar e, ao mesmo tempo, embasar a idéia desenvolvida. No primeiro caso, em relação aos autores principais, os mesmos serão referenciados, além das notas de rodapé<sup>66</sup>, também na bibliografia, ao final da pesquisa. No segundo caso, em relação aos autores que participam esporadicamente, que denominamos por questões didáticas como coadjuvantes, serão também remetidos, imediatamente após sua

---

<sup>66</sup> Em conformidade com as “Normas de Trabalhos Acadêmicos” da PUCPR: cf. em <http://www.pucpr.br/biblioteca/normas.php>.

citação, à nota de rodapé, com os conseqüentes dados completos da obra utilizada, mas não estarão compondo a referência bibliográfica final.

Pretende-se com isso objetivar ao máximo os referenciais bibliográficos que proporcionam fundamentos à pesquisa, ao mesmo tempo que, de outro lado, ressaltar a obra e os autores que participam de maneira ocasional, evitando também uma composição exagerada na bibliografia final.

Muitos pensadores de nossa atualidade se propõem dialogar com Ratzinger. Entre tantos, escolhemos alguns que, em nossa pesquisa, consideramos importantes interlocutores com o autor em torno do qual gira o desenvolvimento do tema. São eles: Hans Küng, Clodovis Boff, Pablo Bianco e Jürgen Habermas, os quais, de maneira geral, participam de forma convergente com o posicionamento do nosso autor principal. De outro lado, em confronto com Ratzinger no que tange à sua visão de mundo, citamos os filósofos: André Comte-Sponville e Paolo Flores d'Arcais. Quanto aos autores que ratificam e apóiam os posicionamentos de Ratzinger, selecionamos entre outros os Cardeais Tarciso Bertone e Julián Herranz, ambos com posicionamentos globalmente concordantes com Ratzinger.

Tanto os últimos, como os anteriores, são autores que discutem o tema dentro dos parâmetros e perspectivas que Ratzinger também o propõe, ainda que, nem sempre com a mesma constância ou preocupação que o nosso autor. Por conta disso, em determinados momentos, tratam o tema com menor ou maior intensidade (ou profundidade) que Ratzinger.

## CAPÍTULO 2

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DO TEMA CENTRAL DA PESQUISA

Inicialmente, ao estabelecer as bases de sua crítica ao relativismo, Ratzinger procura identifica-lo como outra face de um posicionamento muito defendido em tempos recentes, ainda que já ultrapassados, o racionalismo. Na audiência geral das quartas-feiras, realizada no dia 05 de agosto de 2009, a propósito do aniversário do falecimento de João M. Vianney, o “santo cura de Ars”, Ratzinger assinalava os desafios propostos no relativismo para a sociedade atual. Nessa audiência dizia o papa:

Queridos irmãos e irmãs, a 150 anos da morte do Santo Cura d'Ars, os desafios da sociedade hodierna não são menos exigentes, aliás, talvez se tenham tornado mais complexos. Se então havia a "ditadura do racionalismo", na época atual registra-se em muitos ambientes uma espécie de "ditadura do relativismo"<sup>67</sup>.

Segundo Ratzinger, tanto a concepção racionalista como a relativista são insuficientes para responder as perguntas humanas mais importantes, perguntas estas que viabilizam a construção da própria identidade humana. Para ele, “ambas parecem ser respostas inadequadas à maior exigência do homem, de usar plenamente a sua razão como elemento distintivo e constitutivo da própria identidade”. O problema dessas respostas é que não atingem a globalidade do viver humano. Assim, para Ratzinger:

O racionalismo foi inadequado porque não teve em consideração os limites humanos e pretendeu elevar só a razão como medida de todas as coisas, transformando-a numa deusa; o relativismo contemporâneo mortifica a razão, porque de fato chega a afirmar que o ser humano nada pode conhecer com certeza, para além do campo científico positivo. Porém, tanto hoje como ontem, o homem "mendicante de significado e cumprimento" vai à procura contínua de respostas

---

<sup>67</sup> BENTO XVI: **Audiência geral das quartas-feiras** ocorrida no Vaticano em 05-08-2009. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em 28 abr. 2010.

exaustivas às interrogações fundamentais que não cessa de levantar<sup>68</sup>.

Num discurso pronunciado no Vaticano, em 2010, Ratzinger reafirmava suas críticas ao relativismo<sup>69</sup>. Segundo ele,

a cultura atual sofre em grande medida o efeito de uma visão dominada pelo relativismo e pelo subjetivismo, quer de métodos e atitudes por vezes superficiais e até banais, que danificam a seriedade da investigação e da reflexão quer, por conseguinte, do diálogo, do confronto e da comunicação interpessoal. Portanto é urgente e necessário recriar as condições no estudo e na pesquisa, para que dialoguemos de modo razoável e nos confrontemos eficazmente sobre as diversas problemáticas, na perspectiva de um crescimento comum e de uma formação que promova o homem na sua integridade e plenitude. À carência de pontos de referência ideais e morais, que penaliza particularmente a convivência civil e acima de tudo a formação das jovens gerações, deve corresponder uma oferta ideal e prática de valores e de verdade, de razões de vida fortes e de esperança<sup>70</sup>.

## 2.1 IDENTIFICANDO O TEMA: TERMOS E CONCEITOS

A fim de evitar maiores dificuldades em nossa tentativa de interpretação do pensamento de Ratzinger, e, tendo em vista o teor filosófico e teológico que compõe o nosso tema, entendemos por bem especificar alguns dos conceitos que deverão ser abordados de maneira recorrente no decorrer desta pesquisa. Já o próprio tema em questão, exige de nossa parte, uma definição que aponte os caminhos que queremos percorrer e onde pretendemos chegar. Para isso utilizamos como ferramenta de apoio alguns importantes e respeitados dicionários de filosofia, como do filósofo italiano

<sup>68</sup> BENTO XVI: **Audiência geral das quartas-feiras** ocorrida no Vaticano em 05-08-2009. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em 28 abr. 2010.

<sup>69</sup> BENTO XVI: **Discurso do papa Bento XVI aos participantes na 14<sup>a</sup>. Assembléia pública das academias pontificias**, realizado em 28 de janeiro de 2010. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em 08 jun. 2010.

<sup>70</sup> Idem.

Nicola Abbagnano<sup>71</sup>, do filósofo inglês Simon Blackburn<sup>72</sup>, o dicionário de Walter Brugger<sup>73</sup> e, finalmente, o grande dicionário do filósofo José Ferrater Mora<sup>74</sup>.

Os conceitos mais importantes para nossa pesquisa referem-se a visões de mundo existentes nas culturas do mundo atual, nos seus mais variados contextos, muito especialmente religiosos, sociais e políticos<sup>75</sup>. Para efeito de compreender melhor o posicionamento de Ratzinger, protagonista deste trabalho, e da sua crítica ao relativismo, propomos-nos antecipar algumas definições de termos e conceitos aqui utilizados que poderiam, como dizíamos acima, dar margem a interpretações que não fossem exatamente aquelas propostas pelo nosso autor, por isso, julgamos de fundamental importância esse esclarecimento tomando por base um enfoque filosófico sobre os conceitos, ora referidos.

São termos e conceitos importantes em nossa pesquisa: o absoluto, a fé, o relativismo, a verdade, o secularismo ou pós-secularismo, modernidade e pós-modernidade, laicismo<sup>76</sup>, metafísica e pós-metafísica, razão e racionalismo, idealismo, transcendentalismo, niilismo, sentido, entre outros. Lamentavelmente, esses conceitos são muitas vezes utilizados de maneira pejorativa, o que prejudica notavelmente uma crítica mais objetiva, destituída de paixões ou de interesses particulares. É o que acontece, por exemplo, com o conceito “absoluto”. Deste termo, deriva-se usualmente o

---

<sup>71</sup> ABBAGNANO, N. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>72</sup> BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de Filosofia**: Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

<sup>73</sup> BRUGGER, W. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: EPU, 1977.

<sup>74</sup> FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Dom Quixote, 1982; 4 volumes.

<sup>75</sup> Para Abbagnano, a palavra cultura apresenta dois significados, especialmente a partir de uma interpretação filosófica histórica: No primeiro e mais antigo, significa a formação do homem, sua melhoria e seu refinamento. No segundo, indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de civilização: cf. 1998, p. 234. Já para o filósofo S. Blackburn, cultura significa o modo de vida de um povo, em que se incluem suas atitudes, valores, crenças, artes, ciências, modos de percepção e hábitos de pensamento e de ação: cf. 1997, p. 85.

<sup>76</sup> Esse termo traz importantes desdobramentos no que se relaciona ao tema central de nossa pesquisa. No entender de Abbagnano, o termo “laicismo” remete ao princípio de autonomia das atividades humanas, ou seja, a exigência de que tais atividades se desenvolvam segundo regras próprias, que não lhes sejam impostas de fora, com fins ou interesses diferentes dos que as inspiram. Seria um princípio universal que pode ser invocado em nome de qualquer atividade humana legítima, desde que não obstrua, destrua ou impossibilite outras. Para ele o termo não pode ser entendido apenas como reivindicação de autonomia do estado perante a igreja, ou melhor, perante o clero, mas também como defesa da atividade religiosa contra algumas formas de “politicagem”: cf. 1998, p. 612.

sentido pejorativo de absolutismo<sup>77</sup>, sentido esse que, desde já, devemos esclarecer como inapropriado para o propósito de nossa questão, seja em sentido político, religioso ou cultural.

Por absoluto da fé entendemos uma visão de mundo ou da vida, a partir de um valor transcendental que não possa jamais ser modificado em sua essência, qual seja, aquele valor atribuído a Deus em todas as culturas, efetivamente em todos os tempos, o qual relaciona-o a idéia de um Bem ou Valor Eterno, Infinito, Bom, Supremo, Onisciente e Onipresente. Uma ideia, portanto, não susceptível de ambigüidades por conta de qualquer espécie de interpretação, seja individual, cultural, social, política ou religiosa. Algo, portanto, não relativo a este ou aquele contexto particular.

O absoluto<sup>78</sup>, além de afirmado de uma realidade objetiva ao se referir a Deus, transparece, objetivamente, numa realidade subjetiva, nesse caso, a pessoa que tem fé, como quer que ela se apresente em relação ao absoluto<sup>79</sup>. Se esse absoluto é

---

<sup>77</sup> Na visão de Abbagnano, absolutismo seria um termo cunhado na primeira metade do séc. XVIII para indicar toda doutrina que defenda o "poder absoluto" ou a "soberania absoluta" do estado. Ele lembra que o termo ocorreu também em sentido papal, quando Gregório VII e Bonifácio VIII reivindicaram para o Papa a representação única de Deus sobre a terra, a plenitude *potestatis*, isto é, a soberania absoluta sobre todos os homens, inclusive os príncipes, os reis ou o imperador. No uso filosófico corrente, esse termo não se restringe mais a indicar determinada doutrina política, mas estender-se-ia à designação de toda e qualquer pretensão doutrinal ou prática ao absoluto, em qualquer campo considerado: cf. 1998, p. 11. Para o filósofo S. Blackburn, absolutismo seria uma teoria política que defende a posição de que não deve haver restrições aos direitos e poderes de um governo: cf. 1997, p. 2.

<sup>78</sup> Segundo Abbagnano, o termo absoluto traz o significado "destacado de", isto é, livre de toda relação, independente. Nesse sentido, essa palavra qualificaria uma determinação que pertence a uma coisa pela própria substância ou essência da coisa, portanto, intrinsecamente: cf. 1998, p. 11 e 12. Blackburn identifica o conceito de absoluto com uma visão idealista absoluta para a qual o mundo se identifica com o pensamento e não com a experiência: cf. 1997, p. 191. Para Walter Brueggemann, absoluto é o não relativo. Está isento de qualquer outra coisa, sem relação a outro ser. Do ponto de vista ontológico é aquilo que corresponde um ser em si: cf. 1977, p. 39. Já para Ferrater Mora, a ideia do absoluto se encontra em duas posições fundamentais: o absoluto puro e o absoluto simples. O primeiro equiparar-se-ia ao próprio Deus, ao Princípio, à Causa, ao Ser, ao Uno, etc. No segundo caso, estaria relacionado às diversas oposições conceituais entre o absoluto e os entes não absolutos. Aqui se encontram as mais diversas opiniões filosóficas que afirmam ou negam o absoluto puro, os mais diversos modos de conceber o absoluto e as formas históricas das idéias filosóficas do absoluto: cf. 1982, p. 16 e 17.

<sup>79</sup> Em complemento a ideia anterior, Abbagnano cita como exemplo o filósofo Fichte, que utilizava a expressão no sentido de "eu infinito". Posteriormente, numa segunda fase de sua filosofia, interpreta esse "absoluto" como Deus. Segundo Abbagnano, também o filósofo Schelling empregava o termo para designar o princípio infinito da realidade, isto é, Deus. O mesmo uso da palavra reaparece em Hegel, para quem, como Fichte e Schelling, o absoluto é, ao mesmo tempo, o objeto e o sujeito da filosofia e, embora definido de várias formas, permanece caracterizado pela sua infinidade positiva no sentido de estar além de toda realidade finita e de compreender em si toda realidade finita: cf. 1998, p. 12.

nominável ou inominável, se existe ou não, ou, se é ou não uma ilusão como fruto de uma carência humana, não será necessariamente discutido aqui, exatamente por isso propomos o termo absoluto da fé. Ao fazer uso, portanto, do termo absoluto da fé, pretendemos claramente nominar Deus: o Ser Absoluto em Si Mesmo, como o entendem todos, em todos os tempos. No caso de Ratzinger, o absoluto nominado é o Deus apresentado na visão de mundo a partir do cristianismo, bem como da cultura hebraica.

Importa-nos deixar claro que o conceito, em si mesmo, remete a Deus como uma realidade objetiva sem qualquer ambigüidade. Afirmar, portanto, o absoluto da fé será sempre o mesmo que afirmar a fé em Deus. Que Deus seja, se cristão, islâmico, budista ou judaico, não é propriamente o objeto de nossa questão, ainda que o nosso autor tenha posição absolutamente clara e definida sobre isso. O que, entretanto, vai defender nosso autor, é sempre a legitimidade, bem como a necessidade e o direito de se posicionar com clareza nesse âmbito da fé, tomando com isso, uma posição firme em direção contrária ao relativismo na questão. Ao mesmo tempo, é preciso deixar claro que entendemos o conceito de relatividade diferente do termo relativismo<sup>80</sup>. Por relatividade ou relativo, entendemos uma condição natural, evidentemente válida e

---

<sup>80</sup> Para Abbagnano, relativismo seria uma doutrina que defende e afirma a relatividade do conhecimento, no sentido dado a esta expressão no séc. XIX, a saber: 1 - como ação condicionante do sujeito sobre seus objetos de conhecimento; 2 - como ação condicionante recíproca dos objetos de conhecimento. O relativismo, no sentido em que é criticado por Ratzinger, são essas teses utilizadas como apologética religiosa, difundida especialmente pelo positivismo. O relativismo foi também aceito por algumas correntes do neocriticismo e do pragmatismo. No entender de Abbagnano, do ponto de vista dessa primeira corrente, o relativismo ocorreria na relação do fenômeno com o sujeito cognoscente. No âmbito do pragmatismo, o relativismo ocorreria na negação de verdades absolutas e no reconhecimento de que a verdade é sempre relativa ao homem, sendo válida quando fosse útil a ele. Na realidade, porém, o relativismo é um fenômeno moderno, ligado à cultura do séc. XIX, constituindo uma espécie de subversão da filosofia dogmática do séc. XX. Segundo esse ponto de vista, a relatividade está não só na verdade religiosa e filosófica, mas também na verdade moral e científica. Segundo entende Abbagnano, esse mesmo ponto de vista é defendido com freqüência no chamado relativismo cultural, que parte do reconhecimento da diversidade dos costumes e das normas vigentes em culturas diversas: cf. 1998, p. 862 e 863. Para Blackburn, o relativismo representa a doutrina que afirma ser a verdade relativa ao ponto de vista do sujeito, isto é, a beleza está nos olhos de quem a vê: cf. 1997, p. 342. Segundo W. Brugger, o relativismo caracteriza-se por uma determinada concepção de um conceito de verdade: a verdade finita, como conformidade do conhecimento com seu objeto. Só se pode falar de relativismo quando se considera como norma da verdade, não o objeto acerca do qual se emite um juízo, mas, qualquer outra coisa. Fora do próprio objeto a verdade torna-se relativa, no sentido peculiar de que ela pode existir para um sujeito e pode não existir, ao mesmo tempo, para outro sujeito. Com isso, Brugger afirma que o relativismo renuncia ao princípio de contradição e à validade universal da verdade: cf. 1977, p. 354.

necessária nas mais diversas situações particulares do mundo e da vida humana, bem como em diversos setores como o da política, da cultura, da sociedade, da teologia ou da filosofia assim como também da religião.

Entretanto, isso não significa dizer que tudo é relativo, o que em síntese vai propor o relativismo criticado por Ratzinger, mas, tão somente, que o relativo está presente em todas as dimensões que tocam ao que é humano, inclusive o âmbito subjetivo da fé, como instância natural e necessária para uma opção da escolha de fé. Por exemplo, se adotamos como absoluto de nossa fé a proposta cristã, a budista, ou a islâmica, isso é relativo certamente a nossa história pessoal de vida. Mas não se quer dizer com isso, seguindo ao posicionamento de Ratzinger, que toda fé deva ser dada como relativista, ao contrário, nosso autor justamente argumenta em favor do direito ao âmbito absoluto da fé a partir de uma concepção pessoal e individual. A fé, em si mesma, não pode jamais, conforme propõe nosso autor, ser considerada tão somente uma posição subjetivista, ela deve englobar a noção de algo que nos é externo, objetivo e real.

Relativo ou relatividade significa então, simplesmente, a não arbitrariedade perante fatos comuns da vida. Relativismo ou relativista, ao contrário, e é o que procuramos demonstrar nessa pesquisa, identificando diretamente o foco da crítica de nosso autor, é o posicionamento tomado ao se negar a possibilidade da fé bem como afirmar como indiferente a fé na existência de algo absoluto e válido universalmente em todas as culturas e dimensões humanas. Relativismo ou relativista é também o posicionamento que nega a admissão de uma verdade superior aos dados limitados da nossa própria capacidade racional, o que não implica não ser racional, pois, ainda que transcendendo ao limite de nossa capacidade puramente racional, a fé, como vai afirmar continuamente Ratzinger, pertence ao foro da razão humana.

### **2.1.1 Degenerações conceituais: “ismos” que atravancam o debate**

Os conceitos anteriormente citados, como já afirmávamos, quando degenerados em múltiplos “ismos” acabam por comprometer uma análise mais coesa e isenta de equívocos. Crer no absoluto não implica crer no absolutismo ou tomar posições absolutistas, isto é, defender arraigada e cegamente um determinado ponto de vista sem argumentos dialógicos; o mesmo se diga em relação a crença na matéria, sem por isso degenerar em “materialismo”<sup>81</sup>; crer na razão, sem com isso cair no “racionalismo”, crer nas idéias, sem degenerar em “idealismos” ou “ideologismos”, aceitar com clareza os avanços modernos, sem com isso, entretanto, postular um “modernismo”, entender a existência do relativo, sem propugnar o relativismo; crer no dogma, sem, contudo estabelecer o “dogmatismo”, evocar a ciência, sem advogar o cientificismo.

Entre todos os termos ou conceitos citados anteriormente, um dos que se tornam mais importantes para o desenvolvimento do tema é o que se refere ao secularismo. Justamente a idéia de secularismo vem se contrapor as verdades que são propostas no âmbito do religioso em nossa sociedade laica atual. Nesse sentido, ao desenvolver sua crítica ao relativismo atual, Ratzinger também irá sofrer, por parte da sociedade laica como um todo, alguns ataques muitas vezes levados ao aspecto pessoal. Veremos essa questão ao abordarmos especificamente a crítica de Ratzinger ao relativismo. Por ora, detemo-nos aqui para alertar quanto ao problema que as degenerações conceituais podem, eventualmente, determinar, dando ensejo inclusive a alguns confrontos que estabelecem a impossibilidade de um diálogo franco e aberto no que se refere ao tema.

## 2.2 ABSOLUTO DA FÉ E RELATIVISMO: ESCLARECIMENTO FILOSÓFICO-TEOLÓGICO

---

<sup>81</sup> A noção de materialismo, enquanto visão de mundo e a crença materialista traz duas implicações diferentes. Em Abbagnano, o termo designa, em geral, toda doutrina que atribua causalidade apenas à matéria. O materialismo consistiria em afirmar que a única causa das coisas é a matéria: cf. 1998, p. 664. Para Blackburn, o materialismo se apresenta na perspectiva que sustenta que o mundo é inteiramente composto de matéria: cf. 1997, p. 239. Ferrater Mora, por sua vez, entende que só a partir do momento em que se estabeleceu uma clara separação entre a realidade pensante e a realidade não pensante, isto é, sujeito que pensa e objeto pensado, se pode falar de materialismo. Nessa perspectiva, qualquer realidade é de caráter material ou corporal: cf. 1982, p. 225.

Algumas tendências de pensamentos e posicionamentos denominados “pós-modernos”<sup>82</sup>, numa referência ao pensamento atual ou próprio do momento em que vivemos, presentes na nossa cultura, especialmente no campo da filosofia e mesmo da teologia, questionam a possibilidade de uma verdade objetiva, independente de pontos de vista. Muitos filósofos e sociólogos, mas também teólogos, afirmam que não há qualquer racionalidade que tenha validade universal, mas apenas diferentes racionalidades de diferentes culturas. Para esse discurso, que denominamos nesta pesquisa como relativista, a verdade é múltipla e depende do ponto de vista do sujeito ou do contexto em que é formulada. Assim, todas as afirmações, sejam filosóficas, teológicas ou religiosas, seriam tão somente diferentes narrativas, que deveriam ser compreendidas em seus respectivos contextos históricos, culturais e lingüísticos, pois apenas revelariam os preconceitos culturais dos diferentes narradores.

Já o próprio conceito de pós-modernismo, dependeria de um modo particular de interpretar, de experimentar ou de ser no mundo. Isso é o que acabaria por resultar no que seja a mais problemática faceta do pós-modernismo, o relativismo, especialmente no sentido em que, aqui, em nossa pesquisa, é identificado por Ratzinger, isto é, quando, nos seus pressupostos psicológicos motivados quanto à personalidade, à motivação e ao comportamento, o relativismo pós-modernista aparece como uma espécie de salva-guarda da humanidade atual. Com isso, propugna-se como válidos os mais opostos significados de valor como conseqüência da inexistência de um absoluto universalmente normativo. O pós-modernismo, a partir disso, torna-se assim uma espécie de desordem lingüística, de ruptura na cadeia dos significados. A defesa de

---

<sup>82</sup> CHEVITARESE, L **As Razões da Pós-modernidade**. Martins Fontes: São Paulo, 2001, p. 65. De acordo com a análise de L. Chevitarese, Frederic Jameson teria considerado os anos 60 como o início da pós-modernidade, entendida como lógica cultural do capitalismo tardio. Mas teria sido apenas a partir da década de 70 que o debate em torno do tema prosperou. Para Chevitarese, as raízes da discussão se encontram na crise cultural instalada no pós-guerra. Ocorreria uma espécie de “desencanto” que se instala na cultura e crise de conceitos fundamentais ao pensamento moderno, tais como “verdade”, “razão”, “legitimidade”, “universalidade”, “sujeito”, “progresso”, etc. Para ele, o efeito da desilusão dos sonhos alimentados na época moderna se faz presente nas três esferas axiológicas por ela mesma diferenciadas: a estética, a ética e a ciência. Tal efeito, apresenta-se hoje nos mais diversos campos de produção cultural, tais como a religião, a literatura, a arte, a filosofia, a arquitetura, a economia, a moral, etc.

valores distintos entre si e sem relação entre si, ou sem significados acabam por gerar uma sensação de falta de sentido.

Para Jean-François Lyotard, “o pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era pós-industrial, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o discurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes”<sup>83</sup>. Por outro lado, J. Habermas prefere compreender a modernidade como um “projeto inacabado”. Para ele, “deveríamos aprender com os desacertos que acompanham o projeto”<sup>84</sup>. Tais questões já estavam presentes nas perguntas de Rouanet: “Será que dizer que somos pós-modernos dá um pouco a impressão de que deixamos de ser contemporâneos de nós mesmos?”<sup>85</sup>.

Ser moderno ou pós-moderno<sup>86</sup> é estar em um tempo e espaço que englobe tudo o que temos, tudo o que somos e o que sabemos. Com isso, falamos em modernismo e pós-modernismo como uma simples construção da cultura. Modernidade ou pós-modernidade nada mais é do que estar consciente da época em que se vive, ora, toda época tem consciência de ser moderna. Assim, ambos os conceitos podem ser entendidos, cada um em seu momento específico, como uma consciência coletiva atualizada que uma determinada época tem de si mesma.

Toda consciência é, portanto, uma modernidade. O moderno é o novo e o novo não passa da consciência da modernidade. Moderno vem do latim vulgar “modernus”,

<sup>83</sup> LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: Olympio Editora, 1986, p. 8.

<sup>84</sup> HABERMAS, J. **Modernidade: um projeto inacabado**. In: ARANTES, O. & ARANTES, P. *Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas*. SP. Brasiliense. 1992. Pág. 118.

<sup>85</sup> ROUANET, S. P. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 1987, p. 229.

<sup>86</sup> Cf: BAUMAN, Z. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 5**. São Paulo: Editora 34, 1997 e EAGLETON, T. **As Ilusões do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. Segundo Eagleton (1996), Bauman (2001) e Deleuze & Guattari (1997), enquanto a modernidade era sólida, em virtude da visibilidade de seus poderes centrais, como as hierarquias, as regras, as barreiras, as fronteiras etc., a pós-modernidade é fluida, em virtude de sua descentralização, organização em redes, sua ausência de barreiras ou de fronteiras. Vários dos aspectos que caracterizavam o período moderno estão, sob essa ótica, em via de desaparecer. Esse desaparecimento, porém, não acontece da noite para o dia. Ele é o resultado de, entre outros, vários processos de fusão e diluição de conceitos e valores.

de “modo”, quer dizer recente, da mesma forma que hodierno derivado de “hodie”, que significa hoje.

No sentido filosófico, às vezes até teológico, desse discurso moderno ou pós-moderno, que julga ultrapassado os discursos formulados em favor de uma verdade absoluta, é que o posicionamento relativista toma como certo a inexistência de um valor norteador universal. No fim das contas, isso é o que vai justificar, também, uma faceta do pensamento niilista.

Pelo conceito de relativismo atual, entendemos também aquelas proposições, com bases filosóficas, onde a verdade metasensível não existe como uma verdade objetiva, inclusive, sequer existente em si mesma. A verdade somente ocorre no aspecto subjetivista, ao nível particular do indivíduo ou mesmo, de uma determinada coletividade ou cultura, nunca sob a dimensão de universalidade absoluta e atemporal. Justamente, em oposição ao absoluto da fé, quando impera a objetividade no trato com a questão de uma verdade válida universalmente, inclusive em todos os tempos e lugares. Aquela verdade que, a partir do absoluto da fé, remete diretamente a Deus, sob quaisquer ponto de vista religioso mais específico, isto é, a fé com sentido absoluto em qualquer confissão, inclusive aquelas divergentes do protagonista desta pesquisa.

A questão da modernidade e pós-modernidade se liga ao relativismo a partir da constatação de que, entre outros fatores específicos de nosso tempo atual, a experiência tecnológica da atualidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, com isso une, muito provavelmente, de forma inédita, toda a espécie humana. Mas essa união ocorre de uma maneira muito peculiar e de forma paradoxal. É uma união sem unidade, porque despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de angústia e ambigüidade, fruto justamente dos posicionamentos relativistas, como identificado e criticado por Ratzinger.

Enquanto reação cultural, a pós-modernidade traz consigo fortes tendências ao irracionalismo, o que pode ser exemplificado, tanto pelo fundamentalismo

contemporâneo<sup>87</sup>, como pela sociedade de consumo, que convivem em um universo cultural de colonização pela estética da ciência e da ética<sup>88</sup>. O desencanto na cultura, entendido como perda de horizontes, sensação de caos, incerteza e relatividade, é algo que desde o início da modernidade encontrava-se embrionário, implícito nas próprias exigências críticas da “Razão”, a face principal do modelo iluminista. Mas se não há mais otimismo quanto aos rumos da cultura moderna, esse desencanto vem acompanhado da rejeição a tudo que é tido como opressivo, da desconfiança a todo discurso que pretenda dizer “o que são as coisas”, “o que devemos fazer” ou “o que, ou como sentir”, como Ratzinger, agudamente percebe. Nesse sentido, a pós-modernidade configura-se assim como uma reação cultural, “representa uma ampla perda de confiança no potencial universal do projeto iluminista”<sup>89</sup>.

No século XX, o filósofo F. Nietzsche, entendia a corrente da história moderna como irônica e dialética. Para ele, o ideal absoluto cristão de integridade da alma e aspiração à verdade teria levado o cristianismo a sua própria destruição. Ao se aprofundar no desenvolvimento dessa idéia Nietzsche acabou chegando aquela sua famosa proposição da “morte de Deus”, abrindo as portas para o conseqüente advento do niilismo. A partir daí, apareceram outras novas propostas condizentes com esse posicionamento, dentre elas especialmente, o relativismo cultural. Desde então, num contexto de consciência coletiva atualizada, o modernismo ou pós-modernismo, a humanidade se vê em meio a um enorme vazio de valores, ao mesmo tempo em que se percebe cercada de imensas possibilidades, como que prontas, para ocupar o lugar de Deus.

### **2.2.1 Verdade absoluta: a idéia de um valor universal**

---

<sup>87</sup> Exemplo disso o ataque de 11 de setembro, bem como tantos casos isolados de jovens que adentram escolas matando alunos irracional e indiscriminadamente.

<sup>88</sup> Tudo pela beleza física, tudo pela razão, tudo pela lei.

<sup>89</sup> Cf. FEATHERSTONE M. **Cultura de consumo e Pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1995, p. 66.

No ataque desferido pela modernidade contra a plausibilidade da fé numa verdade absoluta, como uma noção universal, Ratzinger entende estarem em jogo outros interesses, que não são propriamente os interesses objetivos e metodológicos, assumidos pela mentalidade positivista ao extremo. Para Ratzinger, encontra-se aí uma justificação do indiferentismo relativista, um indiferentismo que postula a liberdade individualizada como grandeza última. Estariam em cena

camadas mais profundas da alma: a suspeita de que talvez a verdade possa existir como grandeza conhecível, e por conseguinte como uma exigência feita a mim, atua como ofensa, ou mesmo como um perigoso ataque à forma de vida com que nos envolvemos; contra isso é necessário defender-nos apaixonadamente, com a paixão que manifestamos quando nós mesmos nos sentimos atingidos no mais profundo da existência<sup>90</sup>.

Neste panorama de problemas identificados por Ratzinger, desenvolve-se lenta e gradativamente uma crise na civilização atual, a crise de sentido existencial, que se ocupa com a verdade e com a existência do homem: “A renúncia à verdade não pode libertar permanentemente; no fim ela uniformiza. Em lugar do mau espírito de uma estreita ortodoxia escolar, que foi expulso, voltam no fim sete piores do que ele”<sup>91</sup>. O cristianismo, desde o seu início, pretendeu orientar o homem em seu compromisso mais profundo, o compromisso com a verdade. Nisto o compromisso proveniente da fé “distingue-se do que se origina de todas as outras associações”<sup>92</sup>, afirma Ratzinger. Mas precisamente porque a fé atinge o homem nesse compromisso, ela é abertura para os setores de existência que se encontram mais no primeiro plano. Aqui Ratzinger deixa claro a distinção entre Igreja e política. Esta deve ser relativa, pois a abordagem cristã desde o início transfere o reino de Deus para fora deste mundo. Por isso a Igreja olha com ceticismo todas as monoculturas sociais e políticas, porque excluem a essência de liberdade da fé:

<sup>90</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 71.

<sup>91</sup> Idem, p. 73.

<sup>92</sup> Idem, p. 72.

A liberdade para as várias opções políticas está no interesse da própria fé, assim como surgem de sua própria natureza, por exemplo, a distinção entre Estado e Igreja, a liberdade para a formação de comunidades dentro do Estado, e com ela a liberdade de fé<sup>93</sup>.

A afirmação de valores de verdade com validade universal por parte da Igreja, entretanto, vai afirmar Ratzinger, não pode se dar no mesmo patamar de outras entidades sociais, como a política, por exemplo. A Igreja não tem as mesmas prerrogativas de argumentos puramente legislativos, além do mais, “não pode transformar-se em partido político”<sup>94</sup>. Da mesma forma como tem que contestar desde a base a exigência totalitária do político, “ela se opõe também a toda análise que a considere como único caminho possível, e também como o caminho seguro para produzir uma sociedade sadia”<sup>95</sup>. Com base nesses postulados, Ratzinger propõe a seguinte questão:

Minha tese seria, pois, a seguinte: Como a fé significa um compromisso último com Deus, com a verdade, ela de fato fornece ao Homem normas para sua ação social concreta, mas o ponto de união da comunidade dos crentes não está na prática social ou política, e sim unicamente no compromisso propriamente dito da verdade. Quando esse compromisso é desfeito, surgem em lugar dele novos laços. A verdade liberta. O compromisso com a verdade equivale a libertar a política dos compromissos com o sagrado. Neste sentido o pluralismo não apenas pode estar ligado com a fé, mas lhe é adequado, e em certa medida necessário<sup>96</sup>.

---

<sup>93</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 72.

<sup>94</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 137.

<sup>95</sup> Idem, p. 138.

<sup>96</sup> Idem, p. 145.

Comunidade de fé e Estado são duas realidades diferentes, mas que, em todo caso, para o bem do homem, devem ser complementares. Ratzinger afirma essa diferença na própria essência do que representa cada uma destas instâncias:

Ao contrário do Estado, ao qual eu pertenço sem ter sido consultado, e que neste sentido constitui uma corporação forçada, a Igreja é uma comunidade voluntária, com uma forma de conteúdo bem determinado sem a qual ela perde o sentido<sup>97</sup>.

E ele complementa: “conteúdo definido pela fé, e que por isso só pode abranger aqueles que podem e querem aceitar esse conteúdo”<sup>98</sup>.

Para Ratzinger, na raiz de todos os problemas relacionados à prática da fé estaria “a perda da capacidade de perceber a verdade que avança lado a lado com a cegueira perante a realidade de Deus”<sup>99</sup>. É justamente aqui, nesse ponto, que sobressaem-se as concepções ligadas à negação do absoluto da fé, quando, segundo Ratzinger, “interagem o orgulho e a falsa humildade (...). O orgulho, incita o homem a emular o próprio Deus, a considerar-se capaz de entender sozinho os problemas do mundo e de reconstruí-lo”<sup>100</sup>. Na mesma medida a falsa humildade “sustenta a idéia de que é inteiramente impossível que Deus se preocupe com os homens e chegue até a falar-lhes”<sup>101</sup>. Como consequência dessas atitudes, o relativismo avança descontroladamente tornando-se uma ameaça a subsistência da fé num âmbito absoluto, ou seja, concretamente, da fé em Deus. A partir daí, afirma Ratzinger, “o ser humano já não se atreve a aceitar que é capaz de conhecer a verdade: parece-lhe uma presunção, e pensa que deve conformar-se com agir”<sup>102</sup>.

<sup>97</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 70.

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 129.

<sup>100</sup> Idem, p. 133.

<sup>101</sup> Idem, p. 134.

<sup>102</sup> Idem, p. 136.

A verdade da fé torna-se, então, tão somente um sonho. Nesse contexto, já não se aceita mais qualquer idéia de que o homem do passado como o homem de hoje possa ter qualquer experiência real com a verdade: Deus. Aquilo que se afirma ou que se tenha afirmado como verdade é tão somente uma experiência da subjetividade, jamais de verdade objetiva<sup>103</sup>. Para encontrar um sentido existencial, o homem atual passa a acreditar apenas “no primado da práxis. Daqui para a ideologia é um passo curto”, afirma Ratzinger<sup>104</sup>.

De tudo isso resta que, para a mentalidade relativista, “aquele que tem convicções firmes é sempre um fundamentalista”, pois, como deduz Ratzinger, “atuaria como fator criador de conflitos e inimigo do progresso”<sup>105</sup>. Justamente esse tipo de visão relativista é que vai terminar, no entender de Ratzinger, por contradizer a proposição primordial do princípio relativista pois, “boa seria, pelo contrário, a dúvida, a luta contra antigas convicções, e com isso seriam bons todos os movimentos modernos não dogmáticos ou anti-dogmáticos”<sup>106</sup>. Portanto, as próprias afirmações relativistas são também colocadas em cheque, afinal, não podem ser enfáticas ou conclusivas, e menos ainda, dogmáticas, pois teriam que deixar espaço para a dúvida, e, nesse caso, também para a fé, que parte de uma convicção, não, porém de uma certeza. Os princípios seriam, pois, equivocados, argumenta Ratzinger, pois: “se se parte de um esquema classificatório puramente formal, não se pode interpretar realmente o mundo”<sup>107</sup>.

Tratando sobre o tema da verdade com validade universal, Ratzinger<sup>108</sup>, lembrando o teólogo medieval João de Salisbury, afirma existir “uma verdade objetiva e

<sup>103</sup> Cai muito bem aqui a observação de Comte-Sponville: “Formidável fórmula de Jules Lequier: Quando alguém crê com a fé mais inabalável que possui a verdade, deve saber que crê, e não crer que sabe. À glória de Hume e da tolerância”: cf. em COMTE-SPONVILLE, A. **Apresentação da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 60.

<sup>104</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 139.

<sup>105</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 44.

<sup>106</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>107</sup> RATZINGER, op.cit., 1997, p. 164.

<sup>108</sup> BENTO XVI: **Audiência geral das quartas-feiras** ocorrida no Vaticano em 16-12-2009. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em 21 abr. 2010.

imutável, cuja origem está em Deus, acessível à razão humana”. Esta verdade, bem entendida a partir do cristianismo, nos lembra Ratzinger “diz respeito ao agir prático e social”<sup>109</sup>. Tal idéia ou concepção de verdade, afirma ele, “trata-se de um direito natural, no qual as leis humanas e as autoridades políticas e religiosas devem inspirar-se, a fim de poder promover o bem comum”<sup>110</sup>. Recorrendo ainda ao pensamento do teólogo medieval, Ratzinger reafirmava essa verdade de caráter universal como uma “lei natural caracterizada por uma propriedade à qual João chama equidade, ou seja a atribuição dos seus direitos a cada pessoa”<sup>111</sup>.

No viver cristão, essa lei natural universal é plenamente visível, ou ao menos deveria ser, desde que, como diz Ratzinger “o crente e o teólogo, que aprofundam o tesouro da fé, abrem-se também a um saber prático, que guia as ações quotidianas, ou seja, para as leis morais e o exercício das virtudes”<sup>112</sup>.

Ratzinger ratifica assim a urgência de um resgate prático de princípios universais. Em outro discurso recente, voltado especialmente as questões legislativas de defesa da vida e da dignidade humana, ele afirmava: “sem princípios universais que consintam verificar um denominador comum para a humanidade inteira, o risco de uma deriva relativista a nível legislativo não deve ser minimamente subestimado”<sup>113</sup>.

### 2.2.2 Fé religiosa como um direito humano fundamental

Para Ratzinger, assim como as verdades de fé, existem igualmente outras verdades que fazem parte intrínseca da natureza do homem. O mesmo ocorreria, por exemplo, na “Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Temos expressos e definidos ali diversos conceitos de verdades relativas aos direitos do homem. Apesar

---

<sup>109</sup> BENTO XVI. **Audiência geral das quartas-feiras** ocorrida no Vaticano em 16-12-2009. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em 21 abr. 2010.

<sup>110</sup> Idem.

<sup>111</sup> Idem.

<sup>112</sup> Idem.

<sup>113</sup> BENTO XVI. Discurso do Papa aos participantes na **Assembléia Geral da Pontifícia Academia para a Vida**, em 13-02-2010. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2010 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 26 jul. 2010.

disso, os conceitos ali formulados podem passar por reinterpretações, não atingindo, porém, a eliminação da fé naqueles direitos, em si mesmos, isto é, enquanto conceitos de significado único e próprio. O que pertence ao nível pessoal, seja da escolha ou da vontade particular do indivíduo, em nível subjetivo, é a adesão, ou não, à crença e respeito àqueles direitos conceituais. A fé, em nível de uma verdade absoluta, também faria parte desse direito do homem, daí a importância da religião, salvaguarda legítima desse direito. Assim, tanto os religiosos quanto os políticos, tem sua responsabilidade na defesa desses direitos. Nesse sentido, já afirmava Ratzinger:

A minha esperança é que estes direitos humanos fundamentais sejam salvaguardados para cada pessoa em toda a parte. Os líderes políticos e religiosos têm o dever de assegurar o livre exercício de tais direitos, no pleno respeito pela liberdade de consciência e de religião de cada indivíduo. A discriminação e a violência que também nos dias de hoje os seguidores das religiões experimentam no mundo inteiro, e as perseguições muitas vezes violentas às quais se devem submeter representam gestos inaceitáveis e injustificáveis, e são ainda mais deploráveis quando são perpetrados em nome de Deus. O nome de Deus só pode ser um nome de paz e de fraternidade, de justiça e de amor. Somos desafiados a demonstrar, mediante as nossas palavras e principalmente através das nossas obras, que a mensagem das nossas religiões é infalivelmente uma mensagem de harmonia e de compreensão recíproca. É essencial que nos comportemos assim, se não quisermos debilitar a credibilidade e a eficácia, não apenas do nosso diálogo, mas inclusivamente das nossas próprias religiões.<sup>114</sup>

Entretanto, ainda que essa escolha se dê num nível particular, não é uma escolha relativista, indiferente. Para Ratzinger, ocorre o mesmo em relação à fé, no sentido religioso. Todos têm direito em aderir a uma fé, e com base nisso, tornar-se

---

<sup>114</sup> RATZINGER, J. **Homilia na Santa Missa Pro eligendo Pontífice**. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) - © Copyright 2005, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 22 fev. 2010.

parte da comunidade que expressa aquela fé. Essa fé, entretanto, só pode ser de caráter absoluto se ocorre num contexto existencial no mais radical sentido, qual seja, se remete ao Absoluto Último, aquele que chamamos Deus.

Ainda nessa homilia, o futuro papa afirmava o direito fundamental de crer, em contraste com o relativismo que reduz a fé a um aspecto de insignificância ou indiferença. Dizia ali Ratzinger:

Somente a partir do reconhecimento da centralidade da pessoa e da dignidade de cada ser humano, no respeito e na defesa da vida que é um dom de Deus, e por conseguinte é sagrado para os cristãos e contemporaneamente para os muçulmanos, só com base neste reconhecimento, podemos encontrar um fundamento comum para construir um mundo mais fraterno, um mundo em que os confrontos e as diferenças sejam resolvidos pacificamente, e a potência devastadora das ideologias seja neutralizada<sup>115</sup>.

Afirmar o absoluto da fé pertence, intrinsecamente, à capacidade intelectual humana num âmbito de liberdade pessoal. Nesse sentido, ela é legitimamente subjetiva, sem com isso, no entanto, se tornar subjetivista. Também, o teólogo Hans Küng, que retomaremos em outras passagens desta pesquisa, entre outros exemplos, aborda a questão do fim último e absoluto da fé, ligando-a a capacidade de religiosidade humana. É na religião que se encontra, em última instância, a resposta para as grandes questões da humanidade. Para Küng, o reduto último de esperança humana reside exatamente aí, no campo das religiões. Ele exprime assim seu posicionamento:

Não só os novos movimentos religiosos no Cristianismo, no Judaísmo, no Islã, nas religiões indianas e nas religiões do extremo oriente, mas também o movimento pacifista, o movimento ecológico, as múltiplas tentativas de

---

<sup>115</sup> RATZINGER, J. **Homilia na Santa Missa Pro eligendo Pontífice**. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) - © Copyright 2005, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 24 fev. 2010.

autoconhecimento e auto-realização, as reclamações pela falta do sentido da vida e as exigências de uma nova ética: tudo isso não pode ser diagnosticado em toda sua profundidade, quando se exclui a problemática especificamente religiosa<sup>116</sup>.

Igualmente o teólogo brasileiro, Clodovis Boff, tratando a questão do absoluto da fé, enquanto uma adesão, livre e conscienciosa, que englobe o sentido existencial, seguindo a Tomás de Aquino (*Summa Teológica* I q. 1, 5), ambos em conformidade com Ratzinger, afirma que a razão da fé religiosa, isto é, a teologia, “não se ocupa com este ou aquele fim relativo, mas com o fim absoluto da vida, com o sentido radical da existência”<sup>117</sup>. Nesse sentido, em se comparando teologia com a ciência, ele acentuava: “Enquanto a ciência é o saber dos meios, sempre relativos, a teologia é saber do fim absoluto”<sup>118</sup>.

Nessa posição de crítica ao relativismo atual e, ao mesmo tempo, de defesa do absoluto da fé, Ratzinger tem seguido uma linha de pensamento teológico coerente. Suas afirmações são invariavelmente claras e condizentes com seus posicionamentos teológicos. Em 1993, ainda que na difícil e pesada responsabilidade que ocupava, como Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, ou seja, numa posição de importante liderança representativa da Igreja, o Cardeal Ratzinger fazia uma afirmação onde manifestava uma conotação absoluta referente a fé cristã, talvez até dogmática para alguns, porém, sem nenhum cunho exclusivista:

Afirmar um Deus criador e salvador para o mundo inteiro ultrapassa a comunidade particular de religião. Ela não quer ser um símbolo do inominável, que numa religião aparece de uma forma e em outra de uma forma diferente, mas sim uma afirmação sobre a própria realidade em si.<sup>119</sup>

<sup>116</sup> KÜNG, H. **Teologia a caminho**. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 22.

<sup>117</sup> BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 360.

<sup>118</sup> Ibidem.

<sup>119</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 22.

A passagem acima complementa o sentido mencionado na citação anterior. Aqui Ratzinger defende a clareza e objetividade da comunidade de fé especificamente cristã, já que utiliza o termo “salvador para o mundo inteiro”, remetendo claramente a Jesus Cristo. Igualmente quando ele resume a relevância do cristianismo para o homem atual:

Podemos demonstrar aos homens e às mulheres da nossa época que a fé em Cristo não está desprovida de relevância para a sorte da humanidade: pelo contrário, ela constitui o cumprimento de tudo aquilo que é autenticamente humano. Só nesta perspectiva poderemos oferecer respostas convincentes ao homem em busca. Este compromisso é de importância determinante para o anúncio e a transmissão da fé no mundo contemporâneo.<sup>120</sup>

Ratzinger traz assim algumas importantes conseqüências da fé cristã afirmada e assumida. Na resposta de fé do cristianismo se manifesta o saber sobre o absoluto, o saber sobre Deus, revelado objetivamente em Cristo.

### 2.3 A POSIÇÃO CENTRAL DE RATZINGER: AFIRMAÇÃO DO ABSOLUTO NUMA PROPOSTA DE DIÁLOGO

O tema desta pesquisa levanta dois problemas num único tema. O absoluto da fé e a crítica ao relativismo no pensamento do teólogo Joseph Ratzinger. Para o tema central desta pesquisa, em plena concordância com Ratzinger, o absoluto da fé compreende a dimensão de adesão comprometida com uma fé confessada. Isto quer significar, claramente, a tomada de posição objetiva pela fé em um Deus, como resposta última pela questão existencial mais profunda. O absoluto da fé é Deus. Em Ratzinger, não supostamente, mas, declarada e confessadamente, este absoluto tem nome e sentido, tanto claro como específico: Cristo e Verdade, respectivamente.

---

<sup>120</sup> BENTO XVI. **Discurso do papa Bento XVI aos participantes na sessão plenária da congregação para a doutrina da fé.** Sexta-feira, 10 de Fevereiro de 2006. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 11 abr. 2011.

A meta de Ratzinger é conciliar a afirmação, a defesa e a verdade desse absoluto da fé, nesse caso, o próprio Cristo, com o diálogo entre todas as religiões e com todas as culturas e sociedades. Para Ratzinger, nossa atualidade encontra-se marcadamente influenciada por correntes de pensamento relativistas, que, em sua visão, comprometem a fé do ponto de vista de sua busca por uma verdade última e absoluta, verdade essa capaz de pautar toda uma vida e sentido existencial. Essa verdade é a própria essência da fé, e em Ratzinger, ela se torna real no encontro e na adesão ao cristianismo. Por tudo isso, ao perceber o crescimento da indiferença, da sociedade em geral, por um tema tão importante e fundamental, Ratzinger se dedica veementemente à crítica dessa sociedade, para ele, imersa numa cultura relativista.

Contudo, Ratzinger, ao tomar uma firme posição religiosa em favor do cristianismo, não está com isso propondo a sua verdade sobre a verdade do outro: a verdade do ateu, do budista, do islâmico ou de qualquer outra posição perante a questão da fé. O que ele afirma são os fundamentos da fé que ele professa, sem com isso, negar a pretensão dos fundamentos daquele que não compartilha dessa mesma fé. Com isso, acima da confissão específica de uma determinada fé confessional, Ratzinger afirma como válido a urgência em se buscar, pelo caminho da fé, o sentido da vida num valor que transcende as puras normas estabelecidas pelo próprio homem, sejam estas normas éticas, humanistas, ecológicas, morais ou políticas.

### **2.3.1 O absoluto da fé em alguns pensadores atuais**

Albert Camus, seguindo pela via filosófica, aborda a questão do sentido da vida relacionando esse sentido ao âmbito do absoluto da fé. Assim como Ratzinger, ele expõe a urgência de se colocar a questão da fé. “Se não se acredita em nada”, afirma, “se nada faz sentido e se não podemos afirmar nenhum valor, tudo é impossível e nada tem importância definitiva”. Com isso, ressalta ele, “malícia e virtude tornam-se acaso ou capricho”<sup>121</sup>. Na falta de um valor mais alto que oriente nossa ação, dirigimo-nos tão somente para a eficácia imediata. Assim, continua ele: “Se nada é verdadeiro nem

<sup>121</sup> CAMUS, A. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 15.

falso, bom ou mau, a regra será mostrar-se o mais eficaz, quer dizer, o mais forte”<sup>122</sup>. Não há, portanto justos e injustos, mas, senhores e escravos. A inexistência de um valor absoluto como sentido de vida acarreta então numa visão relativista, e no pior dos casos, niilista. “No âmago do niilismo”, afirma Camus, até mesmo “o assassinato tem lugar privilegiado”<sup>123</sup>.

Tal é para Camus o resultado de uma cultura relativista que anula o sentido absoluto da fé. Em sua visão, o filósofo Nietzsche representou como ninguém essa situação niilista: “neste mundo liberado de Deus e das idéias morais, o homem se acha atualmente sozinho e sem senhor”<sup>124</sup>.

Em plena conformidade com Ratzinger, também para o filósofo Luc Ferry, a fé num âmbito do absoluto significa a abertura para o sentido de vida último do homem. Para ele, de todos os discursos, “o religioso é aquele que, por excelência, pretendeu responder a questão do sentido da vida”<sup>125</sup>. As religiões têm, como meta principal, fornecer uma significação para a vida entre o paradoxo da finitude e infinitude. Elas “não apenas nos prometem a imortalidade como atribuem a nossas condutas uma referencia moral absoluta, a nossa história um termo último”<sup>126</sup>. Ora, essa é a visão tradicional das propostas religiosas. Contudo, a cada dia que passa, conforme o entende Ferry, ocorre uma modificação importante sob o ponto de vista de como as novas sociedades entendem as religiões. Isso ocorreria por conta do relativismo cultural. Para ele:

Nas sociedades laicas, as religiões se tornaram simples problema de opinião privada. Cada um pode escolher sua fé à la carte, temperar seu cristianismo com um pouco de budismo, construir sob medida para si um islã duro ou moderado, ser ateu e talmudista, distinguir nas palavras das

<sup>122</sup> CAMUS, A. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 16.

<sup>123</sup> Ibidem.

<sup>124</sup> Idem, p. 91.

<sup>125</sup> FERRY, L. e COMTE-SPONVILLE, A. **A sabedoria dos modernos**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 77.

<sup>126</sup> Idem, p. 78.

autoridades o que melhor convém à sua sensibilidade e rejeitar todo o resto. Assim, é o próprio princípio da verdade revelada que é questionado pela exigência moderna de sempre pensar se possível por si mesmo<sup>127</sup>.

Essas, segundo o filósofo Ferry, algumas das características principais em que se manifestam proposições relativistas em relação ao absoluto da fé. A partir dessas constatações, Ferry se perguntava: “O que, hoje, num mundo tão desencantado, ainda pode dar sentido a nossas vidas?”<sup>128</sup>.

Justamente no sentido de resposta para esse tipo questionamento, Ratzinger afirmava a urgência de confirmação da fé nesse mundo previsível e sem mistérios. Segundo ele, temos “necessidade de uma orientação que dê rumo a nossas vidas. Uma vida sem orientações, sem Deus, não tem êxito: permanece vazia”<sup>129</sup>. Tal mundo, que Ratzinger chama relativista, estaria, portanto, carente da convicção de existência do Bem Maior e Absoluto, convicção que, paradoxalmente, só pode ser proveniente da fé. “Temos necessidade de Deus que une os povos e os reconcilia, o relativismo relativiza tudo e no final, bem ou mal já não se distinguem”<sup>130</sup>. Fé que, entretanto, jamais renega a capacidade racional do homem. Com referência a questão da razão e da fé, Ratzinger proferiu um importante discurso no ano de 2006, como veremos a seguir.

### 2.3.2 Fé, razão e universidade: discurso de Ratzinger em Regensburg

Na viagem apostólica a Münster, Altötting e Regensburg, entre os dias 9 a 14 de setembro de 2006, o Santo Padre proferiu um discurso onde tratava sobre a relevância da fé, entendida a partir do discurso racional, dentro dos muros universitários, num encontro com os representantes das ciências. O discurso aconteceu na aula magna da

<sup>127</sup> FERRY, L. e COMTE-SPONVILLE, A. **A sabedoria dos modernos**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 265.

<sup>128</sup> Idem, p. 89.

<sup>129</sup> BENTO XVI. **Encontro com jornalistas**. Palavras do Santo Padre dirigida aos jornalistas no avião em sua viagem apostólica à Áustria por ocasião do 850º aniversário da Fundação do Santuário de Mariazell, em 07-09-2007. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 17 abr. 2010.

<sup>130</sup> Idem.

universidade de Regensburg, em doze de setembro de 2006, com o tema: “Fé, razão e universidade”. Ratzinger falava sobre algumas diferenças fundamentais, ocorrida especificamente durante a baixa Idade Média, entre as orientações teológicas agostiniana e tomista, ambas consideradas intelectualistas, e uma nova concepção, a voluntarista, surgida inicialmente com Duns Escoto. Para Ratzinger, ocorrera ali um rompimento entre o espírito grego e o espírito cristão. A partir dessa ruptura, teria sido iniciada uma concepção teológica em que a fé num Deus “logos” se transforma pouco a pouco na fé num Deus impenetrável, inatingível. A ligação, até então muito presente, entre a fé cristã e a racionalidade grega, passa a deixar de ocorrer num processo gradativo e ininterrupto. Dizia Ratzinger:

Em contraste com o chamado intelectualismo agostiniano e tomista, Duns Escoto deu início a uma orientação voluntarista que, no termo de sucessivos desenvolvimentos, havia de levar à afirmação segundo a qual, de Deus, só conheceremos a *voluntas ordinata*.<sup>131</sup>

A partir dessa concepção, Deus, em função de sua liberdade, impensável em termos de razão humana, poderia fazer tudo, até mesmo o contrário de tudo aquilo que o mundo é. Deduz-se daí todo tipo de hipóteses imagináveis, inclusive hipóteses irracionais e ilógicas, como por exemplo, se fosse a vontade de Deus, até a soma de dois mais dois poderia resultar qualquer outro número que não fosse quatro.

Vemos esboçarem-se aqui posições que poderiam levar à imagem dum Deus-Arbítrio, que não está dependente sequer da verdade e do bem. A transcendência e a diversidade de Deus aparecem tão exageradamente acentuadas, que inclusive a nossa razão e o nosso sentido da verdade e do bem deixam de ser um verdadeiro espelho de Deus, cujas possibilidades abismais permaneceriam para nós, eternamente inatingíveis e ocultas por detrás das suas decisões efetivas.<sup>132</sup>

---

<sup>131</sup> BENTO XVI. **Viagem apostólica à Alemanha** em 2006. Fonte: <http://www.vatican.va> - © Copyright 2006, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 25 mai. 2010.

<sup>132</sup> Idem.

Em tempos atuais, o resultado de tudo isso se faz ver, critica Ratzinger, nas concepções do que seja ciência e do que seja aceito como científico. Científico é somente aquilo que se encontre acessível a dados materiais. Tudo que não seja material, também não pode ser científico. Assim, Deus está afastado das possibilidades de argumentações mais bem conceituadas do mundo da erudição ou da universidade: “só o tipo de certeza que deriva da sinergia entre matemática e experiência nos permite falar de cientificidade. Tudo o que pretenda ser ciência deve confrontar-se com este critério”<sup>133</sup>, dizia Ratzinger. Com isso, até mesmo as ciências que dizem respeito à realidade humana, como a filosofia, a história ou a psicologia, entre outras “procuravam também aproximar-se deste cânone da cientificidade”<sup>134</sup>, afirma Ratzinger ainda nesse discurso. O método assim concebido exclui “o problema de Deus, apresentando-o como problema acientífico ou pré-científico”<sup>135</sup>.

Surge também daqui o esvaziamento do absoluto da fé e a conseqüente super valorização do relativismo nas sociedades em geral.

Se a ciência no seu conjunto é apenas isto, desse modo então o próprio homem sofre uma redução. Porque nesse caso as questões propriamente humanas, isto é, “donde venho” e “para onde vou”, as questões da religião e do *ethos* não podem ter lugar no espaço da razão comum, tal como a descreve uma “ciência” assim entendida, devendo ser transferidas para o âmbito do subjetivo. O sujeito decide, com base nas suas experiências, o que lhe parece religiosamente sustentável, e a “consciência” subjetiva torna-se em última análise a única instância ética<sup>136</sup>.

Em vista dessa crítica atingir segmentos importantes para toda a sociedade, muito especialmente os ambientes universitários, Ratzinger apressa-se a explicar seu posicionamento:

<sup>133</sup> BENTO XVI. **Discurso na Universidade de Regensburg**. <http://www.vatican.va> - © Copyright 2006, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 27 mai. 2010.

<sup>134</sup> Idem.

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Idem.

Esta crítica da razão moderna a partir do seu interior não inclui de forma alguma a opinião de que agora se deva voltar atrás, para antes do iluminismo, rejeitando as convicções da Idade moderna. Tudo o que é válido no desenvolvimento moderno do espírito, há-de ser reconhecido sem reservas: todos nos sentimos agradecidos pelas grandiosas possibilidades que isso abriu ao homem e pelos progressos que nos foram proporcionados no campo humano<sup>137</sup>.

O que Ratzinger propunha nesse discurso é justamente aliar o conhecimento a partir da ciência ao conhecimento da fé, próprio da teologia. Ambos, para ele, são caminhos necessários para a construção de um mundo melhor, fundamentado numa ética comum. O *ethos* da ciência, como também da teologia é o mesmo: “a vontade de obediência à verdade”. Trata-se, afirma ele, “de um alargamento do nosso conceito de razão e do seu uso”<sup>138</sup>. Razão e fé não podem, portanto, andar separadas uma da outra. Assim, a teologia, como “indagadora da razão da fé, deve ter o seu lugar na universidade e no amplo diálogo das ciências”<sup>139</sup>. Ratzinger entende que esse caminho pode ser perfeitamente realizado, desde que “superemos a limitação autodecretada da razão ao que é verificável na experiência, e lhe abrimos de novo toda a sua amplitude”<sup>140</sup>.

---

<sup>137</sup> BENTO XVI: **Discurso na Universidade de Regensburg**. <http://www.vatican.va> - © Copyright 2006, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 27 jul. 2010.

<sup>138</sup> Idem.

<sup>139</sup> Idem.

<sup>140</sup> Idem.

## CAPÍTULO 3

### DESENVOLVIMENTO DA POSIÇÃO DE RATZINGER SOBRE O TEMA

#### 3.1 O ABSOLUTO DA FÉ EM RATZINGER

O absoluto da fé, assim como no entendimento de Camus, também em Ratzinger remete à questão última da existência humana. Àquilo que representa a pergunta de teor mais profundo sobre a qual se assenta, talvez, o maior questionamento da humanidade em todos os tempos: Deus. Ratzinger relaciona este questionamento com uma verdade última objetiva: Deus é a verdade por excelência. Acontece que, para Ratzinger, a possibilidade da verdade para o homem atual tornou-se ambígua e distante, com isso, abriu-se um abismo entre a concepção de fé com um sentido absoluto e a vida concreta do homem. É onde aparece o relativismo, minando, desde a base, a condição de fé. Ratzinger entende que tal situação representa uma realidade proposta pelo pensamento positivista: “O positivismo nega a capacidade do Homem para a verdade; o conhecimento humano estaria limitado ao que pode ser feito e comprovado”<sup>141</sup>.

Ratzinger reclama então apoio da fé por parte da teologia. No seu entender, é preciso colocar “o tema da teologia dentro do grande horizonte da capacidade do homem para a verdade e de sua verdadeira liberdade”<sup>142</sup>. A verdade do homem se realiza no absoluto da fé. Para Ratzinger<sup>143</sup>, “a fé responde à pergunta primordial pela origem e o destino do Homem”. Segundo ele, “a fé tem que ver com a verdade, e só se o Homem for capaz de conhecer a verdade é que se pode dizer que ele é chamado a ser livre”<sup>144</sup>.

<sup>141</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 88.

<sup>142</sup> RATZINGER, J. **Fé, verdade, tolerância**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p. 55.

<sup>143</sup> As citações que seguem, colocadas em aspas, se referem à *Instrução* assinada por Ratzinger e que foi publicada em 1990 pela Congregação para a Doutrina da Fé, na qual Ratzinger falava sobre a vocação eclesial do teólogo (RATZINGER, apud BIANCO, 2005, p. 135 – 136).

<sup>144</sup> RATZINGER, op.cit., 2007a, p. 56.

Em Ratzinger, a busca pelo absoluto da fé, ao mesmo tempo em que é o encontro com a verdade, é também a libertação do homem, libertação da condição de um ser relativizado na sua própria subjetividade, onde a verdade somente é possível ao nível do indivíduo, portanto, em que a verdade é relativa. No absoluto da fé, entretanto, Ratzinger entende que a verdade é possível para além do nível individual e relativo, ela acontece até mesmo ao nível social e cultural. Quando o homem opta pela adesão ao absoluto de fé em Deus, ele se liberta, então, de si mesmo e se encontra no outro, mais ainda, se encontra no próprio ser homem. O relativismo, por sua vez, conforme o entende Ratzinger, remete a opção pela indiferença perante esta questão essencial e última, por isso, absoluta. No relativismo, a fé se torna um dado simplesmente subjetivista do homem<sup>145</sup>.

Já em uma de suas primeiras obras, “Introdução ao cristianismo”, Ratzinger mostra exatamente isso: para ele a fé é um dado que nos vem de fora. Não é uma conquista, mas uma dádiva. Isso, a seu ver, elimina o subjetivismo da fé. Não é o homem que pode conquistar o absoluto da fé, pois esta lhe é dada, não provém de seu esforço pessoal.

O tema do absoluto da fé em Ratzinger está, inseparavelmente associado à questão da busca pela verdade do homem. Deus é esta verdade. Mas não “um Deus” a partir de concepções puramente subjetivistas humanas. Sob esse aspecto, Ratzinger não admite qualquer possibilidade de se encontrar a verdade. A verdade não é produzida pelo homem, mas, é um dado exterior acessível a ele, a partir da própria manifestação de Deus. O absoluto da fé é o encontro com Deus a partir do encontro com a fé. Essa fé, entretanto, como apontado antes, no pensamento de Ratzinger, é dada ao homem, não conquistada por ele.

---

<sup>145</sup> “Subjetivo” e “subjetivista” serão dois termos largamente utilizados nesta pesquisa. O sentido do primeiro termo, para o tema central deste estudo, ocorre sempre num sentido positivo, isto é, onde a fé necessariamente manifesta a legítima opção de escolha em nível pessoal e próprio, como não poderia deixar de ser, já que toda e qualquer decisão de fé perpassa, naturalmente, pela reflexão subjetiva da pessoa, pela sua compreensão própria. O sentido do segundo termo, ocorre sempre quando designa uma opção ideológica na qual está em jogo, sobretudo, um modo de pensar cultural pelo qual, não necessariamente, importa a reflexão em nível pessoal e próprio, mas, arbitrário e pejorativo, ainda que num contexto coletivo, portanto, em sentido negativo.

Essa concepção de Ratzinger, entretanto, inevitavelmente se choca com o pensamento comum da atualidade, especialmente no que se relaciona as questões da fé, da religião, da teologia e da verdade, como bem acentuavam os teólogos Libanio e Murad:

O horizonte da modernidade parte do sujeito que crê e não da doutrina em que se crê. A teologia escolástica cultivava uma tradição, garantida pela autoridade. A teologia moderna valoriza as perguntas da liberdade do indivíduo e/ou da comunidade, que se quer decidir por uma fé que lhe seja inteligível<sup>146</sup>.

Em “Natureza e missão da teologia” Ratzinger apontava alguns caminhos na abordagem do tema sobre a verdade. Segundo ele, “as pessoas podem chegar a um consenso porque existe a verdade comum; mas o consenso não pode ocupar o lugar da verdade”<sup>147</sup>. Essa afirmação de Ratzinger pressupõe a existência de uma “Verdade” para além do homem. Sob esse aspecto, o pensamento de Ratzinger está em perfeita consonância com Platão: para além do ser e do pensar humano, existe um mundo das idéias onde a verdade existe por si mesma, isto é, sem a necessidade da existência do homem que pensa a verdade. Para Ratzinger esse é o ponto central da questão. Ele afirma que “quando a verdade deixa de ser um valor em si mesma, quando deixa de ser merecedora de empenho e atenção, o conhecimento só poderá ser avaliado através da utilidade”<sup>148</sup>. Ratzinger vê aí o perigo dos fins que justificam os meios, pois, se o conhecimento não for justificado por si mesmo resta apenas a sua justificação pelos objetivos a “cujo serviço se encontra”<sup>149</sup>. Visto sob esse prisma, torna-se efetiva a afirmação do filósofo e político inglês Francis Bacon, para quem a libertação do homem se dá na técnica, não por si mesma, mas, posta à serviço do homem. O saber é importante e necessário na medida em que tem em vista a sua utilidade prática, sendo assim, qualquer tipo de busca sobre a verdade além do próprio homem seria inútil e

<sup>146</sup> LIBANIO, J. B. e MURAD, A. **Introdução à teologia**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 169 e 170.

<sup>147</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 30.

<sup>148</sup> Idem, p. 31.

<sup>149</sup> Idem, p. 68.

ilusória, pois a verdade se resume somente no que seja útil<sup>150</sup>. Para esse filósofo, o conhecimento de verdades no âmbito metafísico, aqui proposto por Ratzinger, na linha do pensamento de Platão, é um completo absurdo.

Ainda na obra “Natureza e missão da teologia”, Ratzinger afirma que a nossa atualidade, marcadamente técnica, está decisivamente influenciada pela mentalidade positivista. Nesse sentido, “abrange apenas o setor da realidade que pode ser submetido ao método positivo, ou seja, à possibilidade da falsificação”<sup>151</sup>, como já o propunha o filósofo Popper. Daí a sua grande inquietação teológica, formulada na frase que segue: “Mas o preço a pagar por isso nós o percebemos com uma clareza cada vez maior no oculto ressentimento do ser humano”<sup>152</sup>. Ratzinger pergunta então como fica a questão fundamental humana: a pergunta pela verdade. Para ele, o que está em jogo é justamente a possibilidade da verdade, no seu aspecto último e mais profundo. Isso propiciaria o que ele considera um erro positivista, qual seja,

o de permanecermos restritos ao que pode ser constatado e ao que na repetição pode ser falsificado. Isso pressupõe que se renuncie às legítimas decisões de valor, ou mesmo a pergunta pela verdade<sup>153</sup>.

A questão do absoluto, isto é, a verdade em si mesma, como uma entidade mais profunda, fica então desacreditada. É o que Ratzinger chama de dissolução da questão última para o ser humano, a questão sobre a verdade, base para a “unificação da civilização técnica”<sup>154</sup>.

Nesse âmbito, quando a verdade passa a ser manipulada em função do que se traduz em possibilidades apenas técnicas, ela passa a se constituir em um método, isto é, a verdade torna-se um produto do homem: “ela é substituída pela comprovação, pelo

---

<sup>150</sup> Não é a toa que esse filósofo forjou o lema: “Saber é poder”. Para ele, saber que não tenha utilidade não é saber.

<sup>151</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 65 e 66.

<sup>152</sup> Idem, p. 67.

<sup>153</sup> Idem, p. 71.

<sup>154</sup> Idem, p. 68.

resultado”<sup>155</sup>. Diz Ratzinger que então “a verdade não é a medida do homem”, ela passaria a ser “o seu produto”<sup>156</sup>. Com isso, a fé, como sentido absoluto de existência, como aquilo que traduz a crença não propriamente comprovável, pois senão já não seria fé, cai num completo descrédito. A opção pelo sentido existencial na verdade última e absoluta, Deus, perde também seu sentido<sup>157</sup>. Tudo que não pode ser explicado, e mais ainda, comprovado, não pode ser verdadeiro:

Agora a verdade também pode ser produzida cientificamente; ela está na prática que produz o futuro. Quando o método é desenvolvido como forma de configurar o futuro, a verdade passa a ser método. A situação que daí resulta para o cristão individual foi descrita por Albert Gorres com estas palavras: eu escolho o coquetel de plausibilidades que mais me agrada. Os cristãos que estão firmes na sua fé muitas vezes são por eles próprios e pelos outros vistos como megalomaniacos ou arrogantes, vítimas de um complexo de infalibilidade<sup>158</sup>.

Perante uma atualidade que se baseia justamente na falseabilidade de toda e qualquer proposição, mesmo de fé, não existe a verdade. Daí a impossibilidade de manifestação da fé, inclusive pelo magistério ou quaisquer outras instâncias oficiais de qualquer religião: “poder declarar a verdade como uma grandeza comum, e, por conseguinte também vinculante, aparece como uma arrogância medieval absurda”<sup>159</sup>.

### 3.2 A CRÍTICA DE RATZINGER AO RELATIVISMO ATUAL

Com estes desafios ao absoluto da fé apontados por Ratzinger, chegamos ao problema do relativismo. O relativismo tem sido uma das grandes preocupações

---

<sup>155</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 69.

<sup>156</sup> Ibidem.

<sup>157</sup> Ratzinger relaciona a questão para os cristãos, mas com igual validade a todas as compreensões de fé absolutas, ou seja, que remetem a uma “Verdade última” manifesta num Ser: Deus. Á isso se submetem o islão, o judaísmo, o budismo, etc.

<sup>158</sup> RATZINGER, op.cit., p. 70.

<sup>159</sup> Idem, p. 71.

relacionadas ao núcleo da fé, especialmente da fé cristã, na visão de Ratzinger. Em 1996, na conferência realizada no encontro episcopal de Guadalajara, Ratzinger identificava essa questão como um dos grandes desafios para a formulação de uma fé religiosa nos tempos atuais. Mas, não apenas para a fé cristã, e sim também para toda profissão de fé relacionada ao absoluto, ou seja, a Deus. Nessa conferência ele afirmava: “O relativismo converteu-se no problema central da fé na hora atual”<sup>160</sup>.

As suas críticas contra o relativismo cultural seguem por uma linha coerente e constante. Não se trata de uma bandeira levantada a partir de uma definição filosófica e abstrata, como uma teoria que não se insere na realidade. Ao contrário, em Ratzinger, o relativismo se apresenta concretamente ao longo dos tempos atuais. Por isso, a sua análise é voltada para a realidade vivida e percebida por ele, como uma situação objetiva da vida humana e que se manifesta de diferentes maneiras em diferentes sociedades. Nesse sentido, as reflexões que faz sobre o tema formam uma espécie de foco constante de suas preocupações e indagações críticas. Não há dúvida, porém, que tomaram maior vulto a partir do ano de 2005, quando Ratzinger foi eleito papa.

O posicionamento crítico de Ratzinger transparece com maior publicidade, justamente a partir da homilia de 2005, já citada aqui em passagens anteriores. Em consequência daquele seu discurso em Roma, levantaram-se várias correntes críticas, tanto a favor quanto contra o seu posicionamento. Defensores de idéias relativistas provenientes dos mais variados meios sociais, inclusive teológicos, incluindo aí cristãos católicos e não católicos, assim como também das mais diferentes confissões de fé, ou dos mais diferentes segmentos laicos, amontoaram ataques àquela sua manifestação. De outro lado, muitos teólogos e críticos apoiaram as afirmações de Ratzinger, ainda que nem sempre com a mesma intensidade das críticas desferidas pelos que dele discordavam. Contudo, o primeiro efeito imediato desta concordância com as suas críticas ao relativismo atual pode ser deduzido do fato de que, Ratzinger, apesar das

---

<sup>160</sup> RATZINGER, J. **Fé, Verdade, Tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p. 77. Ratzinger já havia manifestado essa crítica numa **Conferência no encontro de presidentes de comissões episcopais da América Latina para a doutrina da fé**. Guadalajara (México), novembro de 1996. Fonte: <http://www.vatican.va/gp11/documents>. Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 28 set. 2010.

duras críticas expostas por ele na supracitada homilia, saiu do segundo conclave eleito como o novo Papa.

Em que pese algumas críticas mais contundentes, o posicionamento teológico de Ratzinger acena para a proposta de uma teologia flexível e aberta ao diálogo intercultural e inter-religioso. Ratzinger, com efeito, não apresenta suas posições de forma unilateral, como se prevalecesse tão somente a sua posição. Ao contrário, estende-se ao longo de suas críticas, uma constante abertura ao diálogo. Justamente por isso, expõe com clareza seus pensamentos esperando uma contrapartida com igual transparência. A crítica de Ratzinger ao relativismo tem nome e endereço claro: a indiferença à fé religiosa provocada pela relativização secularista.

A teóloga M. C. L. Bingemer acerta o ponto chave da questão ao dizer que “o homem moderno é, em geral, considerado como um ser que dispensou a Deus, que se emancipou do religioso e dele não mais considera sua vida como dependente”<sup>161</sup>. Por conta de um desdobramento natural dessa condição, que aqui chamamos secularista, poderiam surgir dois tipos de posicionamentos relacionados a fé religiosa: um secularismo positivo, que valoriza a subjetividade humana em seu aspecto de liberdade de pensamento e de crença; e um negativo, que, após dispensar a dimensão religiosa de vida, se nega a tomar posição frente a possibilidade de confissão ou adesão a uma fé, dando origem a um relativismo exacerbado que inviabiliza o diálogo nas questões de fé. É, com efeito, esse último posicionamento que Ratzinger irá, incansavelmente criticar, na esperança de abrir caminho ao diálogo na questão.

Ratzinger não se posiciona contra a liberdade de negação da fé proposta, seja pelo ateu, pelo agnóstico, ou pelo cético. O que Ratzinger vai criticar duramente é a posição que opta pela indiferença, posição essa particular do relativismo que afirma a igual validade de qualquer posição em relação a fé, tanto faz, tudo é a mesma coisa. A teóloga M. Bingemer exprime assim essa opção:

---

<sup>161</sup> Cf: LIMA, D. e TRUDEL, J. (orgs.). **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 300 e 301.

Hoje, as pessoas nascem e crescem no meio de um mundo onde se cruzam, dialogam e interagem de um lado o ateísmo, a descrença e/ou a indiferença religiosa, e de outro várias religiões, antigas e novas que se entrecruzam e se interpelam reciprocamente<sup>162</sup>.

Justamente por conta desses aspectos, os discursos que remetem a Deus através das opções de fé, “estariam permeados e mesmo configurados em maior ou menor proporção pelo fenômeno da secularização, que avança e transforma a visão do campo religioso e cultural”<sup>163</sup>. Esta a situação da busca pela verdade de fé na dimensão do absoluto pertinente ao limiar do século XXI, segundo a análise da teóloga Maria C. Lucchetti Bingemer.

Ratzinger por sua vez, opõe-se ao relativismo na medida em que este apresenta algumas facetas próprias a esse tipo de posicionamento, como o subjetivismo, o individualismo e o indiferentismo. Com efeito, todas estas concepções se opõem à busca de uma concepção religiosa absoluta, e, conforme Ratzinger, se manifestam como uma consequência natural do posicionamento relativista em relação à fé religiosa confessional. Depois de alguns séculos onde a sociedade, notadamente, a sociedade ocidental, era regulada pelo pensamento religioso, a nova sociedade, que agora se apresenta, vem se opor ou, ao menos, tomar como indiferente, a regulação religiosa no seio de sua autoconsciência.

Essas seriam características próprias de uma nova sociedade que chamamos secularista ou laicista. Ainda segundo análise da teóloga Bingemer, “a secularização é um fenômeno histórico presente nos últimos séculos, pelo qual as crenças e instituições religiosas se converteram em doutrinas filosóficas e instituições leigas”<sup>164</sup>. Nesse sentido, essa noção de secularização ou de laicismo designaria um processo de “dessacralização de atividades que dependiam até então, total ou parcialmente, da

---

<sup>162</sup> Fonte: LIMA, D. e TRUDEL, J. (orgs.). **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 286.

<sup>163</sup> Idem, p. 287.

<sup>164</sup> Idem, p. 289.

religião: as artes, a técnica, a política, os comportamentos e as normas éticas, e mesmo as diversas práticas científicas”<sup>165</sup>.

Com tudo isso, nos tempos atuais, onde predomina justamente a concepção laicista e secularista, ainda segundo Bingemer, “tais atividades são compreendidas ou como explicitamente opostas a qualquer tipo de religião ou como indiferentes com respeito às normas religiosas”<sup>166</sup>. No primeiro sentido identificado por Bingemer, isto é, no sentido de oposição, identifica-se a posição secularista, já no segundo, isto é, na indiferença, identifica-se a posição relativista. O processo de secularização iniciado pela crise moderna vai apresentar várias características que aparentemente se revelarão incompatíveis com a consciência da presença do sagrado, com a vivência da fé e mais ainda com a prática da religião.

Para Ratzinger isso é um equívoco que produz erros teológicos gravíssimos e definitivos. Sendo assim, faz-se necessário rechaçar como um erro esse tipo de visão dentro de uma compreensão propriamente teológica.

Apesar do seu posicionamento depreciativo contra o relativismo, Ratzinger não está de modo algum criticando um diálogo inter-religioso confessional, o que sugere alguns defensores de visões relativistas, sejam estes de correntes teológicas ou culturais<sup>167</sup>. Ratzinger, na verdade, propõe continuamente o direito inalienável da pessoa humana a opção pela adesão de uma fé. Essa adesão sim é relativa ao homem, possuidor do direito inalienável de escolha. O que ele está defendendo é justamente a dimensão da fé que não deveria ser atingida por relativismos de qualquer espécie, manifesto, por exemplo, numa atitude de indiferença ou de subjetivismo. A fé é

<sup>165</sup> BINGEMER, M. C. L. In: LIMA, D. e TRUDEL, J. (orgs). **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 289.

<sup>166</sup> Ibidem.

<sup>167</sup> De modo geral, na visão dos críticos de Ratzinger, seus posicionamentos refletem uma visão conservadora. Para estes, a crítica contundente de Ratzinger contra o relativismo levaria a deformação, simplificação e finalmente, ao falseamento das posições contrárias. Outros, mais radicais, acusam-no de uma visão medieval. Afirmam que a lógica do seu pensamento conduz inevitavelmente ao fechamento ao diálogo. Com base nisso, afirmam que é um teólogo de visão ultrapassada. Contudo, as críticas de Ratzinger ao relativismo não denotam esse tipo de conclusão pejorativa, já que ele manifesta constantemente abertura e transparência dialógica.

um direito legítimo e pertence ao âmbito de valor em si mesma, na sua identidade própria, como o são outros valores como a justiça, o amor ou a liberdade.

É no desenvolvimento desta questão entre verdades absolutas e verdades relativas que Ratzinger enfrenta muitas oposições. Com efeito, seus posicionamentos neste campo são geralmente bem definidos e incisivamente claros. Afirma ele:

Em um mundo onde, no fundo, o ceticismo contagiou até mesmo muitos crentes, é um verdadeiro escândalo a convicção da Igreja de que existe uma Verdade com maiúscula, e que essa Verdade seja reconhecível, exprimível, e dentro de certos limites, definível de modo preciso. É um escândalo partilhado também por católicos que perderam de vista a essência da Igreja. Ela não é uma organização apenas humana, deve defender um depósito que não é seu, deve garantir o anúncio dele e a sua transmissão através de um magistério que o represente de modo adequado e autêntico aos homens de cada época<sup>168</sup>.

Este era, e continua sendo nos dias atuais, a grande preocupação de Ratzinger. Preocupação que não o livra das críticas mais contundentes tanto contra como a favor de seus posicionamentos teológicos. A passagem citada acima deixa entrever também a compreensão de Ratzinger no que tange à *Revelação*. Para Ratzinger, a “fé cristã é algo que vem de fora para dentro”<sup>169</sup>, isto é, não é uma conquista do homem, mas algo que lhe é dado e que precisa cuidados como com um presente de valor incalculável.

Temos aqui o problema referente a apresentação da verdade, sob o ponto de vista cristão, perante uma sociedade predisposta à recusa de afirmações sobre a “Verdade” em si. Por conta, justamente, dessa predisposição, como se nossa sociedade estivesse cansada de afirmações absolutas, ela tornou-se indiferente perante a questão. Para o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer “a realidade atual mudou”, depois de um decidido período de “ateísmo dogmático”. Segundo o ponto de vista

<sup>168</sup> RATZINGER, J. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se interroga**. São Paulo: EPU, 1985, p. 12.

<sup>169</sup> Ratzinger desenvolve essa idéia com bastante profundidade na sua obra: **Introdução ao cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 35 a 47.

desse filósofo: “No lugar do marxismo e de sua negação da religião em geral, surgiu o ateísmo da indiferença. Isso parece ser cada vez mais o comportamento predominante das gerações mais jovens nos países industrializados”<sup>170</sup>, embora, para esse mesmo autor “estes, ainda não representam uma maioria na humanidade como um todo”<sup>171</sup>.

### 3.2.1 O relativismo na cultura atual e seu impacto na dimensão religiosa

Na homilia da missa *pro eligendo pontífice*, Ratzinger levantava a problemática do relativismo cultural, muito própria e pertinente ao tempo atual, como uma situação concreta, palpável e objetiva, ainda que, naquele momento, fosse em seu entendimento, um problema mais específico da Europa. Conforme ele já afirmava ali, o relativismo cultural, se não combatido, terminaria por empobrecer e tornar indiferente e subjetivista a fé religiosa. Assim como naquela oportunidade, ainda nos dias de hoje, esse problema continua representando um perigo para a fé. Para Ratzinger, o relativismo agora teria se espalhado por todo o mundo, e a característica principal em que se manifesta, se refere a uma questão crucial para a fé religiosa, a saber: a relação entre o absoluto próprio da fé, e o relativo na confissão dessa fé. Justamente por isso, naquela homilia, Ratzinger tratou com clareza a questão, criticando duramente o relativismo.

Defendendo a fé, como opção legítima por uma verdade de cunho absoluto contra toda forma em que se manifeste a indiferença por um tema tão importante, Ratzinger afirmava com vigor a opção de fé do cristianismo frente à decadência racional e moral do agnosticismo e do relativismo imperantes em determinados setores culturais e políticos. Ratzinger advertia que a “ditadura do relativismo” não reconhece nada como definitivo e deixa como última medida só o próprio eu e seus caprichos. Para ele:

Ter uma fé clara, segundo o credo da igreja, é freqüentemente rotulado como fundamentalismo. Enquanto isso, o relativismo, isto é, deixar-se levar

<sup>170</sup> GADAMER, H. In: DERRIDA, J. e VATTIMO, G. (orgs.). **A Religião: o seminário de Capri**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 223.

<sup>171</sup> Ibidem.

daqui e dali por qualquer vento de doutrina, é tratado como o único compromisso à altura dos tempos modernos<sup>172</sup>.

Na seqüência desta mesma homilia, Ratzinger mencionava, ainda com maior rigor e objetividade, a sua crítica ao relativismo, considerando o contexto em que esse relativismo compromete a condição de fé. Essa crítica produziu grandes impactos na mídia em geral. Dizia Ratzinger: "Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo, que não reconhece nada como definitivo e que deixa como última medida só o próprio eu e a sua vontade"<sup>173</sup>.

A confissão ou a profissão de uma fé, dentro de uma dimensão religiosa, engloba para Ratzinger, uma dimensão absoluta de sentido existencial. Sob esse aspecto, é comum e livre a todas as pessoas. Ou seja, seria em tese, como afirmamos anteriormente, um direito universal, abrangendo a capacidade de compreensão de todos os seres humanos. Segundo Ratzinger existem algumas áreas, e entre estas ele considera a da fé, que somente podem ser formuladas a partir de uma concepção absoluta. É o que ocorre no que se relaciona a Deus, a fé aparece como fruto da concepção humana com respeito a esse Deus. Ao mesmo tempo, ainda que considerando esse aspecto da liberdade individual em se conceber Deus, a fé, para Ratzinger, implica num consenso que não pode ser apenas individual ou pessoal, isto é, a partir de uma compreensão simplesmente subjetivista da pessoa, como ficou patente na afirmação citada acima quando tece dura crítica contra o relativismo. Uma fé que dependesse só da própria pessoa, da sua vontade, seria uma fé individualista, proveniente justamente desse aspecto relativista. Ao contrário, para Ratzinger, a fé num sentido absoluto pertenceria, antes, a um consenso comunitário e, ao mesmo tempo, universalmente válido para todas as pessoas que partilhem aquela fé, e isto, em qualquer tempo e lugar.

---

<sup>172</sup> Homilia na missa "**pro eligendo pontífice**". Roma, em 18 de abril de 2005. Fonte: [http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_20050418\\_po.html](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html). Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 24 set. 2009.

<sup>173</sup> Idem.

Esse consenso comunitário acontece própria e justamente nas religiões. Exatamente por isso ele se realiza plenamente nas comunidades de fé, isto é, numa confissão comunitária. O absoluto ali proposto é compartilhado por todos, dentro daquele contexto determinado. Com isso, essa fé, com sentido absoluto, é identificável, isto é, “não quer ser um símbolo do inominável, que numa religião aparece de uma forma e em outra de uma forma diferente, mas sim uma afirmação sobre a própria realidade em si”<sup>174</sup>.

A partir dessa concepção, Ratzinger postula a legitimidade da religião na busca pelo absoluto da fé. E é a partir dessa fé legitimada que se formam as grandes religiões: a concepção a partir do cristianismo, realizada nas comunidades de fé cristãs; a concepção a partir do islamismo, realizada na comunidade de fé mulçumana; a concepção a partir do judaísmo, realizada na comunidade de fé judaica; a concepção a partir do budismo, realizada na comunidade budista, etc. Quando a fé, num sentido último e absoluto, vê-se pulverizada pelos mais diversos tipos de diferentes doutrinas relativistas, o homem perde a referência fundamental de seu ser. Isso é o que ocorre não apenas no cristianismo, mas em todas as religiões. Por isso Ratzinger, na homilia de Roma, referindo-se a esse risco dentro do mundo cristão, dizia:

A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi muitas vezes agitada por estas ondas lançada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, ao coletivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante<sup>175</sup>.

Ratzinger manifesta aqui uma defesa do absoluto da fé no sentido ecumênico. Mas não pressupõe, ao mesmo tempo, em nível inter-religioso, que a verdade, ou verdades de fé, postuladas em todas as religiões devam ser simplesmente relativizadas ou indiferentes. Aqui se faz necessário um posicionamento claro e definido, o que não

<sup>174</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 22.

<sup>175</sup> RATZINGER, J. Homilia na missa “**pro eligendo pontífice**”. Roma, em 18 de abril de 2005. Fonte: [http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_20050418\\_po.html](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html). Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 25 set. 2009.

implica, em Ratzinger, de maneira alguma intolerância religiosa, com efeito, para ele todas as religiões cumprem legitimamente o seu papel ao buscar o absoluto pela fé, ainda que, para ele, somente a verdade de Cristo é, por excelência, a verdade que nos foi dada, revelada. Verdade que não depende de nós, mas que nos veio de fora.

### **3.2.2 A teologia e a questão do absoluto e do relativo na visão de Ratzinger**

O absoluto da fé, bem como a verdade absoluta, são temas pertinentes à disciplina da teologia. Justamente por isso, a teologia está revestida de refinada importância para o conhecimento humano. Em Ratzinger, pelo fato de a teologia constituir-se num estudo sistemático da fé (revelada) em Deus (Jesus Cristo), ela torna-se, necessariamente, entre todos os outros campos de estudos nos quais o ser humano possa dedicar seu esforço pela busca do conhecimento, aquele que, mais radical e profundamente, provoca desafios aos limites do saber, justamente porque se postulam afirmações de verdade ou verdades, com peso de validade absoluta.

Se Deus, como, aliás, já o exige o próprio conceito da palavra, resulta num entendimento universal daquele que se constitui como o Ser Supremo e Absoluto ao qual tudo e todos se encaminham ou se dirigem, então, a teologia possui intrinsecamente, de fato, tal condição de grandeza, condição esta que, ao mesmo tempo em que lhe fornece privilégios superiores à outras ciências, igualmente lhe coroa com imenso grau de responsabilidade.

Nesse sentido, teologia e fé se caracterizam por um tipo de conhecimento que tem por finalidade o ilimitado. Mas a teologia, ao mesmo tempo em que atua num horizonte ilimitado, busca realizar concretamente essa atuação num horizonte de proposições científicas. A ciência, ao contrário da teologia, tem como finalidade o conhecimento limitado, imposto inclusive pela capacidade natural do saber humano. Com isso, a união da fé numa verdade que possa ser validada pela ciência, nesse nível ilimitado, forma um paradoxo. Aqui o papel da teologia: justamente, conciliar esse paradoxo.

Em Ratzinger, ciência, teologia e fé são caminhos comuns para o conhecimento de Deus. Mas não se deve negar os desafios presentes na conciliação destes fatores, justamente porque necessariamente, trazem intrinsecamente, o paradoxo acima referido, qual seja, unir conhecimento limitado, o científico, ao ilimitado, a fé. Cabe pois a teologia buscar conciliar a dádiva da fé com o conhecimento adquirido através do estudo, este como perspectiva própria da ciência. Para Ratzinger, com efeito,

a teologia pressupõe a fé. Ela vive do paradoxo de que existe uma ligação entre fé e ciência. Aquele que pretender suprimir este paradoxo está suprimindo a teologia, e deveria também ter a coragem de dizê-lo. Mas quem aceita esse paradoxo deve aceitar também as tensões presentes nele<sup>176</sup>.

A teologia seria então a disciplina que toma como centro de sua própria razão de ser, as dimensões mais fundamentais e importantes para todo ser humano. E se teologia se caracteriza como a ciência da fé em Deus, essa fé é, como bem ressalta o teólogo Clodovis Boff, “um tipo de conhecimento. Um conhecimento certo, mas não evidente”<sup>177</sup>. Aí se manifesta, claramente, o paradoxo identificado por Ratzinger.

Por conta do aspecto específico de seu objeto, notadamente transcendente e inefável, a teologia tem seus discursos continuamente estudados e re-estudados, prova disso é seu inextinguível repertório teórico. Da mesma forma, por conta de que esses mesmos discursos são produzidos por nossa capacidade limitada de conhecimento, são discursos relativos que abordam uma realidade absoluta.

Boff chama nossa atenção para esse processo presente nos estudos teológicos. Referindo-se à teologia ele afirma:

O horizonte de mistério ou a transcendência de seu objeto e sua pretensão escatológica dão à teologia um dinamismo extremo, sem paralelo com

<sup>176</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 48.

<sup>177</sup> BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 312.

qualquer outro discurso. Por isso a teologia continuamente faz e refaz suas estruturações racionais, procurando avançar o quanto pode. Daí o dilúvio de discursos e produções teológicas<sup>178</sup>.

Esse aspecto dinâmico levantado por Boff, que está presente na busca do homem pela compreensão de Deus e que é a teologia em si mesma, sugere justamente o caráter transitório da capacidade humana de entender esse mistério que se relaciona ao absoluto da fé. Justamente, por conta disso é que, “as grandes questões da fé, por sua natureza, não admitem respostas fixas”, afirma ainda Boff<sup>179</sup>. Assim, as respostas às questões de fé, ainda que movidas pelo estudo do “Absoluto”, vale dizer, Imutável, Eterno e Permanente, são sempre recorrentes. É o que conclui Boff ao dizer que:

As teologias que se criaram para responder às inquietações da fé, uma vez passada a sua época, não satisfazem mais. Não há, a rigor, desenvolvimento cumulativo em teologia. Novos cenários culturais obrigam a retomadas contínuas de toda tradição passada. E nisso volta-se perpétua e recorrentemente às fontes. Isso faz da teologia a mais relativa de todas as ciências, a mais pluralista e a mais marcada pela historicidade<sup>180</sup>.

A teologia assim, ao ter em vista seu objeto por forma unicamente teórica, é uma disciplina fundamentalmente abstrata. Sua apresentação se dá na forma da linguagem e do tempo em que é formulada essa linguagem. Com isso, ainda que visando um fim absoluto, é sempre relativa.

Mais uma vez aqui, se manifesta o paradoxo afirmado por Ratzinger. Mas os paradoxos não param aí. Ratzinger afirma continuamente, na sua obra *Introdução ao cristianismo*<sup>181</sup>, o desafio paradoxal existente na fé como dádiva exterior ao homem, chamada pelos cristãos como um dom, e a pertinência da fé unida a sua conquista pelo

<sup>178</sup> BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 95.

<sup>179</sup> Ibidem.

<sup>180</sup> Ibidem.

<sup>181</sup> RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 38 a 47.

entendimento humano realizado através do estudo<sup>182</sup>. A fé implica numa conversão provocada pela compreensão desta fé, por isso mesmo, até para quem é educado numa determinada profissão de fé, somente a conquista do entendimento daquela fé mesma, o que ocorre num processo efetivo de conversão, é que ela pode ser sustentada. A idéia de conversão é também tipicamente própria do cristianismo. “Não existe teologia sem fé, nem teologia sem conversão”<sup>183</sup> já afirmava Ratzinger, mas também certamente, assim como não existe teologia sem fé não existe fé sem conversão.

No entender de Ratzinger, a fé é necessariamente uma união paradoxal entre inteligência e uma dádiva, ou um “dom”. Não basta ao homem uma inteligência esmerada para o alcance da fé. Como ele o diz, “a racionalidade pura e simples não basta ainda para dar origem a uma teologia cristã”<sup>184</sup>. O entendimento nasce da fé, sob quaisquer circunstâncias, com efeito, antes de se entender algo, é necessário a ocorrência da fé na realidade daquilo que se quer entender. É por isso que Ratzinger vai afirmar que “o entendimento só pode nascer da fé”<sup>185</sup>. Por conta dessa compreensão Ratzinger afirma que “a teologia, como discurso entendedor à base do logos sobre Deus é uma das primeiras tarefas da fé cristã”<sup>186</sup>.

Para Ratzinger, é justamente nessa urgência entre a fé e o entendimento que a mensagem cristã se aproximou e ao mesmo tempo se integrou na linguagem e na filosofia grega na primeira fase de sua existência, isto é, por volta do I e do II século de nossa era. É a tentativa incipiente de união da teologia, fé e ciência em seus pressupostos mais básicos.

### 3.2.2.1 Ratzinger e as “tentações teológicas” quanto ao absoluto da fé

<sup>182</sup> Para os cristãos a fé é uma graça recebida, ou por via de uma pregação, isto é, vinda de forma exterior a pessoa, ou por obra e graça do Espírito Santo, que inspira a sua aceitação ou o seu entendimento. No entendimento cristão, é sempre um dom, dado de alguma forma por Deus. Em todos os casos, efetivamente, a fé chega como algo vindo de fora do próprio homem, isto é, não é uma conquista do homem.

<sup>183</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 49.

<sup>184</sup> Idem, p. 50.

<sup>185</sup> RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 58.

<sup>186</sup> Ibidem.

Em obra recente, *Jesus de Nazaré*, Ratzinger faz uma interessante comparação sobre o sentido existencial da vida humana a partir do relativismo e o sentido existencial a partir da visão cristã. Segundo ele, as três tentações vivenciadas por Cristo expressariam uma resposta para esta questão: “o núcleo de toda tentação (...) é colocar Deus de lado, o qual, junto às questões urgentes da nossa vida, aparece como secundário, senão mesmo como supérfluo e incomodo”<sup>187</sup>. Em tempos passados, esta seria também, segundo Ratzinger, a proposta global do positivismo: “ordenar; construir o mundo de modo autônomo, sem Deus”<sup>188</sup>. A mesma proposta reaparece em tempos mais recentes, desta vez no marxismo: “reconhecer como realidade apenas as realidades políticas e materiais e deixar de lado Deus, tendo-o como uma ilusão”<sup>189</sup>.

Em tempos atuais, essa proposta novamente retorna, agora na forma do relativismo cultural e religioso. A tentação agora é a de levar Deus, como sentido último da existência, ao subjetivismo indiferentista. Cada um opta individualmente pela fé, sendo que esta não pode interferir na vida concreta e real do novo homem. Não cabe a Deus nenhuma tarefa no mundo, portanto, o homem deve “pôr finalmente de lado as ilusões e dedicar-se de todas as formas à melhoria do mundo”<sup>190</sup>. Essa a tarefa humana, pela qual Deus é totalmente dispensável.

Voltando a comparação entre as tentações de Cristo e uma visão humana existencial, Ratzinger enumera as três tentações e os desafios do cristianismo no mundo. A primeira tentação se apresenta hoje, assim como em outras diferentes épocas, na exigência de manifestação de Deus: “Se tu existes, ó Deus, então tu mesmo te debes mostrar (...) se Tu, Cristo, és realmente o Filho (...), então Tu debes mostrar isso de um modo muito mais claro do que o fazes”<sup>191</sup>.

A primeira tentação expõe também o desafio da fome e da miséria no mundo. Como crer num Deus de bondade a partir da desigualdade social existente na

---

<sup>187</sup> RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2007, p. 41 e 42.

<sup>188</sup> Idem, p. 43.

<sup>189</sup> Ibidem.

<sup>190</sup> Idem, p. 44.

<sup>191</sup> Ibidem.

humanidade? “O que há de mais trágico, o que mais contradiz a fé num Deus bom e a fé num redentor do homem do que a fome na humanidade?”<sup>192</sup>. Não poderia Deus fazer que as pedras se transformassem em pão, especialmente para aqueles que nele crêem? Para Ratzinger, esse foi um dos programas do marxismo: “Do modo conceitual mais elevado, o marxismo fez disto o cerne da sua promessa de salvação: ele cuidaria para que acabasse toda fome”<sup>193</sup>. Nos dias atuais, essa tentação continua existindo. No entender de Ratzinger, ela ocorre com muita clareza quando, por exemplo,

a ajuda do Ocidente para o desenvolvimento com base em princípios puramente técnicos e materiais, que não só deixa Deus de fora, mas também força o homem a “Dele” se afastar com o orgulho do seu saber fazer melhor<sup>194</sup>.

Para Ratzinger, quando o homem deixa de reconhecer Deus como uma realidade, o mundo, ainda que unido para construir uma sociedade melhor, acaba por eliminar o sumo bem, a esperança última, o sentido primordial existencial. A partir disso, tudo se torna relativo aos valores do próprio homem, empurra-se “para o lado as estruturas religiosas, morais e sociais e instaura no vazio a sua mentalidade tecnológica”<sup>195</sup>.

A segunda tentação se manifesta dentro do próprio meio teológico cristão. É quando o homem acha-se o centro de tudo. O bem e o mal se resumem ao próprio homem. Igualmente, o homem é quem determina o que deve ou não deve ser aceito no que diz respeito a Deus. É a tentação de onipotência. Assim como o homem, também a “maldade” sabe recorrer às Escrituras para revestir-se de santidade. Na sua entrevista transformada em livro, “O Sal da Terra”, Ratzinger afirmava que “de aparentes resultados da exegese científica se entreteceram os piores livros que destruíram a figura de Jesus, que desmontaram a fé”<sup>196</sup>. Nos dias de hoje, afirma ele ainda na

---

<sup>192</sup> RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2007, p. 44.

<sup>193</sup> Ibidem.

<sup>194</sup> Idem, p. 45.

<sup>195</sup> Ibidem.

<sup>196</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 45 e 46.

mesma obra, “também a Bíblia é cada vez mais submetida ao critério da assim chamada visão moderna do mundo, cujo dogma fundamental é que Deus não pode agir na história”<sup>197</sup>. Isso é uma conseqüência natural proveniente de um posicionamento relativista. E como conseqüência disso, afirma ainda Ratzinger, “tudo o que diz respeito a Deus deve ser relegado para o domínio do subjetivo”<sup>198</sup>. Citando uma passagem de Solowjew, na sua obra “Breve narrativa do Anticristo”, Ratzinger retrata com humor a sua crítica: “O Anticristo recebe o doutoramento honoris causa em Teologia pela universidade de Tubinga; ele é um grande especialista em ciências bíblicas”<sup>199</sup>.

A terceira tentação aplica a Deus a prova de seu poder perante o mundo. “Não deve ele ser o rei do mundo, reunir toda a terra num grande reino de paz e bem-estar?”<sup>200</sup>, pergunta Ratzinger. Esquece-se aqui que o Reino de Deus não pertence a esse mundo, e quem poderia afinal saber o que, efetivamente, Deus deveria fazer? “O reino de Cristo”, afirma Ratzinger, “é algo completamente diferente dos reinos da terra e do seu esplendor”<sup>201</sup>. Provas disso foram dadas de sobra ao longo da história. Ratzinger lembra que: “o império cristão tentou fazer da fé um fator político da unidade do império”<sup>202</sup>. O conhecimento do desfecho dessa história basta para concluir que a força humana, quando cede a tentação do poder próprio, jamais foi capaz de estabelecer qualquer sentido existencial suficiente aquele que propõe a força da fé.

Ao abordar o tema do absoluto da fé, que chega até nós com toda pujança de seu mistério, relacionando-o aos grandes desafios racionais para a fé, como nossa coexistência com falhas naturais, ou com as diversas formas de injustiças, de tragédias ou catástrofes presentes em nossa realidade e também ao longo dos tempos, Ratzinger quer chamar a atenção para nossa fragilidade perante o inefável, aquilo que não podemos entender ou conciliar com nossa lógica inflexível. Diante disso, só nos resta a humildade de reconhecer nossas limitações e nossa pequenez. Nem por isso,

---

<sup>197</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 46.

<sup>198</sup> Idem, p. 47.

<sup>199</sup> Idem, p. 48.

<sup>200</sup> RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2007, p. 48.

<sup>201</sup> Ibidem.

<sup>202</sup> Ibidem.

entretanto, deixar de encontrar razões que nos iluminem, através da fé, para o fim último de nossa existência, para o sentido ao qual devemos transcender a pura materialidade do mundo.

### 3.3 DIVERSIDADE RELIGIOSA E OS RISCOS DO RELATIVISMO SEGUNDO RATZINGER

Quando trata do tema entre relativismo e diversidade nas várias concepções de fé religiosa, incluindo aí a pluralidade de fé cristã, Ratzinger não se coloca contrário a este aspecto diversificado, como se opusesse a diversidade como um mecanismo pulverizador da concepção de fé absoluta. A diversidade de fé mantém um caráter positivo no pensamento de Ratzinger. Sob esse aspecto, Ratzinger, em conformidade com os tempos atuais, assimila essa diversidade nos moldes em que hoje é usualmente entendida, isto é, como uma pluralidade legítima de compreensões teológicas numa fé religiosa. O que Ratzinger propõe é a distinção clara e específica entre esses conceitos.

No intuito de identificar os riscos do relativismo para o âmbito da diversidade religiosa, Ratzinger busca compreender como o relativismo se apresenta no seio das sociedades ou das culturas. Para ele essa apresentação ocorre já na idéia de secularismo presente no âmbito da fé religiosa. Haveria um esvaziamento de sentido no que se refere ao sagrado, ao inefável, ao mistério. Isto entraria em contradição com algumas questões centrais da dimensão do absoluto de fé, o que então será objeto de sua análise. Sua crítica é específica: o relativismo na fé não é uma atitude válida e compatível com as exigências naturais e intrínsecas da própria confissão de fé. Isso não se aplica à pluralidade e diversidade. Tais posicionamentos seriam, a seu ver, legítimos e coerentes com o seu próprio conceito. O desafio aqui é conciliar essa diversidade e essa pluralidade junto com um posicionamento absoluto na fé que se traduza num harmonioso e pacífico diálogo de fé religiosa confessional na sociedade.

Fé, nas palavras de Ratzinger é “a decisão fundamental de perceber Deus e de O aceitar”<sup>203</sup>.

A questão relacionada a fé em nossa sociedade pluralizada e diversificada foi abordada por Ratzinger na obra *Fé, verdade, tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo*. Para Ratzinger, o problema do relativismo, como contraposição ao absoluto da fé manifesto nas religiões, não se restringe apenas ao cristianismo, como um todo, mas se estende também a todas as religiões da atualidade. Frente ao relativismo, cada vez mais presente em todas as culturas, as religiões não podem abrir mão dos fundamentos de sua fé.

O risco que o relativismo apresenta é, como afirmado anteriormente, o esvaziamento das propostas de fé. A verdade passa então a ser determinada por um conjunto de afirmações onde Deus, como absoluto da fé nas religiões, se encontra simplesmente excluído e tudo que importa são duas plataformas programáticas: ou é um programa humano sem finalidades eternas, justamente, aquelas finalidades próprias das religiões; ou é um pressuposto particular, onde a verdade é aquela construída pelo homem individualmente, sob a tutela única de seu próprio subjetivismo.

Num encontro com os bispos americanos, realizado em Washington no ano de 2008, Ratzinger, respondia alguns questionamentos sobre essa problemática, nesse caso, a problemática fora do circuito europeu, todavia, presente também na América. O Papa dizia ali que o secularismo constitui-se numa das causas do relativismo. Em sua visão, com respeito especificamente a realidade americana, uma cultura, como se sabe, tipicamente pragmática, esse secularismo da América até

permite acreditar em Deus e respeita o papel público da religião e das Igrejas, todavia sutilmente reduz o credo religioso ao mínimo denominador comum. A fé torna-se aceitação passiva de que determinadas coisas "lá fora" são verdadeiras, mas sem relevância

---

<sup>203</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 94.

prática para a vida quotidiana<sup>204</sup>.

O resultado dessa condição é uma crescente separação entre a fé e a vida: “o viver como se Deus não existisse”<sup>205</sup>. O resultado disso é um agravamento na condição da fé numa dimensão absoluta: toma forma real “uma abordagem individualista e eclética da fé e da religião”<sup>206</sup>, com isso, como em todas as culturas em que prevalece o relativismo, o pensar com a Igreja torna-se um pensar absolutamente íntimo, e assim, “cada pessoa julga ter um direito de identificar e escolher, conservando os vínculos sociais, mas sem uma conversão integral, interior à lei de Cristo”<sup>207</sup>.

Manifesta-se assim claramente, segundo Ratzinger, um “espírito” secularista incompatível com o comprometimento ao absoluto da fé numa confissão religiosa. O Papa, com respeito a isso, citava ali, inclusive, um exemplo muito concreto, ao trazer a tona a questão do aborto. Na sua visão, ao aderirem culturalmente a visão relativista ou secularista,

os cristãos são facilmente tentados a conformar-se com o espírito do século. Constatamo-lo de maneira aguda no escândalo causado por católicos que promovem um presumível direito ao aborto<sup>208</sup>.

Ao concluir a questão, Ratzinger propunha então a vivência prática da fé professada. Em meio a diversidade de fé no âmbito absoluto, é preciso, segundo Ratzinger, ligar o discurso da fé a sua prática efetiva. Assim como em outras concepções religiosas, onde o absoluto da fé se relaciona ao compromisso com uma vida justa, pacífica e honrada, também entre os cristãos, “o Evangelho deve ser pregado e ensinado como um modo de vida integral, que oferece uma resposta

---

<sup>204</sup> BENTO XVI. **Discurso aos bispos americanos**. Santuário Nacional da Imaculada Conceição de Washington, D.C. Quarta-feira, 16 de Abril de 2008. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 19 dez. 2009.

<sup>205</sup> Idem.

<sup>206</sup> Idem.

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Idem.

atraente e verdadeira, intelectual e prática, aos problemas humanos concretos”<sup>209</sup>. Ratificando mais uma vez a sua crítica ao ponto de vista contrário, especialmente propugnado pela concepção relativista de mundo, o Papa arrematava: “Em última análise, a ditadura do relativismo nada mais é do que uma ameaça à liberdade humana que somente amadurece na generosidade e na fidelidade à verdade”<sup>210</sup>.

Também num discurso aos bispos da comunidade europeia<sup>211</sup>, o Papa falava sobre essa estreita ligação do relativismo ao secularismo, incluindo também o laicismo a partir de uma idéia cultural pragmatista, própria não apenas dos americanos como também presente na cultura racionalista generalizada. Para Ratzinger, o pragmatismo, apresentado como equilíbrio realista, “em última análise não é assim, precisamente porque nega a dimensão de valor e de ideal, inerente à natureza humana”<sup>212</sup>. Com isso, a posição pragmatista, que em sentido conceitual pode ser altamente benéfica para a sociedade humana se transforma num risco para todos aqueles que confessam sua fé no sentido religioso. Isso por que, para Ratzinger “quando em tal pragmatismo se inserem tendências e correntes laicistas e relativistas, termina-se por negar aos cristãos o próprio direito de intervir como tais no debate público”<sup>213</sup>, o que resultaria na exclusão do ponto de vista da religião nos assuntos de interesse humanitário. Tal posição em relação ao pensamento religioso, no mínimo, argumentava Ratzinger “desqualifica a sua contribuição com a acusação de desejarem salvaguardar privilégios injustificados”<sup>214</sup>.

### 3.3.1 Bases do posicionamento crítico de Ratzinger

<sup>209</sup> BENTO XVI. **Discurso aos bispos americanos**. Santuário Nacional da Imaculada Conceição de Washington, D.C. Quarta-feira, 16 de Abr. de 2008. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 19 dez. 2009.

<sup>210</sup> Idem.

<sup>211</sup> BENTO XVI. **Discurso aos participantes no Congresso dos Episcopados da Comunidade Européia** (COMECE), em 24-03-2007. Fonte: [www.vatica..va](http://www.vatica..va). © Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 22 dez. 2009.

<sup>212</sup> Idem.

<sup>213</sup> Idem.

<sup>214</sup> Idem.

Em várias ocasiões Ratzinger se pronunciou, aberta e claramente, contra as conseqüências negativas efetivas, especialmente dentro do cristianismo, mas também, como de resto, em todas as concepções religiosas e teológicas, que são produzidas pelo relativismo da fé. Ratzinger entende a visão relativista na fé como uma das características principais que provocaram uma espécie de “falta de sentido existencial” muito visível, em sua opinião, especialmente na Europa central. No discurso de Bento XVI, citado anteriormente, fica manifesto sua tese:

Não é motivo de surpresa que a Europa contemporânea, enquanto aspira a apresentar-se como uma comunidade de valores, parece cada vez mais freqüentemente contestar o fato de que existem valores universais e absolutos?<sup>215</sup>

Mas, esse problema, como outros, vem saindo do eixo da Europa central e se alojando em outras partes do mundo: “A fé está hoje ameaçada em toda parte”<sup>216</sup>. Para exemplificar seu posicionamento, extremamente objetivo e crítico a esse tipo de relativismo, citamos a seguir duas passagens contundentes de Ratzinger. A primeira assinada por ele como Cardeal e Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé:

Quando a Congregação para a Doutrina da Fé, no ano 2000, publicou a declaração *Dominus Iesus* “Sobre a singularidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja” houve uma gritaria de indignação da sociedade moderna ocidental e também das grandes culturas não cristãs. Tratar-se-ia de um documento de intolerância e de uma arrogância religiosa que não mais deveria ter lugar no mundo moderno<sup>217</sup>.

Na segunda passagem selecionada, retomamos a fala de Ratzinger na Missa *pro eligendo pontífice*:

<sup>215</sup> BENTO XVI. **Discurso aos participantes no Congresso dos Episcopados da Comunidade Européia** (COMECE), em 24-03-2007. Fonte: [www.vatica.va](http://www.vatica.va). © Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 22 dez. 2009.

<sup>216</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 112.

<sup>217</sup> RATZINGER, J. **Fé, verdade, tolerância**. O cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p. 8.

Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi muitas vezes agitada por estas ondas lançada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, ao coletivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante (...). Ter uma fé clara, segundo o credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar aqui e além por qualquer vento de doutrina, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades<sup>218</sup>.

É a partir desse posicionamento que Ratzinger desenvolve objetiva e de maneira contundente, as suas críticas ao pensamento relativista, tão preponderante nas culturas atuais.

### 3.3.2 Implicações sociais e religiosas do relativismo na ótica de Ratzinger

À partir da constatação que Ratzinger faz do relativismo como “problema central da fé na hora atual”<sup>219</sup>, ele identifica alguns riscos mais específicos. No seu entender, o relativismo se mistura à crença na impossibilidade da existência de uma verdade para além daquela do próprio homem, isto é, enquanto ser individual e particular, e à pseudo-imagem de uma tese embasada num posicionamento tolerante, de apoio à liberdade e diálogo entre as pessoas, culturas e religiões. Sob essa veste de tolerância, liberdade e diálogo, sem os quais, a cultura relativista afirma estar em risco o verdadeiro respeito pelo diferente, arrisca-se uma imposição aos cristãos de calarem

<sup>218</sup> RATZINGER, J. **Homilia na missa “pro eligendo romano pontífice”**, 18 de abril de 2005. Fonte: [http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_20050418\\_po.html](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html). © Copyright 2005. Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 17 jan. 2010.

<sup>219</sup> RATZINGER, J. **Conferência no encontro de presidentes de comissões episcopais da América Latina para a doutrina da fé**. Guadalajara (México), novembro de 1996. Fonte: <http://www.vatican.va/gpII/documents>. Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 28 dez. 2010.

sua convicção de verdade, sobretudo, aos menos preparados para se defenderem dessa ameaça para a fé.

Ratzinger também defende a necessidade de valores como a tolerância, a liberdade e diálogo entre as pessoas e as culturas. No seu entender o homem “é um ser criado para conviver com os outros”<sup>220</sup>. Sendo assim, “a sua liberdade deve ser necessariamente uma liberdade compartilhada, de modo que se garanta a liberdade para todos”<sup>221</sup>. Mas, para ele, tudo isso só pode acontecer a partir da aceitação de um valor que emerge como absoluto dentro da comunidade. Se a própria liberdade, que se quer respeitar, é entendida em primeiro lugar como um valor que valha a pena, então essa noção de liberdade se torna um valor maior que a liberdade do indivíduo, e com isso, se pode garantir a liberdade de todos.

Do modo contrário, a se levar a sério as afirmações relativistas, até o mais perverso dos homens teria legítimo direito em praticar as mais cruéis insanidades, afinal, considerar-se-ia que suas ações foram desenvolvidas a partir de suas próprias convicções de verdade, e para as quais, um confronto somente pode ser efetivado com base no respeito à sua liberdade pessoal. Como o afirma Ratzinger: “Se não sabemos o que é verdade, também não podemos saber o que é bom e muito menos o que é o bem em sentido absoluto”<sup>222</sup>.

Ratzinger, repetidas vezes, reafirma as suas preocupações com o relativismo intelectual e moral, comuns ao nosso tempo. Para ele, o núcleo dessa questão gira em torno da consciência e verdade, isto é, valores absolutos e universais em contraposição aos posicionamentos individualistas onde o que impera é o subjetivismo humano. Nesse sentido, diz Ratzinger:

Atualmente, a consciência aparece como expressão do caráter absoluto do sujeito, acima do qual não

---

<sup>220</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 223).

<sup>221</sup> Ibidem.

<sup>222</sup> Idem, p.222.

poderia haver, no campo moral, nenhuma instancia superior. O bem como tal não seria cognoscível. O Deus único não seria cognoscível. No que diz respeito à moral e à religião, a última instância seria o sujeito<sup>223</sup>.

A partir da elevação da subjetividade como possibilidade única e última para a verdade, o homem se fecha ao dado da fé objetiva. A verdade passa a ser de caráter individual, e nunca coletiva. Cada um pode construir sua própria noção da verdade e não existe nenhuma verdade que seja superior a verdade do sujeito. Não existe, portanto, nenhuma norma que, em última análise, possa governar uma comunidade de pessoas. As comunidades de fé são destituídas então de sentido. Nenhuma Igreja pode pretender uma verdade acima da verdade do próprio individuo.

Nesta apresentação em Madrid, Ratzinger explicitava o que pensa sobre essa concepção relativista atual. Para ele, esse conceito promove a decadência da própria consciência como bem humano. Nesse sentido ele afirma que “o conceito moderno de consciência equivale à canonização do relativismo, da impossibilidade de haver normas morais e religiosas comuns”<sup>224</sup>. A crítica de Ratzinger se torna ainda mais dura quando essa concepção relativista atinge aquilo que ele considera como o cerne do cristianismo: “Para a tradição cristã, a consciência sempre foi a garantia da unidade do ser humano e da cognoscibilidade de Deus, portanto da obrigatoriedade comum de um mesmo e único bem”<sup>225</sup>.

Pretender nesses tempos uma verdade acima do individuo é tachado como fundamentalismo intolerante. E justamente sobre a bandeira da tolerância é que o relativismo se pretende impor. Aqui se apresenta o desafio para o qual Ratzinger pretende encaminhar a questão.

---

<sup>223</sup> RATZINGER, J. **Fé, verdade e cultura**. Reflexões a propósito da Encíclica Fé e Razão, no Primeiro Congresso Internacional da Faculdade de São Damasco de Teologia, realizado em Madrid no dia 16-02-2000. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2000 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 26 fev. 2010.

<sup>224</sup> Idem.

<sup>225</sup> Idem.

### 3.3.2.1 Posicionamento relativista como pressuposto de tolerância: crítica de Ratzinger

Ratzinger expressa essa apresentação dúbia do relativismo como uma das motivações de sua aceitação na sociedade. Sob a bandeira da tolerância, ele afirma que “o relativismo pode parecer positivo” pois convidaria “a reconhecer o valor dos outros, a relativizar-se a si mesmo, a facilitar a convivência entre as culturas”<sup>226</sup>, afinal, não teria o menor compromisso com uma verdade acima dos interesses particulares nas mais diversas formas em que se apresentem. Mas, o relativismo, ao transformar-se, ele mesmo, num bem absoluto, “converte-se numa contradição, destrói o agir humano e acaba mutilando a razão”<sup>227</sup>.

Nesse ponto o relativismo termina por negar seu próprio princípio: o princípio do valor subjetivista como bem mais alto para a compreensão de um bem absoluto. Com isso, afirma Ratzinger, dentro de uma cultura marcadamente relativista, “passa-se a considerar aceitável somente o que pode ser calculado ou demonstrado no âmbito das ciências, que se convertem assim na única expressão da racionalidade: o resto seria subjetivo”<sup>228</sup>.

Isso, para Ratzinger, é o que acontece com numa política de cunho relativista, inclusive aquela política que toma por base princípios democráticos. Sobre isso diz Ratzinger:

Muitos opinam que o relativismo constitui um princípio básico da democracia, porque seria essencial a ela que tudo pudesse ser posto em discussão. Na realidade, porém, a democracia vive com base em que existem verdades e valores sagrados que são respeitados por todos. Caso contrário afunda-se na anarquia e neutraliza-se a si mesma<sup>229</sup>.

---

<sup>226</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 222).

<sup>227</sup> Ibidem.

<sup>228</sup> Idem, p. 223.

<sup>229</sup> Ibidem.

Para Ratzinger, o relativismo cultural se apresenta disfarçado, inicialmente, sob a máscara de denúncias contra toda forma de absolutismo, especialmente em se tratando da afirmação de uma verdade única. Acusa de arrogância intolerável, especialmente no campo da fé, a apresentação de uma confissão de fé com sentido absoluto. A verdade, ao contrário, corresponderia àquelas expostas num determinado parlamento, eleito pela maioria. Pressupõe-se então que “não pode haver nenhuma instância acima das decisões da maioria. A maioria conjuntural converte-se num absoluto”<sup>230</sup>. E continua Ratzinger:

Quanto ao resto, Deus, a moral, a vida eterna, foi transferido para o reino da subjetividade. Além disso, pensar que possa existir uma verdade acessível a todos no âmbito religioso implicaria uma certa intolerância. O relativismo converte-se assim na virtude da democracia<sup>231</sup>.

Entretanto, ao afirmar a maioria como detentora da verdade, o mesmo subjetivismo, anteriormente defendido pelo próprio relativismo, desaparece, de forma arbitrária, em função da maioria.

Nessa altura, aquelas regras morais que fundamentam uma sociedade justa e fraterna, necessariamente, não existem mais. É a vontade da maioria que determina o que é ou não moral, da mesma forma, o que é ou não verdade. Sob tais condições, afirma Ratzinger, “se compete às maiorias definir regras morais, uma maioria poderá impor amanhã regras contrárias às de ontem”<sup>232</sup>. Delineiam-se aqui os problemas de tais concepções relativistas. Segundo Ratzinger, a partir disso, “os limites do subjetivismo estão a vista: aceitar incondicionalmente o relativismo, tanto no âmbito da religião como no que diz respeito às questões morais conduz a destruição da sociedade”<sup>233</sup>.

---

<sup>230</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 224).

<sup>231</sup> Idem, p. 227.

<sup>232</sup> Ibidem.

<sup>233</sup> Ibidem.

Para exemplificar Ratzinger cita um exemplo: a seu ver, tais concepções revelam uma experiência trágica vividas recentemente pelo homem: o totalitarismo, “em que é o poder público que fixa autoritariamente as regras morais. Desta forma, o relativismo total desemboca na anarquia ou no totalitarismo”<sup>234</sup>.

Não resta dúvida que Ratzinger relaciona a questão do relativismo como algo proveniente do puro subjetivismo humano. Para ele, o homem moderno entende a concepção de uma verdade válida para todos como um ataque a liberdade subjetiva. Visto sob esse prisma, “a consciência está ao lado da liberdade e toda afirmação de valores absolutos aparecem como uma verdadeira afronta à liberdade individual”<sup>235</sup>.

### 3.3.2.2 A “Verdade” exterior ao homem como resposta de Ratzinger ao subjetivismo

A solução de Ratzinger se encontra em que o homem aceite a verdade como algo que seja maior do que ele, maior que sua própria subjetividade. Mas isso é justamente a aceitação de um absoluto, um absoluto que confere o aspecto de valor objetivo e externo ao homem.

Para o relativismo atual, “a verdade, o absoluto, o ponto de referência do pensamento deixou de ser evidente”. Por isso já não há, “tampouco do ponto de vista espiritual, da fé, nem norte nem sul. Não há direção num mundo sem pontos de referência fixos”<sup>236</sup>. Nesse sentido, uma sociedade relativista tem como ponto de referência os valores pessoais e a base desses valores se assenta naquilo que é ou não útil. Assim, quem constitui os maiores valores somos nós mesmos de acordo com nossos interesses.

---

<sup>234</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 228).

<sup>235</sup> Idem, p. 171.

<sup>236</sup> Idem, p. 172.

Para Ratzinger, em “semelhante contexto relativista, a ética teleológica ou consequencialista converte-se numa ética niilista, ainda que não o percebamos”<sup>237</sup>. Para o homem não existe dever, apenas poder. Que paralelo mais próximo do totalitarismo que esse. Numa sociedade relativista só o poder conta, já que o dever é aquilo que convém ao homem. Suas verdades são suas próprias medidas. Não há um valor diretriz, soberano e não sujeito aos desvarios humanos. Para Ratzinger, ao contrário, “o traço essencial do homem enquanto homem não é perguntar pelo poder, mas pelo dever, e abrir-se à voz da verdade e suas exigências”<sup>238</sup>. O homem só é verdadeiramente humano se perceber “o dever acima do poder”<sup>239</sup>.

Sob uma ótica relativista, não existe direção e sentido último. Cada um deve escolher por si só o que acha mais conveniente e, com isso, a sociedade como um todo se encontra cada vez mais próxima da falta ou mesmo, da inexistência, de valores de referência como propulsoras de uma sociedade mais humanitária e fraterna, valores esses essenciais ao cristianismo. Em contraposição a isso é que, “em semelhante contexto relativista”, vai ocorrer uma falta de sentido existencial último e absoluto.

Ratzinger aduz um interessante argumento, já pronunciado a cerca de 1700 anos atrás por um dos primeiros teólogos cristãos, Orígenes. Será que seria realmente possível que uma decisão, tomada por um grupo de pessoas, com a pretensão de validade para todo um grupo (civilização, nação, país) represente ou possa representar de fato um valor absoluto? Não poderia acontecer que algo antes considerado justo fosse depois, por outro grupo de pessoas, considerado injusto? Sobre isso, o teólogo acima mencionado teria já afirmado: “Se no país dos citas a injustiça se convertesse em lei, então os cristãos que estão ali deveriam agir contra a lei”<sup>240</sup>.

Em outras palavras: para Ratzinger, a verdade que está acima de todas as leis só pode ser aquela que está inscrita nos corações de todos que vivem de acordo com um

---

<sup>237</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 172).

<sup>238</sup> Idem, p. 173.

<sup>239</sup> Ibidem.

<sup>240</sup> Idem, p. 224.

valor absoluto. Esse valor somente pode ser aquele que se coaduna com vida, justiça, fraternidade, amor, bondade para todas as pessoas. Porque, simplesmente, “o critério da maioria nunca é suficiente para definir um valor moral”<sup>241</sup>. Esse valor somente pode vir de fora do homem. Precisa ser-lhe dado. E dado como condição de fé. Tal tipo de valor, em última instância, somente é possível a partir da concepção de Um Ser Absoluto. Um Ser Perfeito e que, de acordo com a idéia de perfeição inata em todo ser humano, somente pode ser Bom, Livre, Justo, Bondoso, Amoroso, enfim, a partir da noção universal e absoluta que se encontra em praticamente todos os povos: o “Ser” que chamamos Deus. Qualquer outra idéia que se contraponha a essa noção, somente pode ser considerado como uma idéia contrária a esse Deus. Uma idéia, portanto, em que o mal, a injustiça, e tudo o mais que seja contrário as noções anteriores. Esse Deus, presente em toda concepção humana sobre a perfeição ou sobre o bem é a verdade, e essa verdade é o critério essencial do absoluto.

Justamente aqui o relativismo se tornaria pernicioso para a fé no âmbito religioso, pois, o pensamento relativista afirma que “pensar que possa existir uma verdade acessível a todos no âmbito religioso implicaria uma certa intolerância”<sup>242</sup>. Qual, portanto, a autoridade da religião? Ratzinger identifica nesse ponto a “imposição da chamada concepção moderna do mundo, que se afirma de modo extremamente dogmático”<sup>243</sup>. Sob esse ponto de vista, “o homem pode ter religião, mas ela encontra-se então na dimensão subjetiva e não pode, portanto, ter conteúdos objetivos, válidos para todos”<sup>244</sup>.

O mundo atual, porém, “não nega a existência da religião”, afirma Ratzinger na obra “O sal da terra”, ainda que o relativismo cultural proponha uma posição de indiferença ante a questão religiosa: “A religião não desapareceu (...), mas passou para

---

<sup>241</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 224).

<sup>242</sup> Idem, p. 227.

<sup>243</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 130 e 131.

<sup>244</sup> Ibidem.

o domínio do subjetivo. A fé é tolerada como uma das formas de religião subjetivas; ou então continua a ocupar um lugar determinado enquanto fator cultural<sup>245</sup>.

Nessa altura, aquele que professa a fé no “Absoluto” encontra-se em sérias dificuldades. Ele seria tido por arrogante e intolerante para com as opções de fé individualistas ou particulares. Nascidas no coração de todos os homens, qualquer tipo de valores podem ser mais tolerados que os valores absolutos das religiões. Nem as religiões nem ninguém pode ter qualquer certeza da verdade. Ratzinger vê nesse posicionamento o perigo de que a sociedade termine por cair num programa generalizado de anarquia, onde cada um determina o que é certo ou errado, ou, ao contrário, uma sociedade totalitarista, onde o “poder público fixa autoritariamente as regras morais”<sup>246</sup>. Nessa altura, quando as religiões perdem a prerrogativa da fixação de valores absolutos baseados não na obrigatoriedade, mas na fé, a sociedade vê-se vítima de seu próprio relativismo, donde a afirmação de Ratzinger: “desta forma, o relativismo total desemboca na anarquia ou totalitarismo”<sup>247</sup>.

### 3.3.3 Audácia das religiões: afirmação de valores universais

Ao defender como forma de liberdade a concepção relativista, o homem corre o risco de deturpar noções de valores já reconhecidos como fundamentais ao longo de toda construção do pensamento religioso da humanidade, tanto ocidental quanto oriental.

O relativismo cultural vem afirmar que toda postulação de valores universais se apresentam, historicamente, como uma audácia própria das religiões. Ratzinger entende que, exatamente por conta disso é que “na concepção do mundo de hoje, a

---

<sup>245</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 103.

<sup>246</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 228).

<sup>247</sup> Ibidem.

idéia de autonomia e a idéia antiautoritária, tornaram-se extremamente dominantes”<sup>248</sup>. Com isso, o problema se desloca para um nível onde se tem a impressão, ou antes, a certeza, de que tudo se resume num problema de poder. Desenvolve-se dentro da sociedade uma idéia de que as religiões exercem um poder sobre as pessoas que não lhes compete. São as próprias pessoas que devem determinar seus valores. A idéia de que a afirmação sobre valores válidos para todos sejam postulados pelas religiões passa a configurar uma presunção inadmissível, arrogante ou petulante. Ao invés, autonomia e poder “se tornam a única categoria que de fato conta nas relações entre as pessoas”<sup>249</sup>.

As conseqüências disso são cada vez mais visíveis. Ratzinger deduz daí que: “se o indivíduo autônomo tem a última palavra, tem de poder querer tudo. Quer, então, tudo o que for possível da vida”<sup>250</sup>. As religiões se apresentariam como empecilhos, como freios incômodos para esse querer autônomo do homem moderno. Ninguém tem o direito de lhe impedir a busca pela realização de todos os seus desejos. A idéia de valores válidos para todos, que são os valores considerados eternos pelas religiões, se lhes apresentam ultrapassados, obsoletos e próprios de tempos que ficaram para trás. “Tenho de me agarrar ao meu bocado de vida, tenho de poder me realizar, e ninguém pode intrometer-se. Quem quer me limitar na apropriação da vida”, reflete Ratzinger, “é realmente meu inimigo pessoal”<sup>251</sup>.

Esse tipo de concepção, provocada segundo Ratzinger pela onda do relativismo presente nas culturas, não está distante como se poderia imaginar. Ele afirma que nos documentos de Cairo e de Pequim, da Conferência das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento, bem como na Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, já transparecem essas idéias como pano de fundo: “o homem é concebido de

---

<sup>248</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 134.

<sup>249</sup> Ibidem.

<sup>250</sup> Ibidem.

<sup>251</sup> Ibidem.

modo individualista, ele só é ele mesmo”<sup>252</sup>. Para Ratzinger, as conseqüências desse pensamento serão determinantes no futuro. Os valores que limitam o homem ao ser “ele mesmo” lhe são retiradas.

Essa exigência, de ser a última e a única instância sobre si mesmo, e a exigência de se apropriar, seja como for, de tanto da vida quanto possível e de não poder ser impedido por ninguém, faz parte do sentimento da vida que hoje em dia se oferece ao Homem<sup>253</sup>.

Dentro de um contexto como esse, a idéia de critérios aos quais temos de nos sujeitar, a idéia do “não pode” ou “não deve” pode tornar-se alheia ao conjunto individual das pessoas. “Uma intervenção que se tornou um ataque do qual as pessoas se defendem”<sup>254</sup>. Ratzinger lembra, porém, que até as videiras produzem melhores frutos, quando não somente os produzem, se forem “podadas uma vez por ano e que é indispensável podá-las para que cresçam”<sup>255</sup>. Que lugar ocupariam, nesse contexto, as religiões, e, muito especialmente, a Igreja? Ele lembra que já vem ocorrendo há algum tempo: “desde o início do iluminismo, uma forte corrente, para a qual, a Igreja parece ser algo de antiquado. Quanto mais se desenvolveu o pensamento moderno, mais radical se tornou a questão”<sup>256</sup>.

Mas como poderiam as religiões afirmar uma verdade absoluta sem com isso não incorrerem na acusação de pretensão e de arrogância intolerante?

### 3.3.4 Verdade ou arrogância?

<sup>252</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 139.

<sup>253</sup> Idem, p. 135.

<sup>254</sup> Idem, p. 134.

<sup>255</sup> Idem, p. 135.

<sup>256</sup> Idem, p. 131.

Tanto a religião como a sociedade laicista<sup>257</sup>, entendida como aquela sociedade que almeja a dissolução das verdades religiosas e uma ampla noção de relativismo sob a bandeira da “liberdade” particularizada individualmente, se encontram diante do desafio de estabelecer critérios claros e objetivos entre aquilo que é a verdade e aquilo que é arrogância. Quando a religião assume uma verdade como absoluta e válida universalmente, é logo tachada de arrogante e intolerante para com a sociedade laicista. Ao contrário, essa mesma sociedade, se coloca em igual posição quando afirma como valor absoluto a particularidade individual, a subjetividade humana, ou o estabelecimento de normas rígidas por um determinado grupo de pessoas, normas estas entre as quais, a exclusão de valores referentes a Deus como válidos universalmente. Nessa altura, o que é verdade e o que é arrogância de quem se presume possuidor da verdade? Como estabelecer critérios capazes de estabelecer um diálogo compreensivo entre o absoluto da fé próprio da religião e o homem como “absoluto”, próprio da sociedade cultural laicista da atualidade. Ratzinger se propõe abrir esse diálogo.

Numa entrevista ao jornal “Le Figaro”, concedida em 2001, o então Cardeal e Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé respondia estas dificuldades. Questionando a posição radicalizada por alguns setores laicistas, Ratzinger colocava assim a pergunta pela verdade na sociedade atual: “Não seria uma arrogância falar de verdade em matéria de religião e chegar a afirmar que se encontrou na própria religião a verdade, a única verdade?”<sup>258</sup>.

Para Ratzinger, numa visão cultural relativista, predomina o pensamento de que a afirmação de uma verdade absoluta somente é possível num contexto de intolerância, isto é, alguém afirmar ser possuidor de uma verdade nesse nível só pode ser uma pessoa intolerante, fechada ao diálogo com o diferente ou com o divergente. Segundo essa visão relativista, afirma Ratzinger, “tais pessoas não podem ser levadas a sério,

---

<sup>257</sup> Em outras passagens Ratzinger estende esse conceito ao “secularismo”.

<sup>258</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 228).

pois ninguém possui a verdade; só podemos buscar a verdade”<sup>259</sup>. Ou seja, o homem não devia perder tempo com este tipo de busca, afinal, é um processo infundável, inútil, pois que jamais alcançará seu objetivo.

Ratzinger vê aqui uma fuga do homem diante da possibilidade da verdade: “Será que realmente busca, ou antes, não quer encontrar a verdade, porque o que vai encontrar não deve existir?”<sup>260</sup>. E vai ainda mais além: “Não será uma arrogância dizer que Deus não nos pode dar o presente da verdade?”<sup>261</sup>. Ainda que admitindo a possibilidade real de conhecimento da verdade, sob o ponto de vista absoluto, Ratzinger não está ao mesmo tempo afirmando que essa verdade seja uma posse. Segundo a afirmação acima, o que Ratzinger propõe é que o conhecimento da verdade absoluta é algo que nos é dado pelo próprio absoluto, Deus: “Diante dela, devo sempre ter uma atitude de humilde aceitação, recebendo o conhecimento como um presente do qual não posso vangloriar-me como se fosse uma descoberta minha”<sup>262</sup>.

Ao contrário, para Ratzinger, afirmar a impossibilidade da verdade é que consistiria na verdadeira arrogância: “A verdadeira arrogância consiste em querer ocupar o posto de Deus e querer determinar quem somos, que fazemos, que queremos fazer de nós e do mundo”<sup>263</sup>.

O desafio, contudo, ainda permanece: como anunciar uma verdade de cunho absoluto num mundo que é igual e mesmo para todos, sem parecer com isso um arrogante intolerável, um fanático ou, simplesmente, um ingênuo? Ratzinger oferece uma saída. Para ele, o anúncio dessa verdade só pode ocorrer numa pessoa que não se “anuncia a si mesma”, mas que fala “timidamente daquilo que não lhe pertence, mas provém de Deus”<sup>264</sup>. Para Ratzinger é só a partir de um posicionamento verdadeiramente humilde, ainda que convictamente possuidor da verdade, que a tarefa

---

<sup>259</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 228).

<sup>260</sup> Ibidem.

<sup>261</sup> Ibidem.

<sup>262</sup> Ibidem.

<sup>263</sup> Ibidem.

<sup>264</sup> Ibidem.

de anuncia-la “não significa um colonialismo espiritual, uma submissão dos outros a minha cultura e às minhas idéias”<sup>265</sup>.

“O aspecto fundamental para todas as culturas” afirma Ratzinger “é o respeito pelo que é sagrado para outra pessoa, e particularmente o respeito pelo que é sagrado no sentido mais alto, por Deus”<sup>266</sup>. Nisso se constitui o absoluto da fé, tão caro a Ratzinger. “Onde se viola esse respeito, perde-se algo essencial na sociedade”<sup>267</sup>.

Falar de uma verdade única tornou-se, para a sociedade atual, segundo Ratzinger, um discurso obsoleto, ultrapassado pela moderna tese do respeito à diversidade. Dentro dessa realidade, que para Ratzinger, é uma realidade francamente relativista, o cristianismo é coagido ao silêncio, já que sua principal mensagem é a de uma salvação eterna a partir do “Salvador”: Cristo. O que poderia o cristianismo é apenas ressaltar a dignidade do homem a partir de uma concepção imanente, excluída a transcendente. As religiões são todas iguais. Todas conduziriam igualmente ao absoluto da fé, a Deus. Ratzinger afirma que “embora essa tese, reforçada nos últimos anos por muitos outros argumentos, seja bastante clara a primeira vista, não deixa de suscitar dúvidas”<sup>268</sup>.

A sua questão não se refere ao âmbito global das religiões, mas aquilo que se refira a sua teologia específica. Para Ratzinger, enquanto algumas religiões pedem de seus fiéis a adesão a determinadas regras específicas, outras pedem adesão a regras diferentes ou até contrárias. Conciliar isso se torna possível somente numa concepção relativista. Tal posicionamento acarretaria, finalmente, na indiferença religiosa: “Pressupõe-se subrepticamente que, no fundo, todos os conteúdos são igualmente válidos. O que é que vale realmente, não o sabemos”<sup>269</sup>.

---

<sup>265</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 228).

<sup>266</sup> Idem, p. 234.

<sup>267</sup> Ibidem.

<sup>268</sup> Idem, p. 235.

<sup>269</sup> Ibidem.

Em tal contexto, afirmar uma verdade absoluta torna-se necessariamente uma audácia muito próxima à arrogância. Como alguém poderia afirmar conhecer uma verdade válida universalmente se a mesma é sempre relativa? Não poderíamos, portanto, jamais estabelecer nenhuma fé absoluta e com isso “cada um tem de percorrer o seu caminho, ser feliz à sua maneira”<sup>270</sup>. As religiões ficam relegadas a um plano cultural e sociológico, apenas isso. A verdadeira questão sobre a verdade é inalcançável, nem a religião pode ter acesso a ela. Assim, qual o sentido das religiões? Ratzinger enxerga aqui o risco do relativismo subjetivista colocando em perigo o “Absoluto da fé”:

A questão da verdade é separada da questão das religiões e da salvação. A verdade é substituída pela boa intenção; a religião mantém-se no plano subjetivo, porque não se pode conhecer aquilo que é objetivamente bom e verdadeiro<sup>271</sup>.

Mas, “as religiões não são todas iguais”, afirmava Ratzinger no seu livro-entrevista “O sal da terra”<sup>272</sup>. Tampouco o ateísmo, o agnosticismo, o materialismo ou o marxismo. Ele argumenta que algumas religiões podem, de fato, apresentar manifestações patológicas que, ao invés de curar o homem da sua angustia existencial com respostas de fé para o sentido último da vida, apontam para caminhos equivocados. Para citar alguns exemplos, Ratzinger menciona alguns casos em que tais erros de princípios teriam ocorrido nas religiões: “No hinduísmo há elementos grandiosos, mas também aspectos negativos, como o sistema de castas ou a queima de viúvas”<sup>273</sup>. Ratzinger cita também alguns perigos no islamismo: “Também o islã, com toda a grandeza que representa, está continuamente exposto ao perigo de perder o equilíbrio, de dar espaço à violência e deixar que a religião deslize para o ritualismo externo”<sup>274</sup>. Ele não esquece também os equívocos históricos ocorridos dentro do

<sup>270</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 235).

<sup>271</sup> Ibidem.

<sup>272</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 20.

<sup>273</sup> RATZINGER, (op.cit. em BIANCO, p. 235 e 236).

<sup>274</sup> Ibidem.

cristianismo: “Assim aconteceu quando os cruzados (...), mergulharam mulçumanos e judeus num banho de sangue”<sup>275</sup>.

Por tudo isso não se pode entender como iguais todas as religiões. Por isso, Ratzinger afirma o perigo do indiferentismo e do relativismo. Com base nessas concepções não se pode compreender as religiões nem nas suas semelhanças nem em suas diferenças. Conforme afirma Ratzinger, tanto o indiferentismo como o relativismo são nocivos ao homem de hoje: “Com o indiferentismo, todas as religiões, embora distintas, seriam iguais (...); o relativismo é perigoso, tanto para a formação do ser humano individualmente como em comunidade”<sup>276</sup>. Sua conclusão pois, com relação a questão da acusação de arrogância por parte do anúncio da verdade é que em suma: “A renúncia a verdade não cura o homem”<sup>277</sup>.

### **3.3.5 A Fé como verdade absoluta em contraste com o relativismo**

A fé, embora manifeste a afirmação de uma verdade absoluta, ainda que não propriamente comprovável ou necessariamente tangível, realiza-se, contudo no âmbito da vida concreta. Sob essa condição, intrínseca ao próprio ser homem, implica numa perspectiva que ultrapassa a própria delimitação natural do saber puramente físico ou material, do qual tratam as ciências em geral. Tal aspecto propicia naturalmente uma abertura ao diálogo, mas também ao confronto, donde surge o problema levantado por Ratzinger: o relativismo como contraposição a fé com sentido absoluto. Surgem então as dificuldades de relacionar as afirmações da fé, próprias das religiões, com as mais diversas proposições relativistas.

Estas dificuldades relativas a questão se apresentam hoje para todas as religiões, não se restringindo tão somente ao cristianismo, especialmente por sua característica fortemente marcada pela tentativa de conversão das pessoas. Frente ao

---

<sup>275</sup> RATZINGER (apud BIANCO. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 236).

<sup>276</sup> Ibidem.

<sup>277</sup> Ibidem.

relativismo, cada vez mais presente em nossas culturas, e que, segundo Ratzinger, na sua forma mais aguda, se manifesta na forma “ditatorial” ou “totalitarista”, quando a verdade subjetivista e individualista se sobrepõe a verdade objetiva e passa a ser determinada por um conjunto de afirmações, Deus, enquanto absoluto da fé, encontra-se excluído. Tudo que importa passa a ser um programa humano sem finalidades eternas, aquelas que são próprias e intrínsecas das religiões. A verdade é um pressuposto particular, isto é, a verdade é aquela construída pelo homem individualmente, sob a tutela única da sua subjetividade. Não existiria, portanto, qualquer possibilidade de uma verdade universal, objetivamente entendida, capaz de se arrogar validade absoluta. Nesse sentido todo crente não possui jamais a verdade, apenas sua crença, e estas são simplesmente relativas a sua própria condição. Todas as afirmações em contrário às pseudo verdades determinadas pelo homem, incluindo verdades sobre Deus, são ilusórias, já que não comportam a prova de sua real existência.

### 3.3.6 Pode o relativismo ser um valor universal?

Em suas reflexões à propósito da verdade, da fé e da cultura, Ratzinger propõe a identificação de um centro de unidade humana comum a todos. A consciência representaria esse centro. Ele quer dizer com isso que, ainda que não houvesse quem falasse sobre Deus, ainda assim o homem quererá saber algo sobre ele. Em todos os tempos se pensou sobre Deus. Isso somente se torna plausível se aceitamos esse centro de unidade que nos informa sobre algo com esse valor. A consciência, afirma Ratzinger, “sempre foi a garantia da unidade do ser humano e da cognoscibilidade de Deus, e portanto da obrigatoriedade comum de um mesmo e único bem”<sup>278</sup>.

É com base nesse raciocínio que Ratzinger pretende impugnar as idéias que pretendam justificar o relativismo como valor universalmente válido. Em apoio a idéia exposta acima, Ratzinger afirma que em todos os tempos houve pessoas admiráveis

---

<sup>278</sup> RATZINGER, J. **Fé, verdade e cultura. Reflexões a propósito da Encíclica Fides et ratio**. Primeiro Congresso Internacional da Faculdade San Dámaso de Teologia. Madrid, 16-02-2000. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2000 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 25 nov. 2010.

que deram a sua própria vida em favor da defesa de uma verdade que falasse mais alto na sua consciência.

O fato de em todos os tempos ter havido e haver santos pagãos baseia-se em que em todos os lugares e em todos os tempos a voz do coração era perceptível; a Torah de Deus se nos fazia perceptível como obrigação dentro de nós mesmos, no nosso ser criatural, e desse modo tornava possível que superássemos a mera subjetividade na relação de uns com os outros e na relação com Deus. E isto é salvação<sup>279</sup>.

Ratzinger afirma então a existência de um valor de verdade válido para todos e em todos os lugares. A existência dessa verdade, por si só, já garantiria a argumentação em favor de uma verdade absoluta contra a relativização de valores universais e imutáveis. O relativismo, ao contrário, não oferece nenhuma condição de verdade quando opõe tão somente a subjetividade como condição construtora de uma sociedade objetivamente transcendental. Sua única proposta é a verdade imanente e tal verdade não pode subsistir, em todos os tempos e lugares, como efetivamente ocorre com a verdade absoluta transcendental, manifesta nas religiões.

Ratzinger denomina “lei moral natural” aquela idéia de valor que rege, ou deveria reger, a humanidade em geral. Essa lei, entretanto, não é uma propriedade religiosa, embora seja nessa dimensão que ela se coadune perfeitamente a noção de fé com sentido último, absoluto e universal. Segundo ele,

esta lei, inscrita no coração de cada homem está alicerçada na própria natureza humana e acessível a cada criatura racional, a lei moral natural constitui deste modo a base para entrar em diálogo com todos os homens que procuram a verdade<sup>280</sup>.

<sup>279</sup> RATZINGER, J. **Fé, verdade e cultura. Reflexões a propósito da Encíclica Fides et ratio**. Primeiro Congresso Internacional da Faculdade San Dámaso de Teologia. Madrid, 16-02-2000. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2000 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 25 nov. 2010..

<sup>280</sup> BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na Assembléia Plenária da Congregação para a Doutrina da Fé**, realizada na sala Clementina, em 15 de Janeiro de 2010. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2010 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em 18 jun. 2010.

Em 1º. de dezembro do ano de 2005, o Papa Bento XVI afirmava a suprema validade dessa noção ideal de lei moral natural. Segundo ele, antes mesmo da instituição dos Estados, bem como de qualquer outra legislação humana, já haveria um fundamento ontológico de valores essenciais da vida humana. Tal lei “anterior a qualquer lei positiva dos Estados”<sup>281</sup> deveria ser reconhecida por todos, pois seriam inalienáveis e invioláveis.

Ao contrário, no relativismo, pressupõe-se exatamente a inexistência de tais leis. Para Ratzinger, exatamente isso é o que vai gerar a perda de um conceito fundamental ao homem, o conceito de natureza e direitos humanos.

Como afirmar, portanto, em tal conjuntura, a dignidade do homem a partir da idéia de que, a própria dignidade é relativa a determinadas condições, aspectos ou relações? Não há aqui valores invioláveis. Justamente por isso Ratzinger identifica a carência do centro da unidade humana a partir da constituição do relativismo como “valor” universal. Para ele, a cultura contemporânea que valida o relativismo como critério universal perde a própria razão do ser. Existiria então uma contradição já que, se os direitos humanos não são compreensíveis, “se não se pressupõe que o homem, no seu próprio ser, é portador de valores e de normas a serem redescobertas e corroboradas”<sup>282</sup>, toda e qualquer forma de leis são simplesmente relativas a determinadas culturas, as quais são, necessariamente, impostas. Se isso passa a ser um valor universal, fica estabelecido o totalitarismo, a arbitrariedade e a tirania. A contradição é flagrante. A lei imposta, a partir de necessidades subjetivistas, torna-se absoluta e com isso invalida o próprio princípio relativista. Para Ratzinger, a negação de fundamento ontológico dos valores essenciais da vida humana “termina, inevitavelmente, no positivismo e leva o direito a depender das correntes de pensamento predominantes numa sociedade”<sup>283</sup>. O

---

<sup>281</sup> BENTO XVI. **Reunião na sessão plenária junto aos membros da Comissão Teológica Internacional**. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2005 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 24 jun. 2010.

<sup>282</sup> Idem.

<sup>283</sup> Idem.

resultado final de tudo isso é o desvirtuamento “do direito num instrumento do poder, em vez de submeter o poder ao direito”<sup>284</sup>.

---

<sup>284</sup> BENTO XVI. **Reunião na sessão plenária junto aos membros da Comissão Teológica Internacional**. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2005 - Libreria Editrice Vaticana. Aceso em: 24 jun. 2010.

## CAPÍTULO 4

### DEBATE EM TORNO DO TEMA: PROBLEMATIZAÇÃO

#### 4.1 RATZINGER EM CONFRONTO COM OUTROS PENSADORES

O posicionamento de Ratzinger é claro: contra postulações relativistas, especialmente aquelas que, na esteira de posicionamentos radicalizados, comumente degenerados em ataques contra a possibilidade da fé, como por exemplo, o niilismo ou materialismo, sua proposta é a de uma transcendência real da verdade e de valores morais, inclusive culturais e políticos. Contudo, seu posicionamento levanta controvérsias.

No confronto com o pensamento de Ratzinger, tomam posição, de forma geral, os mais diversos defensores de concepções relativistas, niilistas, racionalistas ao extremo e, muito especialmente, materialistas. Afirmam que, tanto as idéias filosóficas, como também as idéias religiosas ou teológicas, ademais, os grandes símbolos estéticos e culturais, até mesmo valores morais, jurídicos e políticos, não tem nem verdade nem significação absoluta<sup>285</sup>. Essas afirmações de verdades seriam tão somente relativas a determinados aspectos específicos que os condicionariam por completo. Esses posicionamentos terminariam assim por se resumir a aspectos comuns ao ideal marxista quando este formulava um “puro materialismo”. Para o filósofo francês, Luc Ferry, no livro publicado a partir de um debate entre ele e Comte-Sponville<sup>286</sup>, a visão de mundo tomada pelo materialista corresponde a pretensão de “saber mais do que o

---

<sup>285</sup> São relacionados em nossa pesquisa pensadores que não chegam a tais radicalizações, o que seria infrutífero para nosso diálogo. Por isso, selecionamos, como contrapontos a Ratzinger, especialmente dois pensadores que, embora discordando francamente da fé como valor absoluto, e com isso, postulando em diversos graus um relativismo, não chegam, entretanto, a negar peremptoriamente valores básicos, quando não óbvios, da vida humana. São eles Paolo Flores d'Arcais e André Comte-Sponville.

<sup>286</sup> FERRY, L. e COMTE-SPONVILLE, A. **A sabedoria dos modernos**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. O livro aborda um confronto no pensamento dos filósofos Luc Ferry e André Comte-Sponville a partir de concepções divergentes. Não se trata, propriamente, de um confronto de idéias com o fim único de convencimento. Os dois amigos discutem, com muita lucidez e respeito mútuo, as suas concepções filosóficas em termos de um diálogo, tanto profundo como profícuo, ainda que, como próprio da filosofia, sem uma resposta capaz de pôr fim ao debate.

vulgo, pois se dedica a uma verdadeira genealogia daquilo que aparece<sup>287</sup>. Ainda segundo esse filósofo, estas seriam conseqüências herdadas de filósofos como Marx e Nietzsche:

O materialismo oferece, mais do que qualquer outra opção filosófica, a particularidade de não apenas não dar créditos as idéias, mas de partir dos fatos, de interessar-se pelas verdadeiras realidades que são realmente determinantes<sup>288</sup>.

O materialismo é uma conseqüência natural do abdicar-se de verdades provenientes da profissão de fé, simplesmente por serem o que são: verdades de fé. Contra tais posicionamentos é que Ratzinger contra-argumenta. Mas não apenas em contrário ao materialismo, Ratzinger argumentará também com defensores de outras concepções específicas, como citado anteriormente. Buscando identificar representantes destas concepções, citamos a seguir o filósofo Paolo Flores d'Arcais.

#### **4.1.1 Ratzinger e Flores d'Arcais: oposição**

Ratzinger tem, ao longo de sua produção intelectual, se colocado aberto a encontros dialógicos com os mais diversos interlocutores. Este posicionamento manifesta uma característica pessoal do teólogo, inclusive, sempre presente nas mais diferentes posições eclesiais, hierarquicamente falando, por que passou ao longo de sua vida como representante da Igreja. Em vários momentos veremos nosso teólogo em debate aberto com representantes dos mais diversificados segmentos culturais, sociais, políticos ou religiosos. Esta é uma característica tão própria que, vários de seus livros, foram editados, ou com base em entrevistas, ou retratando debates entre ele e pensadores divergentes ou oponentes<sup>289</sup>. Como por exemplo, o livro que resultou do

---

<sup>287</sup> FERRY, L. e COMTE-SPONVILLE, A. **A sabedoria dos modernos**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 48.

<sup>288</sup> Idem, p. 20.

<sup>289</sup> Alguns destes livros foram utilizados nesta pesquisa, como por exemplo: "O sal da terra" e "A fé em crise: o Cardeal Ratzinger se interroga".

debate com Flores d'Arcais<sup>290</sup>. Igualmente, muitos diálogos com filósofos ou teólogos em forma de debate<sup>291</sup>, mas que, não necessariamente, terminaram transformados em livros.

Joseph Ratzinger e Paolo Flores d'Arcais, como afirmávamos anteriormente, exemplificam duas posições distintas relacionadas ao diálogo entre a natureza e o papel do cristianismo e a natureza e o papel da razão humana em nossa atualidade, predominantemente, secularizada. Nos tempos atuais, com efeito, as igrejas têm efetivamente perdido aquele papel de referência primordial, que historicamente ocupava, junto às normas e costumes das pessoas<sup>292</sup>. Perante essa nova realidade, os dois pensadores se opõem em relação a interpretação da realidade. Mas, ainda que em franca discordância, especialmente teológica e filosófica, ambos admitem como necessário a colaboração entre cristãos e não cristãos, entre crentes e não crentes, no que diz respeito aos valores humanos. Nesse aspecto admitem, um campo de valores comuns a todos os homens.

A fundamentação que Ratzinger dá aos valores fundamentais da convivência humana é transcendente, isto é, está para além de uma mera decisão humana; não se reduz a uma questão apenas pragmática e de organização da vida social. Ratzinger está convicto de que a ordem das coisas mesmas apresenta uma orientação moral. O “*Logos*”, por assim dizer, manifesta-se no mundo e no homem, e este, ao reconhecer a luz da verdade, é capaz de se deixar guiar por um sentido que não é simplesmente uma construção sua. Deus, que para ele é a “Razão Universal”, imprimiu na criação a sua marca, de modo que não nos encontramos à deriva no mar da vida. A criação fala de Deus e do sentido da vida, sentido que tem em Deus sua fonte e sua base derradeira.

---

<sup>290</sup> RATZINGER, J. e FLORES d'ARCAIS, P. **Deus existe?** São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009. Livro que utilizaremos a seguir como subsídio para apresentação do pensamento divergente entre os dois pensadores.

<sup>291</sup> Entre estes, por exemplo, o debate entre J. Habermas e J. Ratzinger, que também utilizaremos na seqüência desta pesquisa.

<sup>292</sup> Aqui no Brasil, ao contrário, com o crescimento e proliferação de “novas igrejas cristãs”, temos visto um aumento dessa influência dos pastores dessas igrejas sobre seus fiéis. Mas, tais aspectos específicos, fogem a questão central desta pesquisa, já que, nesses ambientes propaga-se a fé com base em sensacionalismos, milagrarías ou rituais que proporcionam muito mais espetáculos que proposições teológicas mais sérias e abalizadas.

Já Flores d'Arcais não vê nenhuma orientação moral ou sentido para a vida humana que não seja fruto do homem mesmo, de sua própria capacidade de pensar e organizar o mundo. Para ele, a norma, o dever-ser não existe na natureza, "o homem é, pois, o senhor e o criador da norma"<sup>293</sup>. Ele parte da teoria da evolução que vê no homem, bem ao modo de J. Monod, um resultado ou ponto de chegada do dinamismo do próprio mundo, cujas novidades advêm do acaso e da necessidade. Tanto o mundo como a vida são simples obra de um feliz acaso. Não há transcendência alguma fora do próprio homem. Como filósofo ateu, ele deduz que as normas são revestidas pelo homem de um valor transcendente porque este sente que não pode suportar o peso de ser o único criador de si mesmo.

Temos assim um dilema proposto por duas posições fundamentalmente opostas que resulta numa outra questão: ou Deus é a medida de todas as coisas, inclusive do homem; ou o homem é que é a medida de todas as coisas, inclusive de Deus. Na antiguidade, também o filósofo Platão já havia enfrentado esse dilema, decidindo-se pela medida transcendente, contra o relativismo universal de Protágoras. A idéia transcendente e divina é a medida, reconhecia Platão, não o homem, que não cria a verdade, mas a recebe. Esse é o posicionamento central de Ratzinger. Platão também, como antes dele já o havia feito seu mestre, Sócrates, combateu vigorosamente o relativismo, que tudo faz depender do homem e das suas mutáveis disposições.

Hoje, em nossos tempos, esse mesmo dilema tem sido tema de grandes debates, tanto nos círculos filosóficos como também teológicos. Afinal de contas, que medida devemos esperar, crer ou afirmar: uma medida transcendente ou imanente? Nas palavras do antropólogo Claude-Lévi Strauss: "Ou o homem está no sentido ou o sentido está no homem"<sup>294</sup>. Diante dessa questão, desenvolvem-se duas possibilidades. No primeiro, a possibilidade religiosa; no segundo, a materialista.

---

<sup>293</sup> RATZINGER, J. e FLORES D'ARCAIS, P. **Deus existe?** Sao Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009, p. 103.

<sup>294</sup> LÉVI-STRAUSS, C. (apud PAZ, Octavio. **O novo festim de escopo**. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 67).

O filósofo Flores d'Arcais se posiciona em favor da tradição atéia ou cética, desenvolvida especialmente a partir do iluminismo, sustentando que as grandes questões levantadas contra o teísmo em geral, e o cristianismo em particular, não foram ainda suficiente ou satisfatoriamente respondidas, nem por teístas nem por cristãos. Ele propugna nomes como D. Hume, S. Freud, J. Monod, entre outros, representantes máximos da tradição cética que teriam levantado argumentos suficientes para derrubar as proposições transcendentais. Também o grande filósofo I. Kant é mencionado por d'Arcais, especialmente na medida em que ele defendia a incapacidade da razão para a metafísica. Para d'Arcais, a razão é totalmente impotente para além do domínio empírico. Suas construções, pretensamente metafísicas, são puras quimeras, como já afirmava anteriormente Hume.

Contra a possibilidade da existência de Deus, o argumento levantado por d'Arcais segue pela mesma linha do filósofo Comte-Sponville, que trataremos na seqüência. A realidade da existência do mal é um escândalo que depõe poderosamente contra a existência de um Deus, entendido por todos como "Bondoso" e "Onipotente". Seguindo também pela mesma linha de pensamento de Monod ele afirma: "o mundo, como mostra Monod, é o resultado do acaso e da necessidade. O sentido da vida não existe independentemente do homem"<sup>295</sup>. O que cabe ao homem esperar, especialmente após sua morte, é simplesmente o seu próprio fim, sem qualquer pretensão ao infinito. As próprias descobertas científicas, para ele, ocorrem sempre no sentido contrário ao das afirmações religiosas. A razão científica acaba com todos os desejos metafísicos e colocam um ponto final em todas as discussões. Torna o "Absoluto da fé" uma arte, mas apenas para aqueles que são dotados para dons artísticos. A questão da verdade, que como vimos anteriormente, constitui o ponto central no pensamento de Ratzinger, se reduz àquilo que se pode provar através do âmbito empírico.

Todas as religiões teriam, ao longo do tempo, omitido um enfrentamento com a realidade, assim como ela se nos apresenta. Nesse sentido, suas respostas são

---

<sup>295</sup> RATZINGER, J. e FLORES d'ARCAIS, P. **Deus existe?** São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009, p. 105 e 106.

sempre respostas de consolo para amenizar a dureza ou crueldade da própria realidade, realidade que nunca, é religiosa. Com isso, as religiões idealizam mundos que não são, em nada, compatíveis com aquilo que de fato conhecemos. Suas idealizações viriam, tão somente, em vista de buscar um sentido para aquilo que não podem nem conseguem entender. Para d'Arcais, “uma religião do sentido”, e não da verdade, como em Ratzinger, “é uma religião que já não é de pessoas, e sim de meros consumidores”<sup>296</sup>.

O grande desafio presente na questão envolvendo d'Arcais e Ratzinger está relacionado a competência da razão perante a dimensão do absoluto da fé. Ou esse absoluto é ilusório, nesse sentido, um devaneio ou uma fuga, ou ele, de fato, é plenamente compatível com a razão. Flores d'Arcais entende a fé no sentido do absurdo, do improvável, para isso recorre inclusive às palavras do apóstolo Paulo, quando este disse que a fé cristã apresentava-se como um escândalo para os gregos. Ratzinger, ao contrário, afirma justamente a “supraracionalidade” da fé. Ela não se opõe a razão, antes, a complementa.

Ratzinger, assim, em plena oposição ao filósofo, também insiste na competência da razão, mas afirma sua presença na fé. Com efeito, segundo Ratzinger, o cristianismo é a religião, não só da fé, mas também da razão. O cristianismo não é uma proposta filosófica com características religiosas pura e simplesmente. Por isso não deve haver um diálogo entre cristianismo e filosofia que leve em conta, pura e simplesmente, a funcionalidade da religião. Para Ratzinger, desde seus primórdios, o cristianismo apresentou-se, justamente, com essa característica específica de unir razão e fé. Não era, pois uma religião de mitos ou metáforas, mas sim, de realidade.

Agostinho, por exemplo, lembra Ratzinger “via a fé cristã em continuidade não com as religiões mais antigas, mas antes com a filosofia, como uma vitória da razão

---

<sup>296</sup> RATZINGER, J. e FLORES d'ARCAIS, P. **Deus existe?** São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009, p. 109.

contra a superstição”<sup>297</sup>. Sendo assim, ao cristianismo interessava desde o princípio a busca pela verdade. Também por isso, para Ratzinger, o cristianismo tornou-se rapidamente a religião dos filósofos, aqueles que buscavam a verdade pela racionalidade. A filosofia, com efeito, já vinha exercendo um papel crítico em relação às religiões, no sentido de purificá-las das ilusões sobre a divindade. Insere-se assim no caminho da crítica ao mundo das religiões e já bem cedo tem consciência de que a filosofia, não as religiões, é, de algum modo, a sua aliada.

Deus, no olhar cristão, é um Deus vivo que se manifesta concretamente em atitudes de amor, não apenas a si mesmo mas também ao próximo e mesmo aos inimigos. A verdade do cristianismo se manifesta nisso, no amor efetivo. Os primeiros cristãos convenceram pela união da fé com a razão e pela orientação da atuação para a “*caritas*”, para a ajuda com amor aos que sofrem, aos pobres e aos fracos. Segundo Ratzinger,

simplificando, poderíamos dizer que o cristianismo convenceu pela união da fé com a razão e pela orientação da atuação para a *caritas*, para a ajuda com amor aos que sofrem, aos pobres e aos fracos, acima de todo limite ou condição<sup>298</sup>.

Ratzinger, embora levantando questões ligadas ao surgimento do cristianismo, tem seu olhar voltado para a situação presente. Ele questiona então porque a fé cristã, que na origem foi capaz de representar uma legítima união com a razão, nos dias atuais, desde o Idade Moderna, com o iluminismo e o positivismo, não pode mais convencer ao homem. O que teria mudado? O cristianismo? O homem ou a razão?

Ratzinger afirma que o que mudou foi o homem, com suas novas concepções de razão. O homem, desencantado com uma natureza e um mundo sem mistérios e, ao invés, na mesma proporção, admirado com os resultados das ciências empíricas, fez da

<sup>297</sup> RATZINGER (apud: TERRA, J. **Itinerário teológico de Bento XVI**. São Paulo: Ave Maria, 2006, p. 136). Discurso do cardeal ao ser recebido como membro da Pontifícia Academia das Ciências.

<sup>298</sup> RATZINGER, J. e FLORES D’ARCAIS, P. **Deus existe?** São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009, p. 16. É a tese central defendida na célebre conferência pronunciada na Sorbona em 1999, in RATZINGER, J. Fé, Verdade e Tolerância. Cap. II, n. 2: “Cristianismo: a verdadeira religião?”, p. 89.

razão científica o modelo de racionalidade *tout court*. E as grandes questões que ultrapassam a possibilidade da resolução empírica foram relegadas a questões sem sentido, insolúveis ou inatingíveis. Assim, a verdade, no âmbito metafísico e religioso deixou de ser buscada. Também aqui, Ratzinger vai perceber a força do relativismo com as afirmações de que todas as religiões são iguais ou equivalentes, cada qual sendo uma expressão da busca do divino que não se deixa apreender totalmente por ninguém.

Até mesmo o cristianismo, para Ratzinger, se encontraria, dentro desse cenário, envolto em grave crise. Uma crise ligada à crise da verdade, pela qual estaria passando a atualidade. Nesse sentido, Ratzinger aproxima-se de algumas afirmações de Flores d'Arcais, uma vez que ambos constataam um problema comum às religiões de nosso tempo, qual seja, não enfrentar o problema da verdade. Faltaria um posicionamento mais atuante em relação as afirmações sobre a verdade presente nas religiões em função de posicionamentos ambíguos, envoltos em perspectivas de tolerância ao diferente, divergente ou mesmo oponente, que, muitas vezes, inibe a busca por uma verdade de caráter absoluto contido na própria confissão religiosa. Isso se faz notar, para ambos, em religiões que buscam apenas as emoções e o sentimento. Mas uma religião das emoções passa ou muda de figura, tanto quanto as próprias emoções: “uma religião que está meramente a serviço do agradável ao homem, não serve para muita coisa<sup>299</sup>”.

Ratzinger e Flores d'Arcais se opõem no âmbito da compreensão do alcance real da fé e da razão. Se para o filósofo, tanto o cristianismo como as demais religiões, não podem provar o que afirmam ou o que crêem, deveriam então simplesmente assumir o lugar de uma, entre outras, opinião privada. Ratzinger, ao contrário, refuta esse posicionamento afirmando que o cristianismo é a revelação das verdades intrínsecas ao próprio homem. Como ela se apresenta no mistério da fé, não pode também ter a pretensão de querer ser provada. Todavia, para Ratzinger, seus mistérios não são

---

<sup>299</sup> RATZINGER, J. e FLORES d'ARCAIS, P. **Deus existe?** São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009, p. 98.

contrários à razão, mas, transcendendo-a, estão numa certa linha de continuidade racional. Não são irracionais, mas sim, como afirmado anteriormente, supra-rationais.

#### 4.1.2 Ratzinger e Comte-Sponville: divergência

O filósofo André Comte-Sponville não compartilha o modelo de fé com sentido absoluto na forma em que defende Ratzinger. Em sua concepção, embora tal modelo não possa ser simplesmente excluído ou descartado, ele não satisfaz uma crítica lógica. Mesmo admitindo que a ciência não seja, pelo menos ainda, suficientemente capaz de dar respostas objetivas ou conclusivas nessa questão, “as ciências não respondem a nenhuma das questões mais importantes que nós nos fazemos”<sup>300</sup>, nem por isso Sponville é complacente com a fé. Questões últimas como: “por que há algo em vez de nada? O que é o bem? O que é o mal? Deus existe? Somos livres? Há vida após a morte?”<sup>301</sup>. São perguntas, lembra ele, que continuam sem respostas. Mas, para Sponville, não é porque ainda existem mistérios que devemos abdicar da nossa razão para explicar o que não se pode constatar. A existência do mistério não dá direito aos crentes, afirma Sponville, de “se apropriarem dele, reservando-o para si e fazendo dele uma especialidade sua”<sup>302</sup>.

A fé, para Comte-Sponville, escapa ao domínio da filosofia, e as questões acima levantadas são, para ele, questões absolutamente filosóficas. Ao lidarem com tais questões, tanto as ciências quanto as religiões, escorregam para campos alheios a sua alçada, já que ambas, segundo o filósofo, buscam respostas para questões que são insolúveis. Ora, a ciência e a religião também pensam, mas, responde Sponville, “não filosofam, por que não fazem estas perguntas”<sup>303</sup>. No seu entender, a característica da ciência e da filosofia é que, perante estas questões, querem nos dar respostas, mas não podem provar o que dizem.

---

<sup>300</sup> COMTE-SPONVILLE, A. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 49.

<sup>301</sup> Ibidem.

<sup>302</sup> Idem, p. 94.

<sup>303</sup> Idem, p. 57.

Se para Ratzinger a fé comporta a possibilidade de um conhecimento absoluto, Sponville, divergindo, afirma que “não há conhecimento absoluto”<sup>304</sup>. Fé, no sentido religioso, não é conhecimento, é simplesmente a esperança de chegar ao conhecimento absoluto. Tal conhecimento somente poderia estar ao alcance de uma inteligência infinita, absoluta, o que não é próprio do homem.

Nesse âmbito, nenhum saber pode, efetivamente ser alcançado, é sempre relativo aquilo que se pode ou se quer conhecer. “Nenhum conhecimento é a verdade, mas um conhecimento que não fosse nada verdadeiro também não seria um conhecimento”<sup>305</sup>. Por isso, a fé com sentido absoluto, isto é, de crença em Deus, é para Sponville, pura e simplesmente a opção subjetiva da esperança contra o desespero, especialmente, do desespero da morte. Com isso, transparece como a opção de um mero desejo humano, sem qualquer relação com uma verdade objetiva.

O filósofo Sponville esforça-se, com transparente honestidade, em demonstrar as razões argumentativas para sua negação da fé com sentido absoluto. Para ele, “Deus não passa de um puro conceito”<sup>306</sup>. Retomando a idéia de que a fé na existência de Deus, dá-se em razão da fuga de uma realidade, algumas vezes por demais cruel e incompreensível, Sponville afirma: “decide-se por sua existência para escapar do desespero”<sup>307</sup>. Mas “porque?”, pergunta Sponville. Qual a razão de se achar em Deus um tal consolo? Ele responde: “porque Deus é o único ser capaz de satisfazer absolutamente nossa esperança”<sup>308</sup>. Aquilo que Ratzinger chama *salto*<sup>309</sup> para uma compreensão que ultrapasse o âmbito puramente físico, ao se aderir a uma confissão de fé, é no pensamento de Sponville, simplesmente uma exacerbação dos desejos humanos.

---

<sup>304</sup> COMTE-SPONVILLE, A. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 55.

<sup>305</sup> Idem, p. 57.

<sup>306</sup> Idem, p. 79.

<sup>307</sup> Idem, p. 86.

<sup>308</sup> Ibidem.

<sup>309</sup> RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2006. Ratzinger diz ali: “A fé sempre teve algo de ruptura arriscada e de salto, por representar o desafio de aceitar o invisível como realidade e fundamento incondicional”, cf: p. 16.

Segundo Sponville, todas as chamadas “provas” requeridas como suficientes para reconhecer a existência de Deus, especialmente as chamadas “provas ontológicas, cosmológicas, físico-teológicas”<sup>310</sup>, seriam puros exercícios de lógica racional, em todo caso, limitadas à própria capacidade da razão humana e que, no final, não provaram nada além da própria limitação racional, em sua natural imanência: “forçoso é reconhecer que elas não provam nada”<sup>311</sup>. Diante, portanto, dessa condição de limitação do conhecimento no âmbito do absoluto, a fé não é um saber, apenas uma crença, Deus não é um ser, apenas um conceito. Mas, ainda que se pudesse, através de conceitos, provar a existência de um absoluto, “quem poderia afirmar que esse absoluto fosse um Deus, no sentido em que o entendem, por exemplo, as religiões?”<sup>312</sup>.

Assim, fé é tão somente uma esperança, e como tal, não prova nem pode querer provar qualquer coisa, menos ainda Deus. “A esperança não é um argumento” afirma Sponville, entretanto, ao mesmo tempo, ele se pergunta: “mas que valem os argumentos que não deixam nada a esperar?”<sup>313</sup>. É por isso que Deus, apesar de tudo, faz sentido. Acreditar em um Deus, como o supõem as religiões em geral, “que seja amor supremo, verdade suprema, valor supremo não pode ser demonstrado” mas também, “não pode ser refutado”. Afinal, arremata ele, “pode ser pensado, esperado, acreditado”<sup>314</sup>.

É por tudo isso que, Sponville, apesar de optar por negá-lo, afirma que:

Deus faz sentido: primeiro porque todo sentido sem ele, vem se chocar contra a insensatez da morte; depois, porque só existe sentido absoluto para um sujeito absoluto. Deus é o sentido do sentido, e o contrário, por isso, do absurdo ou do desespero<sup>315</sup>.

---

<sup>310</sup> COMTE-SPONVILLE, A. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 83.

<sup>311</sup> *Ibidem*.

<sup>312</sup> *Idem*, p. 84.

<sup>313</sup> *Idem*, p. 86.

<sup>314</sup> *Ibidem*.

<sup>315</sup> *Idem*, p. 87.

O que leva o filósofo a não admitir uma confissão de fé na existência de Deus, ou seja, da fé com sentido absoluto, e, portanto, a partir disso, assumir o ateísmo, seriam três fatores que ele considera como decisivos. O primeiro, é a existência do mal: “Há horrores demais no mundo, sofrimentos demais, injustiças demais para que se possa crer facilmente que ele foi criado por um Deus absolutamente bom e onipotente”<sup>316</sup>. Sponville não está aqui se referindo a maldade proveniente do homem contra o homem ou contra a natureza, mas sim, muito antes, a própria imperfeição da natureza, com todos os seus horrores e males naturais.

O segundo argumento, ele mesmo o reconhece, é, “mais subjetivo: não tenho idéia muito elevada da humanidade em geral e de mim mesmo em particular para imaginar que um Deus tenha podido nos criar”<sup>317</sup>. Para Sponville tal concepção seria por demais absurda e incompatível com a realidade. Seria “uma Causa grande demais para um efeito tão pequeno! Por toda parte mediocridade demais, baixeza demais, miséria demais”<sup>318</sup>. A existência desses males, tanto os naturais, como os provocados pelo próprio homem, é um argumento de objeção contra a fé, para ele, muito mais forte, do que a existência ou ocorrência do bem, contra o ateísmo. Citando Marcel Conche, Sponville afirma: “O sofrimento das crianças é um mal absoluto”<sup>319</sup> e não existe, segundo ele, nessa mesma proporção, um bem absoluto.

O terceiro argumento de Sponville é paradoxal: “se não creio em Deus é também, e talvez principalmente, porque preferia que ele existisse”<sup>320</sup>. Tal tipo de posicionamento, argumenta ele, expõe a crença no que é mais verossímil. “Deus é tanto menos verossímil, parece-me, quanto mais é desejável”<sup>321</sup>. Esse seria o aspecto que mais claramente deixaria exposta a fraqueza dos argumentos crentes. Porque Deus “corresponde tão bem a nossos desejos mais fortes que é o caso de indagar se

---

<sup>316</sup> COMTE-SPONVILLE, A. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 96.

<sup>317</sup> Idem, p. 97.

<sup>318</sup> Ibidem.

<sup>319</sup> Ibidem.

<sup>320</sup> Idem, p. 98.

<sup>321</sup> Ibidem.

não o inventamos por isso”<sup>322</sup>. O desejo de que Deus seja uma realidade nos impõe essa indagação. “Não seria ele bom demais para ser verdade?”<sup>323</sup>. Acreditar nele não seria confundir desejo com realidade, e, com isso, “as religiões não seriam simplesmente uma ilusão (...) uma crença derivada dos desejos humanos?”<sup>324</sup>.

No fundo, argumenta Sponville, “o que as religiões nos dizem sobre Deus é exatamente aquilo de melhor que poderíamos desejar a nós mesmos”<sup>325</sup>. O argumento pode ser pertinente, porém, não responde ou esgota a questão. Ratzinger afirma incansavelmente a força existencial da fé que, antes de significar o simples desejo por Deus, produz concretamente, em última análise, o verdadeiro sentido da vida humana. Se fosse apenas a representação concreta de um desejo humano, a fé já teria deixado de existir há tempos. Para Ratzinger, o cristianismo, entre outras religiões, “estariam condenados a sufocar, se não fizessem a experiência da interiorização”, experiência pela qual “a fé penetra pessoalmente na profundidade da vida individual. Só a ação e só a construção intelectual não são suficientes”<sup>326</sup>.

Os ateus, para Sponville, são menos suspeitos que os crentes. Eles não optam pela crença em Deus “para se consolar ou se tranquilizar”<sup>327</sup>. Em plena divergência com o pensamento de Ratzinger, para quem Deus é uma “Realidade” concreta, objetiva e até mesmo, palpável, a partir do compromisso com Cristo; para Sponville, Deus é puramente uma hipótese e, como tal, não se exclui racionalmente. Isso, para Sponville, tanto no ateu como no crente, é o que faz da fé o que ela é: uma crença, não um saber. Sponville, em todo caso, não é um ateu inflexível, o lado contrário da moeda em que o crente é um fanático empedernido. Assim ele concede: “pode ser que Deus exista”<sup>328</sup>.

---

<sup>322</sup> COMTE-SPONVILLE, A. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 98.

<sup>323</sup> Idem, p. 99.

<sup>324</sup> Ibidem.

<sup>325</sup> Ibidem.

<sup>326</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 210.

<sup>327</sup> COMTE-SPONVILLE, op.cit., p. 100.

<sup>328</sup> Idem, p. 99.

Sponville, portanto, não se contrapõe a Ratzinger de maneira direta, mas, supõe que a falta de provas, ou pelo menos, a fraqueza delas, induziriam a negação do absoluto de fé proposto, tanto no cristianismo como nas religiões em geral. Ratzinger, diferente de Sponville, jamais propõe o cristianismo como uma prova. Ao contrário, para o teólogo, o cristianismo leva a verdade em si mesmo, sem necessitar qualquer outros argumentos que não sejam o compromisso com a busca constante, profunda e decidida pela verdade.

#### 4.1.3 Ratzinger e Hans Küng: convergências teológicas

Küng e Ratzinger não têm as mesmas ênfases teológicas no que diz respeito a aspectos teológicos próprios da tradição ou do magistério católico. Os dois teólogos, como se sabe, discordam, especialmente, em termos de interpretações eclesiais<sup>329</sup>. Küng costuma identificar Ratzinger como portador de um posicionamento eclesial ultrapassado, dogmático e absolutista, mais condizente com a época medieval. Para Küng, esse tipo de mentalidade encontra-se ainda presente, se bem que, em franca decadência. Aparece aí uma de suas críticas ao pensamento de Ratzinger. Segundo Küng, “quem ainda busca tal tipo de visão de mundo vai encontra-la no cardeal e teólogo Ratzinger”<sup>330</sup>. Ele substitui o universalismo cristão de Ratzinger pelo universalismo ecumênico e ético, voltado à paz entre todos os povos e nações. Mas

---

<sup>329</sup> KÜNG, H. **Teologia a caminho**. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999. Küng rejeita o caráter infalível de qualquer decisão papal e da cúria. Há alguns anos atrás (em 1979) publicou nos principais jornais do mundo o artigo “Um ano de João Paulo II” onde faz uma análise crítica daquilo que considera “reacionarismo” do papa ao aceitar só nominalmente o Concílio Vaticano II, quando na prática teria fortalecido uma centralização da Cúria romana, tendo, entre outras coisas, por exemplo, endossado a exclusão das mulheres ao sacerdócio bem como a manutenção do celibato entre os membros representantes da instituição. Como consequência desse artigo e dessas suas críticas à infalibilidade, teve sua licença para lecionar, como teólogo católico, cassada pelo Papa antecessor de Bento XVI, o carismático João Paulo II. Depois da proibição, seguiu sua carreira teológica como professor de teologia desenvolvendo estudos sobre o ecumenismo, em especial, com a construção de um diálogo com o Luteranismo; Küng passa então a se dedicar a ensinar teologia voltada à união dos povos, das raças, das religiões, enfatizando o que há de comum entre eles, relativizando o que os separa. Em sua tese de doutorado sob o título “Justificação” já tinha chegado a conclusão da possibilidade de um acordo teológico entre catolicismo e luteranismo que realmente ocorreu em 1999. Mas ele não abre mão de ser teólogo católico. Em suas palavras: “é teólogo católico quem, ao fazer teologia, sabe-se vinculado à Igreja Católica, isto é, universal, total. E isto em duas dimensões: temporal e espacial. Nesse duplo sentido, quero continuar teólogo católico e expor a verdade da fé católica com uma profundidade e abertura igualmente católicas”. Cf: p. 16.

<sup>330</sup> Idem, p. 19.

certamente, em matéria de fundamentos, ambos tem seus pensamentos amplamente convergentes.

Ratzinger, por exemplo, citando Heinrich Schlier, endossa um pensamento diferente ao defendido por Küng. Referindo-se a Bíblia como intérprete do absoluto da fé, afirma: “Nenhum cristão inteligente há de negar que o cuidado com a palavra de Deus entre os homens foi confiado unicamente à Igreja”<sup>331</sup>. Küng não nega esse princípio, ele também é católico e cristão. Entretanto, opina que essa não é mais uma tarefa unicamente da Igreja institucionalizada. Ele argumenta a favor de uma mudança de paradigma que estaria ocorrendo nos dias atuais. Segundo ele “após cada mudança histórica de paradigma, uma religião não pode continuar sendo a mesma”<sup>332</sup>. O que a Igreja católica, na sua visão, teimaria em não aceitar. Exatamente esse é o problema da teologia curial, no entender de Küng: tanto a Igreja Católica, no sentido de sua cúpula oficial ou magisterial, quanto o teólogo Ratzinger, chefe máximo dessa hierarquia, representariam ainda modelos de obstinação, se se recusam aceitar as mudanças que agora se fazem notar.

Os dias de hoje impõem um novo paradigma, e, para Küng, essa mesma recusa em mudanças ainda persiste na Igreja. Ele aponta para algumas pesquisas de opinião que teriam mostrado um distanciamento enorme dos fiéis católicos, muito especialmente da geração mais jovem. Mas, ainda assim, a Igreja, no dizer de Küng “não se sente culpada desse distanciamento, responsabilizando por isso o espírito dos tempos e a negligência dos próprios fiéis”<sup>333</sup>. Dessa forma, para Küng, tanto a Igreja atual quanto Ratzinger, visto seja como teólogo seja como Papa, o porta-voz mais alto e legítimo da Igreja, continuariam teimando em permanecer na mesma obstinação.

Küng, entretanto, não está postulando nenhum relativismo religioso. De fato, a religião tem para ele, assim como para Ratzinger, uma importância insubstituível no

---

<sup>331</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 39.

<sup>332</sup> KÜNG, H. **Teologia a caminho**. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 26.

<sup>333</sup> Ibidem.

seio de nossa sociedade atual. Segundo ele, “sem religião não se consegue encontrar uma distinção fundamentada entre amor e ódio, verdadeiro e falso, solidariedade e egoísmo, moral e imoral”<sup>334</sup>. Os novos paradigmas apontariam para a morte ou falência da religião, mas, o fato é que

a esperada morte da religião, não se deu, por mais que estivesse diagnosticada e anunciada desde Feuerbach, Marx e Nietzsche, e por mais que questionasse, com razão, a fé infantil e não esclarecida do povo<sup>335</sup>.

Nessa visão de reformulação religiosa, própria dos novos paradigmas atuais, Küng entende que, presencia-se, justamente, com cada vez maior intensidade e interesse renovado, o retorno do interesse pela religião, ao contrário da expectativa positivista da sua morte, devido a uma pretensa incompatibilidade entre ela e a ciência. Segundo Küng, a religião está no centro do interesse humano em geral: “Ao menos nas sociedades avançadas do Ocidente não se sente mais a oposição nem entre a visão científica do mundo e uma orientação religiosa da realidade, nem entre o compromisso político e a fé religiosa”<sup>336</sup>.

O programa que Küng espera ver implantado na sociedade atual é o de, certamente ultrapassar sim a idéia positivista de modernidade, mas, de maneira com que a sociedade como um todo possa, de mãos dadas com a fé religiosa, enquanto aquela dimensão que, legitimamente, remete ao “Absoluto Último” de sentido existencial, caminhar para a construção de um mundo universalmente fraterno. Só assim se poderia

finalmente transcender ou superar a modernidade assumindo-a em um paradigma de pós-modernidade em que todas as dimensões negadas e reprimidas, especialmente a da religião, encontrem uma nova força libertadora e

<sup>334</sup> KÜNG, H. **Teologia a caminho**. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 25.

<sup>335</sup> Idem, p. 22.

<sup>336</sup> Idem, p. 23.

enriquecedora<sup>337</sup>.

O problema do relativismo, na visão de Küng, em plena convergência com Ratzinger, é a exclusão do “Absoluto”: nesta visão, simplesmente, não há nenhuma possibilidade para o encontro do homem com Deus realizado no âmbito do absoluto da fé. Como fruto dessa visão,

a existência humana fracassaria em seu aspecto central se afastasse de si ou negasse a dimensão do trans-humano, do incondicional, do universal e do absoluto. A existência humana sem essa dimensão seria um torso<sup>338</sup>.

O que se traduz no absoluto da fé é aquela verdade que preenche a vida como um todo. A verdade para a pessoa é a sua fé. É uma verdade existencial. Que essa fé seja um compromisso comunitário ou não, torna-se relativo à condição da pessoa, conforme a sua tradição cultural ou familiar. Se alguém deseja optar por uma religião, já que como diz Küng: “é impossível palmilhar todos os caminhos ao mesmo tempo”<sup>339</sup>, então, a religião na qual a pessoa realiza, de maneira comunitária, a sua adesão de fé, torna-se o caminho para a verdade última. Isso não significa excluir, necessariamente, as outras. Cada um faz sua própria adesão: “junto com o absolutismo exclusivista é preciso evitar também esse relativismo recalcitrante que nivela todos os valores e critérios”<sup>340</sup>. A confissão de fé é assim fundamental, afinal, em todas as religiões, “só o próprio Deus é a Verdade”<sup>341</sup>.

No sentido exposto acima, o pensamento teológico de Ratzinger e Küng convergem para a fé confessada. Fé que afirma o significado que teria Jesus Cristo para todo o gênero humano e para a sua história um valor singular e único, só a Ele próprio, exclusivo, universal, absoluto. Jesus o Verbo de Deus feito homem para a

<sup>337</sup> KÜNG, H. **Teologia a caminho**. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 24.

<sup>338</sup> Idem, p. 279.

<sup>339</sup> Idem, p. 290.

<sup>340</sup> Idem, p. 269.

<sup>341</sup> Idem, p. 290.

salvação de todos. Sob a herança desta concepção de fé, ambos assumem o que o Concílio Vaticano II já ensinava:

O Verbo de Deus, por quem todas as coisas foram feitas, encarnou, a fim de, como homem perfeito, salvar a todos e recapitular todas as coisas. O Senhor é o fim da história humana, o ponto para o qual tendem os desejos da história e da civilização, o centro da humanidade, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações. É aquele a quem o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita, constituindo-o juiz dos vivos e dos mortos<sup>342</sup>.

Nos dias atuais, as verdades cristãs tradicionalmente tidas como dogmáticas, as chamadas verdades de fé, aquelas referenciadas pela Igreja como inquestionáveis, passam a ser apresentadas numa linguagem mais flexível, o que não significa necessariamente que estejam sendo reformuladas. Para o teólogo Küng, defensor profícuo de algumas reformulações teológicas, mas que, nem por isso deixa de afirmar convictamente a sua fé cristã, isso é uma condição para o cristianismo continuar a ser significativo para a atualidade. É a quebra do “paradigma teológico” que, no dizer de Küng, tende a provocar a teologia cristã a reinterpretar a suas verdades de fé.

Küng, tanto quanto Ratzinger, ao definir a questão essencial da teologia perante a fé, isto é, ao relacionar teologia e religião ou religiões, chama a atenção para a questão de uma verdade absoluta ou universal. Ele, em conformidade com Ratzinger, acentua assim seu posicionamento: “A questão decisiva da teologia é a questão sobre a verdadeira religião entre as muitas religiões, ou seja, ao problema da verdade”<sup>343</sup>. Com isso, Küng explicita a íntima relação entre fé e verdade universal, já que, ao se referir sobre a “Verdade”, por excelência, como um conceito real e objetivo, e não como um conceito ideal e puramente subjetivo, deixa sob a tutela da teologia a possibilidade

---

<sup>342</sup> Conc. Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 45.

<sup>343</sup> KÜNG, H. **Teologia a caminho**. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 12.

de acesso a ela. Da mesma forma, Ratzinger segue por esta linha quando afirma a união da fé com a verdade:

A verdadeira problemática por trás de todas as questões individuais está na questão da verdade. Pode a verdade ser conhecida? Ou a questão da verdade, no que se refere à religião e à fé, é simplesmente improcedente? Mas, então, o que significa a fé e o que significa positivamente a religião, se não se devem relacionar com a verdade?<sup>344</sup>

O que na visão de ambos os teólogos estaria ocorrendo, especialmente frente ao desafio dessa questão, seria a manifestação de um relativismo cultural. De uma maneira generalizada, esta é outra faceta do que Ratzinger chama a “ditadura do relativismo”. Com base na identificação disso, ele critica as teorias que justificam o pluralismo religioso, e, principalmente, o indiferentismo e o subjetivismo religioso.

As interrogações de Ratzinger tornam-se delicadas quando analisadas sob o aspecto de conflitos históricos que, tradicionalmente, já envolveram posicionamentos inflexíveis ou absolutistas nas teologias e nas religiões. Muitos povos declararam guerras contra outros em nome da religião. E não apenas em tempos remotos ou passados, mas ainda hoje em dia, eventualmente se tem notícias de ocorrências dessas situações. Em decorrência destes fatos, Küng já alertava para os perigos desta condição humana: “não haverá paz entre as nações sem uma paz entre as religiões”<sup>345</sup>. Isso não implica em renunciar, como os dois teólogos continuamente deixam claro, a busca pela verdade no diálogo teológico-religioso.

#### **4.1.4 Ratzinger e J. Habermas: convergências filosóficas**

Em 2004, na cidade de Munique, ocorreu um encontro que proporcionou um diálogo, posteriormente, muito propagado pelos mais variados meios de comunicação,

---

<sup>344</sup> RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 28.

<sup>345</sup> KÜNG, H. **As religiões do mundo**. Campinas: Verus, 2004, p. 52.

entre o filósofo Jürgen Habermas, considerado como um dos mais importantes da atualidade e o teólogo, então ainda cardeal, Joseph Ratzinger. Esse diálogo se propôs assentar em bases de idéias referentes ao “transcendente” em vista de um valor universal. Habermas como o representante de uma versão mais atualizada dos ideais filosóficos iluministas da ilustração (Aufklärung) e Ratzinger na sua condição de representante de versões mais recentes do pensamento sobre a fé e sobre a religião, a partir, especialmente, da Igreja Católica. Também o debate foi posteriormente transcrito em uma obra organizada por F. Schüller.<sup>346</sup>

O filósofo J. Habermas concorda em grande parte com Ratzinger ao tratar a questão. Para ele “existe um núcleo universal do ponto de vista moral que pode ser revelado por uma crítica do ceticismo e do relativismo que ultrapassa a mera sobreposição acidental de culturas<sup>347</sup>”. Esse o ponto em que, para Ratzinger, o relativismo, além de não ser conveniente a questões de moral, para muito além dessas questões, não pode muito menos ser adequado a confissão de fé num âmbito absoluto. Porque ao se assumir um posicionamento relativista, a pessoa terá também que evitar assumir afirmações sobre a natureza da realidade, da verdade e do conhecimento, limitando-se antes às especificidades em todas as coisas. Ainda que generalize suas conclusões, termina por negar princípios que deveriam ser aceitos por todos, não somente ao nível dos direitos humanos, mas, muito mais ainda, aqueles relativos à fé.

Em tempos passados, já o grande filósofo I. Kant, restrito ao campo filosófico, havia dedicado boa parte de seus estudos na questão de um valor e de uma norma universal. Kant dedicou-se especialmente ao ponto de vista da possibilidade do homem em elaborar enunciados sobre o supra-sensível, as questões últimas relativas ao homem, como a imortalidade da alma ou a existência do Absoluto (Deus). Ao final do seu admirável trajeto intelectual nesta questão, Kant concluiu pela impossibilidade humana de alcançar uma condição efetiva de conhecimento neste campo, o que resultou então na composição da sua obra “Crítica da razão pura”. Essa resposta

---

<sup>346</sup> SCHÜLLER, F. (Org.). **Dialética da secularização: sobre razão e religião**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007, p. 77.

<sup>347</sup> HABERMAS, J. In FEYERABEND, P. **Adeus a razão**. Rio de Janeiro: Ed. 70, 1991, p. 205.

negativa de Kant teria passado então a representar o fim da metafísica filosófica. Habermas, igualmente, concluía que a razão puramente humana não seria capaz de um conhecimento com respeito ao “Absoluto da fé”: Deus.

De outro lado, Kant também viria a negar igualmente a “absolutização” da razão, uma equivocada conclusão a qual se poderia chegar, tendo em vista essa impossibilidade da “razão metafísica”, na qual o alcance de verdades para além da pura realidade humana fosse destituída de realidade concreta. Para Kant, também a razão prática, enquanto norma última de sentido humano, seria insuficiente e incapaz de traduzir uma verdade última, o que poderia acarretar finalmente em um poder prático que sucumbisse inclusive a própria liberdade humana. Sua conclusão final é que o critério universal capaz de pautar a vida humana é puramente o critério da moralidade. Assim, para o filósofo Kant, tanto a razão pura como a razão prática encontram-se sob a limitação, tão somente imanente, do nosso saber.

O diálogo entre Ratzinger e Habermas foi, ao contrário das conclusões de Kant, um diálogo racional em que, ao mesmo tempo, os dois pensadores buscavam mantê-lo direcionado a dimensão do transcendente, portanto, numa condição em que ambos, ao contrário de Kant, defendiam a possibilidade de normas universais objetivas, ainda que metafísicas, para a atual modernidade. Para Habermas,

o conceito de modernização refere-se, entre outros, à secularização de valores e normas, a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal; à secularização de valores e normas, etc.<sup>348</sup>

---

<sup>348</sup> HABERMAS, J. **O Discurso filosófico da modernidade**. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 5.

Em termos de afirmação de normas universais, Habermas fala em base de questões morais pré-políticas no Estado liberal, ou seja, na busca de um fundamento comum para a sociedade global em todos os sentidos, tanto religiosa como não religiosa, em vista da dignidade humana.

Nem sempre, porém, o pensamento de ambos seguiu uma mesma sintonia. Diferente de Ratzinger, Habermas afirma que a secularização de valores pode compactuar com o estabelecimento de normas éticas válidas universalmente. Conforme comenta F. Schüller: “Habermas acredita que a democracia não necessita de um fundamento pré-político, filosófico ou religioso, que a justifique”<sup>349</sup>. Sua idéia é que, uma vez que os cidadãos se coloquem de acordo, no sentido de respaldar uma constituição que garanta seus direitos humanos e políticos, eles também atuariam como criadores de um novo Direito que se bastaria a si mesmo. A este consenso fundamental e a decisão de viver de acordo com ele, Habermas dá o nome de “patriotismo constitucional”<sup>350</sup>.

Habermas, apesar de não invalidar em grande medida aquela tradição considerada humanista e racional, muito própria da modernidade, em contraposição ao pensamento puramente iluminista, reconhece, os valores tragos pela religião, muito especialmente pela religião cristã, que, para ele, participou efetiva e concretamente nos mais diversos processos que envolveram o desenvolvimento do pensamento moderno. No diálogo com Ratzinger ele afirma que as religiões já não deveriam ser pensadas como “resíduos irracionais de um passado mágico”<sup>351</sup>, mas sim como a inspiração pela qual os crentes podem concretamente aproximar-se do consenso democrático com os não crentes. Nesse sentido, Habermas diz que a sociedade deve chegar a um novo entendimento com respeito às convicções religiosas, já que estas não podem ser encaradas simplesmente como resíduos de um passado terminado, ao contrário, constitui-se antes, num verdadeiro desafio cognitivo filosófico.

---

<sup>349</sup> SCHÜLLER, F. (Org.). **Dialética da secularização: sobre razão e religião**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007, p. 77.

<sup>350</sup> Idem, p. 79.

<sup>351</sup> Idem, p. 81.

Ao contrário dos iluministas modernos, na época considerados *os pensadores ilustrados*, Habermas reconhece importantes ações provenientes da religião. Segundo ele, teriam sido as religiões que, primeiramente, lançaram bases para idéias democráticas que depois viriam a ser adotadas pela mentalidade humana mais evoluída. Foram as religiões que, no entender de Habermas, primeiro falaram de dignidade, de justiça social, bem como de outros valores, considerados hoje como direitos humanos fundamentais, não apenas pelas próprias religiões como também pelos mais variados seguimentos laicistas e secularizados da atualidade.

Nesse diálogo, o filósofo Habermas, tanto quanto Ratzinger, também critica o relativismo. Ele afirma que a crença em ideais, puramente democráticos, pode desenvolver patologias, como por exemplo, o individualismo exacerbado, algo que Ratzinger duramente combate no que se relaciona ao relativismo religioso. Esse individualismo necessitaria, na visão de Habermas, justamente dos limites impostos pela tradição religiosa. Igualmente, com relação as crenças religiosas, também aqui podem haver patologias, como por exemplo, cita ele, o fanatismo religioso. Nesse caso, o espírito democrático é que lhe deve impor limites. Nesse sentido ele diz:

Pretendo propor que a secularização cultural e social seja entendida como um processo de aprendizagem dupla que obriga tanto as tradições do iluminismo quanto as doutrinas religiosas a refletirem sobre seus respectivos limites<sup>352</sup>.

Ratzinger, com sua tradicional clareza e transparência, toma uma posição mais direta: “A mim me parece óbvio que a ciência como tal não é capaz de produzir um etos, ou seja, uma consciência ética renovada não surgirá como fruto de debates científicos”<sup>353</sup>. Para Ratzinger, o mundo atual se caracteriza por um estado de fragmentação cultural. Isso significaria a validação prática de fundamentos particulares para cada cultura, o que ele chama “multiculturalismo”, isto é, quando cada cultura apela aos seus próprios fundamentos. Segundo ele:

---

<sup>352</sup> SCHÜLLER, Florian (Org.). **Dialética da secularização: sobre razão e religião**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007, p. 67.

<sup>353</sup> Idem, p. 97.

Se concedemos, como fato do multiculturalismo, o direito de cada cultura pensar exclusivamente a sua maneira, cairíamos no relativismo cultural em meio do qual, tendo cada cultura sua verdade, desapareceria a busca esperançada da verdade<sup>354</sup>.

Ratzinger passa a enumerar então, a partir desse seu ponto de vista, as culturas que coabitam em nosso mundo. No Ocidente, lembra ele, predominam claramente duas culturas: a científica e a racionalista. Junto a estas culturas, predominantemente cristãs, somam-se as provenientes do Oriente, como as culturas islâmicas, hindús, budistas e confucionistas. Existe, ele não nega, uma oposição pulsante na relação do judaísmo e do cristianismo em contraposição ao puro cientificismo e racionalismo. Ao mesmo tempo, internamente, as posições do judaísmo e do cristianismo em suas mais variadas versões, encontram-se em caminho de serem superadas. Igualmente, no foro interno, também o islã sofre a tensão entre sua ala fundamentalista e sua ala moderada. Ratzinger pede então, dentro desse conjunto naturalmente tenso, um diálogo entre todas as culturas de nosso tempo, em busca de uma convergência a qual, sem anular a individualidade de cada uma delas, lhes permitam, contudo estabelecer princípios universais que, unidos aos princípios políticos de justiça e solidariedade da democracia, sejam efetivos das diversas culturas como um todo.

#### **4.1.5 Apoio às críticas de Ratzinger contra o relativismo da fé**

Em plena sintonia com Ratzinger, o cardeal Tarciso Bertone pronunciou uma conferência na qual fazia uma análise interpretativa muito pertinente às críticas de Ratzinger ao relativismo. Segundo ele:

Para certas pessoas, a diversidade cultural e das normas de comportamento leva, de maneira inevitável, a afirmar a existência de uma norma moral comum e objetiva. A partir da experiência da diversidade deduz-se a impossibilidade de normas morais universalmente válidas. O relativismo moral afirma que uma asserção ética só seria verdadeira

---

<sup>354</sup> SCHÜLLER, Florian (Org.). **Dialética da secularização: sobre razão e religião**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007, p. 94.

no contexto de uma determinada cultura. Portanto, não haveria convicções nem princípios éticos melhores em relação aos outros, e ninguém teria o direito de dizer aquilo que é bom ou mau<sup>355</sup>.

Com base nessa crítica, Bertone retoma o posicionamento de Ratzinger, manifesto especialmente na Universidade de Regensburg<sup>356</sup>, em 2006, afirmando que,

as teses do relativismo cultural e do relativismo ético foram revigoradas pelo desenvolvimento da razão moderna, um processo descrito de forma magistral pelo Papa Bento XVI, na sua lição na Universidade de Regensburg. Com síntese extrema, este processo é constituído pela redução da razão a uma ciência experimental, que combina a verificação empírica com a formulação matemática. Assim, só seria racional aquilo que é susceptível de experiência e formulável matematicamente. Todavia, os grandes questionamentos da existência do homem, os problemas da ética e da estética, a metafísica e sobretudo a questão de Deus permanecem fora de qualquer consideração, enquanto são pré-científicos e desprovidos de cientificidade<sup>357</sup>.

Nesse sentido, Bertone afirma o reducionismo ao qual o relativismo moral e cultural termina por produzir. Segundo o cardeal: “esta restrição da razão contemporânea conduz inevitavelmente, no plano ético, ao subjetivismo da consciência”<sup>358</sup>. É isso que vai atingir a verdade absoluta da religião no seu sentido primordial, quando Ratzinger afirma: “o sujeito decide, tendo como base as suas experiências pessoais, o que lhe parece religiosamente sustentável e a consciência

---

<sup>355</sup> BERTONE, T. Conferência na Universidade de Havana: **"A cultura e os fundamentos éticos da vida humana"**. Visita do cardeal a Cuba por ocasião do 10º aniversário da viagem daquela nação pelo papa João Paulo II, em 25 de Fevereiro de 2008. Fonte: <http://www.vatican.va>. © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 11 nov. 2010.

<sup>356</sup> BENTO XVI: **Discurso na Universidade de Regensburg**. <http://www.vatican.va> - © Copyright 2006, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 08 ago. 2010.

<sup>357</sup> BERTONE, op.cit., 2008.

<sup>358</sup> Idem.

subjetiva torna-se de modo definitivo a única instância ética<sup>359</sup>. Bertone entende que tal tipo de concepção leva ao individualismo. Para ele, “a conseqüência é clara: deste modo a religião perde a sua própria capacidade de dar vida a uma comunidade e torna-se uma questão totalmente pessoal<sup>360</sup>”.

O subjetivismo ético levado ao extremo conduz à situação paradoxal de ter que admitir a imoralidade como moralmente positiva. Considerando o fato de que não existe um modo de determinar o que é bom ou mau, seria necessário concluir que todos os comportamentos são igualmente válidos. O sentido comum revolta-se diante desta conclusão à qual, todavia, se chega necessariamente a partir das premissas das quais se começa.

Assim, para Bertone: “a lógica deste dinamismo leva àquilo que Bento XVI denominou a ditadura do relativismo<sup>361</sup>. Ou seja, diante da impossibilidade de estabelecer normas comuns, com a validade universal para todos, “o único critério que permanece para determinar o que é bom ou mau é o uso da força, quer a dos votos quer a da propaganda ou das armas e da coerção<sup>362</sup>”, diz Bertone. Reproduz-se então, na prática, aquilo que Ratzinger denunciava como sendo a ditadura do relativismo: “está-se a constituir uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida somente o próprio eu e os seus desejos<sup>363</sup>”.

Tanto Bertone como Ratzinger propõem a abertura para a fé num sentido absoluto como a diretriz última para constituição de uma verdade válida universalmente. Sendo assim, Bertone afirma em seu discurso: “É necessário inverter o axioma do relativismo ético e postular vigorosamente a existência de uma ordem de verdade que

---

<sup>359</sup> BENTO XVI: **Discurso na Universidade de Regensburg**. <http://www.vatican.va> - © Copyright 2006, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 14 out. 2010.

<sup>360</sup> BERTONE, T. Conferência na Universidade de Havana: **"A cultura e os fundamentos éticos da vida humana"**. Visita do cardeal a Cuba por ocasião do 10º. aniversário da viagem aquela nação pelo papa João Paulo II, em 25 de Fevereiro de 2008. Fonte: <http://www.vatican.va>. © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 11 nov. 2010.

<sup>361</sup> Idem.

<sup>362</sup> Idem.

<sup>363</sup> RATZINGER, J. **Homilia na Missa “pro eligendo Romano Pontífice”**, em 18 de Abril de 2005. Fonte: [http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_20050418\\_po.html](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html). © Copyright 2005. Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 29 nov. 2009.

transcende os condicionamentos pessoais, culturais e históricos, e que tem uma validade permanente”<sup>364</sup>. Bertone lembra o diálogo entre Habermas e Ratzinger onde ambos defenderam “a necessidade do contributo das confissões religiosas para o debate público nesta questão”<sup>365</sup>. Para Bertone, as confissões religiosas desempenham um papel social definitivo, não somente como elementos de “integração social, que prestam subsidiariamente serviços sociais à comunidade, mas inclusive, como fonte de saber e conhecimento”<sup>366</sup>. Nesse sentido, as religiões são plenamente capazes de estabelecer um saber com validade universal.

Ao contrário de proposições relativistas, para Bertone, muito próprias da sociedade contemporânea, “em que se intui” afirma ele,

a objeção de que as Igrejas e as confissões religiosas devem limitar a sua própria ação ao âmbito puramente pessoal dos indivíduos que desejam aderir às mesmas, mas não teriam qualquer lugar disponível na constituição de uma ética social. Afirma-se que o Estado moderno deve estar acima das religiões que, em numerosos casos, não são vistas de forma positiva e equilibrada<sup>367</sup>.

Assim como o Cardeal Tarcisio Bertone, o Cardeal espanhol Julián Herranz<sup>368</sup> também manifestou apoio incondicional as críticas ao relativismo atual do então Cardeal Ratzinger. Para Herranz, a “utopia relativista”, do que ele chama de “liberdade sem verdade”<sup>369</sup>, representa uma ameaça de perversão cultural e antropológica, mais ainda porque no terreno político e legislativo encontra o apoio do positivismo jurídico absoluto,

<sup>364</sup> BERTONE, T. Conferência na Universidade de Havana: **"A cultura e os fundamentos éticos da vida humana"**. Visita do cardeal a Cuba por ocasião do 10º aniversário da viagem aquela nação pelo papa João Paulo II, em 25 de Fevereiro de 2008. Fonte: <http://www.vatican.va>. © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 11 nov. 2010.

<sup>365</sup> Cf: SCHÜLLER, Florian (Org.). **Dialética da secularização: sobre razão e religião**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007, p. 34.

<sup>366</sup> BERTONE, Op. cit., 2008.

<sup>367</sup> Idem.

<sup>368</sup> HERRANZ, J. Cf: <http://www.zenit.org/artigo> de 06-01-2008. *Entrevista concedida a Carlo Casini*. Acesso em: 02 dez. 2009.

<sup>369</sup> Idem.

o qual, segundo ele, nega a lei natural. “O pensamento positivista”, afirma ele, “atua como um negador da realidade sobre a natureza da pessoa humana, que se quer negar que seja um conceito e um valor de caráter universal”<sup>370</sup>. Herranz lembra que, sobre isso, na Missa *Pro eligendo Pontifice*, Ratzinger havia tomado um posicionamento firme afirmando que “uma democracia sem valores se transforma em relativismo, em uma perda da própria identidade, e, a longo prazo, pode degenerar em totalitarismo aberto ou insidioso”<sup>371</sup>.

Herranz observa, entretanto, que a crítica lançada pelo então Cardeal Ratzinger, não tinha como finalidade “atingir a política em geral, de esquerda ou direita, e sim um problema humano de grande espessura cultural e moral e, portanto, social”<sup>372</sup>. Para Herranz, várias parcelas da sociedade, como muitas famílias, academias, associações, etc, reagem pacífica, embora tenazmente, contra essa “ditadura do relativismo” que se opõe, não apenas ao cristianismo, mas às tradições religiosas e morais da humanidade. Nessa direção, dialogam respeitosamente com os poderes públicos para que se respeite, entre outros direitos fundamentais, o direito à liberdade religiosa, proclamado tanto para o âmbito privado como familiar e social no artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU.

Herranz lembra ainda que o Papa se coloca como “um dos mais lúcidos defensores da liberdade e do diálogo respeitoso entre as religiões”<sup>373</sup>. Ainda nessa mesma entrevista, concedida a Carlo Casini, afirmava a histórica lição magistral de Ratisbona, profundamente respeitosa à todas as religiões, em 12 de setembro de 2006. Ali o Papa dizia que “assim como Deus ama, cria e se entrega livremente, a fé n’Ele deve ser um ato racional e livre. Nenhuma autoridade civil ou religiosa pode impor ou proibir, violentando a liberdade e a razão humanas”<sup>374</sup>.

<sup>370</sup> HERRANZ, J. Cf: <http://www.zenit.org/artigo> de 06-01-2008. *Entrevista concedida a Carlo Casini*. Acesso em: 02 dez. 2009.

<sup>371</sup> RATZINGER, J. **Homilia na Missa “pro eligendo Romano Pontifice”**, em 18 de Abril de 2005. Fonte: [http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_20050418\\_po.html](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html). © Copyright 2005. Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 29 nov. 2009.

<sup>372</sup> HERRANZ, op.cit., 2008.

<sup>373</sup> Idem.

<sup>374</sup> BENTO XVI: **Discurso na Universidade de Regensburg**. <http://www.vatican.va> - © Copyright 2006, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 11 out. 2010.

Fica claro o posicionamento de Ratzinger, plenamente endossado por Herranz, de que a fé deve ser sempre um ato racional, ainda que inefável em seu objeto final, que não é, necessariamente, palpável ou comprovável.

## CAPÍTULO 5

### RESULTADOS PRINCIPAIS DO PENSAMENTO DE RATZINGER

Neste capítulo final buscamos retirar os resultados principais dos posicionamentos de Ratzinger no que se refere ao tema central da pesquisa. Abordamos especialmente aqueles que se referem ao desenvolvimento pastoral e que representam na prática, tanto social, como política, religiosa, cultural ou acadêmica, os desdobramentos teológicos mais representativos do seu pensamento. Nesse âmbito, identificamos, especialmente, quatro resultados, que são respectivamente: afirmar claramente a verdade do cristianismo como sentido último e absoluto (5.1); estabelecer os fundamentos da verdade cristã no âmbito da religião (5.2); posicionar-se de forma transparente e aberta em torno do diálogo entre compreensões religiosas diferentes (5.3); e, finalmente, fundamentar a verdade da fé cristã no contexto de um mundo de visões religiosas pluralizadas e interconectadas (5.4).

Primeiramente, Ratzinger afirma a urgente importância pela busca de uma verdade última, absoluta. De sua parte ele afirma, clara e abertamente, uma firme convicção na verdade manifesta em Jesus Cristo que anuncia: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (*Jo*, 14,6). Segundo ele, “nessas palavras do Evangelho de São João acha-se expressa a pretensão fundamental da fé cristã” (2007, p. 168). A fé cristã pretende ser a religião da verdade. Esta é, definitivamente, a proposta última e absoluta do cristianismo.

Suas palavras em favor da verdade absoluta cristã, entretanto, mesmo considerando o quanto tal postura represente, nos dias atuais, um grande desafio ao diálogo, tanto filosófico e teológico, como também inter-religioso, não denota, nos mais diversos momentos em que as manifeste, um pensamento dogmatista, absolutista ou inflexível, ao contrário, e isso é o que mostra o profundo respeito com o qual ele trata a questão. Para Ratzinger, afirmar uma fé com sentido absoluto pertence a busca legítima pela verdade última, assim como manter uma convicção de fé, em sentido

absoluto último, pertence a um legítimo direito pessoal (crente) e de pertença coletiva (instituição religiosa).

Em segundo lugar, a partir de conteúdos transparentes e acessíveis, inclusive, à crítica profana, crítica essa muito própria de um mundo questionador como, compreensivelmente, o atual, que se recusa aceitar, passivamente, verdades de caráter tão profundo de forma simplesmente anunciada, sem que, antes, se tenha dado amplas condições ao debate dialógico. mas aberto também, ao mesmo tempo, às críticas provenientes de outras compreensões religiosas, Ratzinger expõe com serenidade e firmeza as razões de sua fé. Para ele, a verdade absoluta originada em Jesus Cristo, e, posteriormente, manifesta ou formulada na visão cristã de mundo, preenche todas essas condições e exigências da atualidade. Esse pensamento transparece continuamente nos posicionamentos de Ratzinger. Segundo ele, a fé cristã, não apenas na atualidade, mas também, ao longo de todos os séculos de sua apresentação ao mundo, sempre esteve aberta ao diálogo crítico. A verdade cristã, para Ratzinger, se caracteriza como o próprio *logos*, portanto, acessível as exigências da argumentação racional e crítica. Desde os seus primórdios, o anúncio de Jesus (homem), como sendo o Cristo (o Filho de Deus esperado e afirmado como a encarnação de Deus entre os homens), ocorreu num contexto de debate dialógico, isto é, os primeiros cristãos utilizavam-se de um discurso crítico, inclusive com especialistas do saber humano, como os filósofos.

Por conta desse discurso, notadamente racional, é que muitos filósofos, inclusive, “convenceram-se da verdade última exposta no absoluto de fé cristã, transformando-se, eles mesmos, em anunciadores dessa verdade”<sup>375</sup>. O cristianismo está, pois, em perfeita consonância com aquilo que se espera, nessa visão atual apontada anteriormente, de uma religião pertinente ao mundo hodierno: anuncia uma verdade de fé absoluta e última, permanecendo ao mesmo tempo acessível ao caráter crítico da razão.

---

<sup>375</sup> Cf: REALE, G. e ANTISERI D. **História da Filosofia**. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 1990, p. 407.

Em terceiro lugar, Ratzinger solidifica a importância da abertura de todas as concepções de fé, com sentido absoluto, aos compromissos práticos proporcionados pelo diálogo ecumênico e inter-religioso. É através desse diálogo, especialmente composto a partir da diversidade de construções teológicas, construções estas que fornecem o fundamento de base para a identidade da fé, que se pode promover um encontro plenamente respeitoso entre as religiões, ao mesmo tempo em que, no exemplo de união, todas as religiões possam defender o sentido último da vida humana em ações concretas revertidas à própria humanidade, seja em caráter social, manifesto em melhores condições para a qualidade de vida como, por exemplo, na defesa da saúde, da igualdade, da boa educação, do respeito e da paz para todos, como na defesa da vida em outros sentidos, como o biológico, o ecológico, o bioético, etc.

Ratzinger, portanto, nesse posicionamento firme e resolutivo, porém ao mesmo tempo, crítico e racional, está plenamente aberto ao diálogo com todas as concepções religiosas, e nessa abertura, manifesta também seu apoio àquelas concepções diferentes da sua, mas com igual sentido último e absoluto. Com base nessa posição de igualdade de direitos, ele reafirma, de maneira efetivamente argumentativa, o fundamento de sua fé cristã e propõe, em igual medida, a importância de que cada confissão de fé se abra, igualmente, a uma postura dialogante e argumentativa, a fim de estabelecer os fundamentos de suas próprias concepções de fé

Finalmente, como resultado último de seus posicionamentos, esforçamo-nos por identificar algumas das razões que fundamentam a sua convicção de fé no sentido absoluto. Com base nessa identificação, buscamos fornecer as razões pelas quais Ratzinger propõe, de maneira transparente e objetiva, suas convicções pessoais pela adesão à fé cristã.

## 5.1 O ABSOLUTO DA FÉ CRISTÃ COMO IDENTIDADE PRÓPRIA

Para Ratzinger, toda proposição que tenha por base uma posição indefinida ou obscura, em termos do absoluto da fé, ou seja, que se relacione a Deus, desencadeia,

necessariamente, um “relativismo” religioso. Para exemplificar isso, ele cita o senador romano Símaco num discurso feito perante o imperador Valentiniano II. Para aquele senador, Deus seria como uma montanha: muitos caminhos levariam até o cume, ou seja, seriam no final todos iguais<sup>376</sup>. Segundo Ratzinger, essa frase exprime com clareza o relativismo religioso. Ratzinger traz também outro exemplo, nesse caso especialmente, ao tratar de aspectos religiosos típicos da Índia na atualidade. Para ele, “o monismo espiritual da Índia relativiza todas as religiões”<sup>377</sup>. O que caracterizaria o absoluto, segundo esse âmbito de fé, “encontra-se fora de toda a possibilidade de denominação, sendo estritamente não-categorial”<sup>378</sup>. Assim, com base nessa perspectiva indefinida, a própria noção de absoluto da fé vê-se francamente relativizada ou indiferente. Nessa concepção o “Absoluto” (Deus) pode ser “chamado igualmente de ser como não-ser, de palavra e de não-palavra”<sup>379</sup>. Com isso as religiões perderiam, igualmente, a sua identidade própria.

A partir daí, a questão se manifesta no relativismo religioso, proveniente justamente, da própria relativização cultural. Tais concepções fornecem um campo fértil para ao indiferentismo na fé. Esse indiferentismo se transforma naturalmente no relativismo (e vice-versa) e, para Ratzinger, é o que “de certo modo, chegou a ser a religião do homem moderno”<sup>380</sup>.

Perante essa realidade, Ratzinger contrapõe o “Absoluto da fé”: o próprio Jesus Cristo. Há aqui um âmbito de fé absoluta que se apresenta concreto, real, objetivo e específico. O cristianismo, para Ratzinger, “não considera o supremo como o absolutamente inominável”<sup>381</sup>, mas sim como a manifestação concreta do amor que se

---

<sup>376</sup> RATZINGER, J. **El cristianismo y las religiones del mundo**. Salamanca: Sigueme, 2005, p. 154. Famoso memorial de Símaco, contra a retirada da imagem da deusa Vitória do Senado.

<sup>377</sup> BENTO XVI. **Fé, Verdade, Tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p. 80.

<sup>378</sup> Ibidem.

<sup>379</sup> Ibidem.

<sup>380</sup> Idem, p. 81.

<sup>381</sup> Idem, p. 82 e 83.

traduz em Deus: “A última palavra do ser não é mais o absoluto inominável, mas o amor que se torna visível concretamente no Deus que se tornou ele mesmo criatura”<sup>382</sup>.

Por isso a proposta central do cristianismo expressa no amor, ou seja, do cristão por todas as pessoas, é a manifestação concreta da fé e verdade cristã. É o que leva Ratzinger a afirmar na sua primeira encíclica:

Nós cremos no amor de Deus, deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo: Amarás o teu próximo como a ti mesmo<sup>383</sup>.

O cristão manifesta a verdade de sua fé se cumprir efetivamente aquilo exige o programa estabelecido por Jesus Cristo, isto é o que Ratzinger expõe claramente quando diz: “em Jesus Cristo se destaca o nexó indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo: um exige tão estreitamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar”<sup>384</sup>.

Contudo, ainda que baseado no programa de amor universal entre as pessoas, ao afirmar um absoluto objetivo ou nominado, ou seja, Jesus Cristo, entram em cena algumas dificuldades na esfera do diálogo inter-religioso. Por isso mesmo Ratzinger busca definir, com a máxima clareza, a posição do cristianismo, pois, para ele:

a fé cristã, por sua origem e por sua essência, manifestou a pretensão de conhecer e anunciar o Deus verdadeiro, o único salvador de todos os homens. Mas, tal exigência, de uma pretensão absoluta, é nos dias de hoje defensável? Como se situa essa exigência para com a busca de

<sup>382</sup> BENTO XVI. **Fé, Verdade, Tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p. 83.

<sup>383</sup> BENTO XVI. **Carta encíclica *Deus caritas est.*** (São Paulo: Paulus/Loyola, 2006), no. 1.

<sup>384</sup> Idem no. 16.

liberdade das religiões e culturas?<sup>385</sup>.

Ratzinger questiona assim a possibilidade da coexistência entre a fé com sentido relativizado por alguns setores, tanto teológicos como culturais, sociais ou religiosos, e a fé com sentido último e absoluto, que não oferece em si mesmo um espaço à relativização confessional. É nesse sentido que ele percebe uma situação de risco, especialmente dentro do pluralismo religioso atual, isto é, quando o pluralismo religioso se coloca em consonância com o relativismo social ou cultural.

Na sua visão, as religiões contêm naturalmente aspectos divergentes, embora hajam pontos coincidentes. A decisão de fé em uma implica, contudo, na recusa de pontos essenciais da outra, o que não significa uma posição de fechamento ao diálogo nem tampouco um exclusivismo religioso que não permita o convívio. O que Ratzinger define claramente é que não se pode compactuar ao mesmo tempo com duas razões de fé absolutas. O “Absoluto” é “Um” só. Numa entrevista concedida no ano de 2003, Ratzinger, com sua habitual franqueza, respondia a pergunta do jornalista A. Socci:

Eminência, há uma idéia que foi afirmada na alta cultura e no pensamento comum segundo a qual as religiões são todas vias que levam para o mesmo Deus, de forma que uma tem o mesmo valor que a outra. O que pensa, partindo do ponto de vista teológico?<sup>386</sup>

Para Ratzinger todas as religiões, e não apenas aquelas de origem cristãs, estão diante do mesmo problema: o relativismo que corrói a fé. Respondia então Ratzinger:

No plano empírico, histórico, não é certa esta concepção, muito cômoda para o pensamento de hoje. É um reflexo do relativismo difundido, mas a realidade não é esta porque as religiões não estão de uma forma estática, uma junto a outra, mas se

<sup>385</sup> BENTO XVI. **Fé, Verdade, Tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p. 11.

<sup>386</sup> RATZINGER, J. Entrevista concedida ao jornalista Antonio Socci, em 26 de novembro de 2003 e publicada no “Il Giornale” de Milão. Fonte: [http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form\\_id=1482](http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form_id=1482). Acesso em: 06 mar. 2011.

encontram em um dinamismo histórico no qual se convertem também em desafios uma para a outra. Ao final, a Verdade é uma, Deus é um, por isso todas estas expressões tão diferentes, nascidas em diversos momentos históricos, não são equivalentes, mas são um caminho no qual se propõe a questão. Aonde ir? Não se pode dizer que são caminhos equivalentes porque estão em um diálogo interior, e naturalmente me parece evidente que não podem ser meios de salvação coisas contraditórias: a verdade e a mentira não podem ser da mesma forma vias de salvação. Por isso, esta idéia simplesmente não responde à realidade das religiões e não responde à necessidade do homem de encontrar uma resposta coerente à suas grandes interrogações<sup>387</sup>.

Esta idéia de paridade entre todas as religiões já vinha sendo esboçada por alguns grandes e respeitados teólogos, tanto na esfera católica como na esfera protestante, ainda que estes não propusessem teorias que levassem a radicalizações nesse sentido, o que ocorreu em alguns casos ao serem posteriormente desenvolvidas por admiradores desses teólogos<sup>388</sup>. O argumento é, com efeito, antigo, já estava presente nos primórdios do cristianismo<sup>389</sup>. O senador romano Símaco, citado anteriormente, como ressaltava Ratzinger, já representava essa faceta do pensamento relativista atual, para o qual, “não é possível chegar, por um só caminho, a um mistério tão grande”<sup>390</sup>.

Ocorre que a opção pelo cristianismo implica necessariamente numa decisão de fé com sentido absoluto único. Mesmo considerando um contexto de pluralidade de crenças, como o atual, o cristianismo não admite relativização de sua verdade. O

---

<sup>387</sup> RATZINGER, J. Entrevista concedida ao jornalista Antonio Socci, em 26 de novembro de 2003 e publicada no “Il Giornale” de Milão. Fonte: [http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form\\_id=1482](http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form_id=1482). Acesso em: 07 mar. 2011.

<sup>388</sup> TEIXEIRA, F. **Teologia das religiões: uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 56 – 77.

<sup>389</sup> RATZINGER, J. **El cristianismo y las religiones del mundo**. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 154 na ed. espanhola. Igualmente na conferência **Fé religião e cultura**. Ratzinger observa a formulação clássica desse pluralismo das religiões nesse famoso memorial de Símaco. Mas, lembra Ratzinger, “o argumento já era refutado por Santo Ambrósio com a verdade única do cristianismo”.

<sup>390</sup> *Ibidem*.

problema está em como posicionar-se na questão. A mentalidade comum toma um anúncio como esse, isto é, Cristo como único caminho para Deus, como arrogância doutrinal. Ratzinger aborda esse desafio para o cristão atual: “posso entender”, afirma ele, “os motivos desta moderna visão que se opõe à unicidade de Cristo, e compreendo também uma certa modéstia de alguns católicos para os quais nós não podemos dizer que temos uma coisa melhor que os demais”<sup>391</sup>. No seu entender, tais dificuldades impostas aos cristãos devem-se a um passado de falhas e erros na história da Igreja, justamente a Instituição que representa o discipulado cristão.

Mas também, ao mesmo tempo em que argumenta, ele também responde a esse desafio: “estas feridas permaneceram na consciência cristã, mas não devem impedir-nos de ver o essencial. Porque o abuso do passado não deve impedir a compreensão reta”<sup>392</sup>. O cristianismo, afirma Ratzinger, “como instrumento de poder é um abuso. Mas o fato de que se tenha abusado disso não deve cerrar nossos olhos frente à realidade da unicidade de Cristo”<sup>393</sup>. De fato, afirmar a unicidade de Cristo em Deus, representa o mesmo que afirmar algo de caráter absoluto e universal. Mas, mesmo nessa proposta universal, última e única, por isso mesmo absoluta, “o cristianismo não é exclusivista, mas se abre a verdadeira universalidade”<sup>394</sup>, pois não é propriedade de qualquer povo, cultura ou raça.

O relativismo presente do tempo atual, entretanto, simplesmente despreza, quando não rejeita peremptoriamente, a afirmação cristã de unicidade entre Deus e Jesus Cristo. Soa-lhe “absurda” tal proposição<sup>395</sup>. Socci desafia Ratzinger nessa questão ao perguntar: “Evocando Dostoiévski, pergunto se um homem moderno pode

---

<sup>391</sup> RATZINGER, J. Entrevista concedida ao jornalista Antonio Socci, em 26 de novembro de 2003 e publicada no “Il Giornale” de Milão. Fonte: [http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form\\_id=1482](http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form_id=1482). Acesso em: 07 mar. 2011.

<sup>392</sup> Idem.

<sup>393</sup> Idem.

<sup>394</sup> Idem.

<sup>395</sup> Idem.

crer, crer verdadeiramente que Jesus de Nazaré é Deus feito homem. Isso é percebido como absurdo<sup>396</sup>. Ratzinger enfrenta essa suspeita:

Certo; para um homem moderno é uma coisa quase impensável, um pouco absurda e facilmente se atribui a um pensamento mitológico de um tempo passado que já não é aceitável. A distância histórica faz mais difícil pensar que um indivíduo que viveu em um tempo distante possa estar agora presente, para mim, e que seja a resposta a minhas perguntas<sup>397</sup>.

Ratzinger prossegue argumentando: “Parece-me importante observar que Cristo não é um indivíduo do passado distante para mim, mas que criou um caminho de luz que invade a história”. Jesus Cristo, afirma ele, é

um ininterrupto caminho de luz que faz caminho na história, e me parece que este fato, que Cristo não se ficou no passado, mas que foi sempre contemporâneo com todas as gerações e criou uma nova história, na qual está presente e sempre contemporâneo, faz entender que não se trata de qualquer grande na história, mas de uma realidade verdadeiramente Outra, que leva sempre luz<sup>398</sup>.

Se o argumento escapa ao estritamente lógico ou prático, Ratzinger aduz uma importante conclusão. Para ele a pessoa de Jesus Cristo “não se põe em relação com uma pessoa distante, mas com uma realidade presente<sup>399</sup>”. Mesmo que uma afirmação como esta, de que Deus se faz presente e acessível numa pessoa humana, crie um paradoxo, Ratzinger prossegue argumentando:

É certamente um paradoxo que Deus, o imenso, tenha entrado no mundo finito como uma pessoa humana. Mas é precisamente a resposta da qual temos necessidade: uma resposta infinita que,

---

<sup>396</sup> RATZINGER, J. Entrevista concedida ao jornalista Antonio Socci, em 26 de novembro de 2003 e publicada no “Il Giornale” de Milão. Fonte: [http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form\\_id=1482](http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form_id=1482). Acesso em: 10 mar. 2011.

<sup>397</sup> Idem.

<sup>398</sup> Idem.

<sup>399</sup> Idem.

contudo, se faz aceitável e acessível, para mim, acabando em uma pessoa humana que, contudo, é o infinito<sup>400</sup>.

Não existe, para Ratzinger, nenhuma outra resposta capaz de unir assim o homem e o divino. Por isso mesmo a proposta cristã é, para ele, plenamente crível ao homem de hoje, assim como foi em todas as épocas anteriores. Crível também porque, além de trazer ao homem sua verdade como de proveniência diretamente divina, deixa ao mesmo homem a liberdade de acolhe-la livremente. Não existe qualquer força coercitiva que lhe imponha aceitar sua verdade. “Partindo de Cristo encontramos imediatamente a postura contrária”, isto é, Ele não se impõe ao homem, “não tem um poder mundano, atrai a humanidade para si não com um poder externo, político, militar, mas somente com o poder da verdade que convence”<sup>401</sup>. Ou seja, não age ao modo do Estado mundano. Por isso, afirma Ratzinger, Jesus traz uma nova distinção: “a distinção entre o mundo do imperador ao qual convém lealdade, mas uma lealdade crítica, e o mundo de Deus, que é absoluto. Enquanto que não é absoluto o Estado”<sup>402</sup>.

Ratzinger lembrava ainda naquela entrevista, que teria sido esse, justamente, o motivo pelo qual posicionou-se contra a teologia da libertação. Em sua visão não existe poder político ou ideológico que possa reivindicar para si o absoluto, o definitivo, a perfeição: “Por isso” afirmava ele, “fui contrário à teologia da libertação, que de novo transformou o Evangelho em receita política com a absolutização de uma postura para a qual só esta seria a receita para libertar e dar progresso”<sup>403</sup>. A única, definitiva, perfeita, verdadeira e absoluta força libertadora é aquela ensinada e vivida por Cristo, o amor ao homem sem medida humana. “É uma força que tem a sua origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta”<sup>404</sup>.

---

<sup>400</sup> RATZINGER, J. Entrevista concedida ao jornalista Antonio Socci, em 26 de novembro de 2003 e publicada no “Il Giornale” de Milão. Fonte: [http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form\\_id=1482](http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form_id=1482). Acesso em: 10 mar. 2011.

<sup>401</sup> Idem.

<sup>402</sup> Idem.

<sup>403</sup> Idem.

<sup>404</sup> BENTO XVI. **Carta encíclica *Caritas in veritate***. (São Paulo: Paulinas/Loyola, 2009), no. ....

Ratzinger assume assim, com absoluta transparência e clareza, sem meias palavras, a sua posição frente a proposta de verdade do cristianismo como sentido último e absoluto. Para ele, “a unidade do gênero humano, uma comunhão fraterna para além de qualquer divisão, nasce da convocação da palavra de Deus-Amor: Jesus Cristo”<sup>405</sup>.

## 5.2 CONCRETIZAR A PRÓPRIA FÉ NUMA RELIGIÃO DEFINIDA

Assim como Ratzinger, muitos teólogos da atualidade estão igualmente comprometidos com uma solução religiosa para nossa sociedade, que é, em muitos setores, francamente relativista. O que tais teólogos esperam é encontrar um caminho pelo qual, o conceito de religião, não perca seu sentido mais pleno: o direcionamento do homem para o sentido existencial último e mais profundo no absoluto da fé, mas que também, ao mesmo tempo, não caia numa posição de isolamento ou fechamento perante toda diversidade ou pluralidade cultural.

Citando Max Horkheimer, o teólogo Küng resume assim esta busca: “Sem o totalmente Outro, sem teologia, sem a fé em Deus, não existe sentido na vida que transcenda a mera autoconservação”<sup>406</sup>. Esse termo “totalmente Outro” utilizado por Küng, certamente numa tentativa de isenção confessional ao falar da fé com sentido absoluto, refere-se obviamente a Deus. Entretanto, tanto ele como Ratzinger concebem-no a partir da fé cristã<sup>407</sup>.

Aqui, entretanto, uma diferença fundamental entre Ratzinger e Küng, assim como com muitos outros teólogos de grande importância no contexto teológico atual, e que citaremos de passagem na seqüência. Para Ratzinger, o “Absoluto da fé” tem um nome

<sup>405</sup> BENTO XVI. **Carta encíclica *Caritas in veritate***. (São Paulo: Paulinas/Loyola, 2009), no. ....

<sup>406</sup> KÜNG, H. **Teologia a caminho**. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 25.

<sup>407</sup> Jesus “está diante de nós como o “Filho” muito amado, o qual, por um lado é o “Totalmente Outro”, ao mesmo tempo tudo “para todos”. Cf. Bento XVI, em **Jesus de Nazaré**, 2007, p. 38, como também em **Fé, Verdade, Tolerância**, 2007, p. 113 e 181.

e esse nome deve ser, mesmo no contexto do diálogo inter-religioso, mas também ecumênico e pluralista, afirmado em alto e bom som: Cristo.

Ao usar um termo indefinido para falar de Deus, alguns teólogos, embora confessadamente cristãos, deixam pastoralmente aberta a possibilidade de uma interpretação de fé a partir de cada religião, o que Ratzinger igualmente, defende. Entretanto, ao falar do “Absoluto”, isto é, de Deus, de maneira indefinida, excluindo aí nomes como Jesus Cristo, Maomé, Buda, Moisés ou Abraão, entre outros, a fé passa de um dado objetivo, claro e específico para um dado indefinido, o que propicia interpretações subjetivistas. Para Ratzinger, já ocorre aí um posicionamento relativista. A fé objetiva, ainda que ao nível subjetivo do indivíduo, passa ao nível subjetivista, onde nem mesmo o indivíduo tem a prerrogativa de defini-la. É por isso que o subjetivismo se torna, assim, um dos principais fatores da manifestação do relativismo, seja cultural ou religioso, no âmbito da fé. E, sendo subjetivista, a fé pode passar a ser também individualista.

O cristianismo, afirma continuamente Ratzinger, tem uma proposta de salvação humana coletiva e universal, nunca puramente individual. Por isso mesmo ele questiona certas ideias relativistas que acusam o pensamento cristão de isolamento social, quando pergunta:

Como pôde desenvolver-se a ideia de que a mensagem de Jesus é estritamente individualista e visa apenas o indivíduo? Como é que se chegou a interpretar a salvação da alma como fuga da responsabilidade geral e, conseqüentemente, a considerar o programa do cristianismo como busca egoísta da salvação que se recusa a servir os outros?<sup>408</sup>

Segundo ele, essa ideia de um “cristianismo individualista” ou subjetivista é um equívoco nascido já na Idade Média. Tal tipo de postura seria resultado de algumas posturas filosóficas presentes em determinados períodos de crítica mais acentuada aos

---

<sup>408</sup> BENTO XVI. *Spe Salvi*. (São Paulo: Paulus/Loyola, 2007), no. 16.

posicionamentos tomados pela Igreja em favor de convicções cristãs inegociáveis. Ratzinger cita, nesse sentido, mais especificamente, Francis Bacon<sup>409</sup>. Mas essa acusação seria oriunda de outro fator, também muito presente nesses períodos: a ideia de um cristianismo contrário à razão. Tal tipo de acusação implicava, naturalmente, numa recusa de fé definida.

O cristianismo, entretanto, diferentemente dessas pressuposições críticas feitas por autores denominados “racionalistas”, jamais compactuou com a ideia de desprezar a racionalidade, ao contrário, lembra Ratzinger, pois “a razão é o grande dom de Deus ao homem, e a vitória da razão sobre a irracionalidade é também um objetivo da fé cristã”. Não se trata, portanto, de construir uma realidade de fé com sentido absoluto a partir de noções individualistas e subjetivistas. A realidade é maior e ultrapassa o próprio indivíduo. Deus representa a verdadeira realidade, porém, para que Ele possa “entrar verdadeiramente nas realidades humanas, não basta ser pensado por nós”, propõe Ratzinger, “requer-se que Ele mesmo venha ao nosso encontro e nos fale”. Por isso, a razão necessita da fé, “para chegar a ser totalmente ela própria: razão e fé precisam uma da outra para realizar a sua verdadeira natureza e missão”<sup>410</sup>.

Cabe àquele que tem fé essa grande responsabilidade: o exercício concreto e racional de manifestar aos outros essa realidade como identidade própria de Deus. Pois se Deus, como o diz Ratzinger é “a realidade das realidades”, então pode ser “experienciada” e, com isso, pode também ser manifesta a todos. “A realidade a qual chamamos Deus”, afirma Ratzinger, “só pode ser focalizada por aquele que entra na experiência com Deus, na experiência que chamamos fé”<sup>411</sup>.

---

<sup>409</sup> BENTO XVI. *Spe Salvi*. (São Paulo: Paulus/Loyola, 2007). Diz ali Ratzinger: “Para encontrar uma resposta à questão, devemos lançar um olhar sobre as componentes fundamentais do tempo moderno. Estas aparecem, com particular clareza, em Francisco Bacon”. Com base no pensamento desse filósofo, Ratzinger tece sua crítica relativa a essa questão: “a redenção do homem não está em Deus, menos ainda em Cristo, mas, na ciência e na prática”: no. 17.

<sup>410</sup> RATZINGER, J. *O Sal da terra*: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 75.

<sup>411</sup> RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 131.

Dessa forma, para Ratzinger, a fé não se coaduna, nem no cristianismo nem em nenhuma outra religião, com uma fé pura e simplesmente indefinida, individualista e subjetivista. A fé tem que ser um dado objetivo, ainda que identificado pelo indivíduo em nível subjetivo, na sua legítima opção de fé pessoal. Isso não significa subjetivismo, antes, livre-arbítrio. Assim, os teólogos que seguem pela via de uma fé destituída de identidade absoluta, e os teólogos que, mesmo pastoralmente, como Ratzinger, seguem pela via de uma fé definida, caminham por estradas diferentes, ainda que elas se cruzem muitas vezes e que, o ponto de chegada de todos seja o mesmo. Tudo isso é o que torna fundamental, para Ratzinger, a adoção de uma fé religiosa definida a partir de uma concepção absoluta.

No caso de alguns teólogos católicos, ao tratarem dessa questão, poder-se-ia lembrar alguns desdobramentos da teoria do “cristianismo anônimo”, do padre jesuíta Karl Rahner<sup>412</sup>. Ele, assim como Küng, relacionava o absoluto da fé, que para os cristãos tem nome claro, definido e objetivo, com uma teoria na qual, mesmo aqueles que não sejam cristãos podem, mesmo sem o saber, no final, serem também cristãos. Com isso, num desdobramento mais radical, ainda que um desdobramento jamais alimentado pelo próprio Rahner, ficava aberta uma janela para uma espécie de religiosidade indefinida.

Para K. Rahner, as religiões promovem uma transcendência que remete em última instância à Deus. O absoluto da fé se realiza no encontro do homem com o mistério que é Deus. Ora, sendo cristão, Rahner identifica esse absoluto da fé com o Cristo. Assim, em sua concepção teológica, mesmo os não-cristãos, como também aqueles que não conheçam o Cristo e sua mensagem, participam do mistério de Deus concretizado em Cristo. Isso ocorre ao se depararem com o “Absoluto Último” que se expressa na fé. O “Absoluto da fé” se realiza na condição da transcendência humana, e seria nisso, que também os não cristãos praticariam um “cristianismo anônimo”.

---

<sup>412</sup> Um dos grandes teólogos católicos do século XX, Karl Rahner nasceu em Freiburg, na Alemanha, em 1904. Foi sacerdote jesuíta, ordenado em 1932. Karl Rahner é considerado por muitos como um dos mais importantes e criativos teólogos da tradição católica no século XX. Teve um papel fundamental no incentivo à abertura da igreja católica-romana às diversas tradições religiosas.

Outros teólogos cristãos, igualmente importantes, seguem também por essa linha, isto é, são menos incisivos quando se propõem denominar o “Absoluto”. Tais posicionamentos, posteriormente, tiveram desdobramentos radicalizados em favor de um relativismo cultural da fé, como por exemplo, o teólogo protestante Paul Tillich, ainda que, assim como Rahner, jamais tivesse defendido a relativização subjetivista da fé cristã. Para ele, todas as religiões possuem valor equivalente, se dentro dela o homem se pode curar da falta de um “sentido último” em sua existência, ou seja, de Deus. Afirmava nesse sentido Tillich: “O objetivo da teologia é aquilo que nos preocupa de forma última. Só são teológicas aquelas afirmações que tratam do seu objeto na medida em que ele pode se tornar questão de preocupação última para nós”<sup>413</sup>. Em Tillich, o absoluto da fé ocorre no momento em que nos damos conta de nossa realidade finita: “É a finitude do ser que conduz à questão de Deus”<sup>414</sup>.

Para Ratzinger, não basta o reconhecimento, seja por parte de qualquer religião como da própria pessoa, da condição de transcendência (Rahner) ou do choque causado pela percepção de finitude pessoal que nos interpela a respeito de Deus (Tillich) nem tampouco o respeito à dignidade do Homem na compreensão do “sagrado” comum a todos (Küng). É preciso dar um nome ao “Absoluto da fé”. Não basta admirar, nem mesmo venerar a Deus num absoluto de fé indefinido. O próprio Jesus, lembra ele, já havia respondido esta questão quando interpelado sobre “o que” ou “quem” ele era para seus interlocutores. Segundo Ratzinger, já nos evangelhos são propostos dois tipos de postura sobre a pessoa de Jesus: ou se pensa nele como um grande e admirável ser humano, alguém que nos trouxe um modelo transcendental de existência, ou como o Cristo, a própria transcendência, o “Absoluto da fé”. Na mesma entrevista ao jornalista Succi, citada anteriormente, Ratzinger afirmava que Jesus

pergunta o que dizem aqueles que Lhe conhecem de segunda mão, ou de maneira histórica, literária, e depois o que dizem aqueles que Lhe conhecem de perto e entraram realmente em um encontro verdadeiro, os que têm experiência de Sua

<sup>413</sup> TILLICH, P. **Coragem de ser**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. Esta e todas as passagens seguintes em aspas foram retiradas desta obra, p. 131 e 135, respectivamente.

<sup>414</sup> Idem, p. 132.

verdadeira identidade. Esta distinção permanece presente em toda a história: existe uma impressão a partir de fora que tem elementos de verdade. No Evangelho se vê que alguns dizem: és um profeta. Assim como hoje se diz que Jesus é uma grande personalidade religiosa, que há que contá-lo entre os avatares, as múltiplas manifestações do divino. Mas o que entrou em comunhão com Jesus reconhece que existe outra realidade, é Deus presente em um homem<sup>415</sup>.

Para Ratzinger, o absoluto da fé se realiza objetivamente em Cristo. No seu entender, os teólogos anteriormente citados, ainda que declaradamente cristãos, mitigam a afirmação da importância da divindade de Jesus. Küng, nesse sentido por exemplo, afirma: “Sem uma primeira e última realidade realíssima, que chamaríamos Deus”, assumindo aqui uma idéia de Habermas, “nossa necessidade de consolo ficaria insatisfeita no tempo e na eternidade”<sup>416</sup>. Para Küng, com efeito, a função de consolar é uma característica própria da religião. Ainda que a religião, dentro de uma visão extremamente crítica de Küng, seja nos dias atuais, “compreensivelmente reprimida, quando não até perseguida, pela modernidade, devido sua falha para com o ser homem no tempo”<sup>417</sup>, ela volta a cumprir um papel fundamental no seio desta nova sociedade. Nesse sentido, Küng e Ratzinger, afirmam conjuntamente a importância da religião.

Ratzinger, entretanto, estabelece claramente os fundamentos da verdade cristã no âmbito das religiões. Diferente dos teólogos acima referidos, afirma sem rodeios aquele que constitui o programa inalienável da concepção religiosa cristã: a encarnação de Deus entre os homens. E com isso ele estabelece o fundamento dessa verdade no âmbito das religiões: “Deus mostrou-se em Cristo. Eu creio em Deus que se mostra em Cristo e desejo ver e realizar a sua vontade”<sup>418</sup>. A vontade de Cristo é manifesta no

<sup>415</sup> RATZINGER, J. Entrevista concedida ao jornalista Antonio Socci, em 26 de novembro de 2003 e publicada no “Il Giornale” de Milão. Fonte: [http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form\\_id=1482](http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form_id=1482). Acesso em: 14 jun. 2010.

<sup>416</sup> KÜNG, H. **Teologia a caminho. Fundamentação para o diálogo ecumênico**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 25 e 26.

<sup>417</sup> Ibidem.

<sup>418</sup> BENTO XVI. **Mensagem do papa Bento XVI para a XXVI Jornada Mundial da Juventude 2011**. Vaticano, 6 de Agosto de 2010. [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2010, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 17 mai. 2011.

amor recíproco entre todos, por isso Ratzinger não titubeia. Para ele, “Cristo não é um bem só para nós próprios, é o bem mais precioso que temos para partilhar com os outros”<sup>419</sup>.

### 5.3 ABERTURA AO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E ECUMÊNICO

É uma constante nos discursos do teólogo e Cardeal Ratzinger, agora Papa Bento XVI, a abertura para o diálogo no âmbito do absoluto da fé. É através desse diálogo que se manifesta a clara diferença entre um posicionamento verdadeiramente aberto e tolerante, próprio dos que buscam a verdade, e o posicionamento relativista que, segundo a crítica de Ratzinger, apresentando-se com base em aparente atitude tolerante, termina por descaracterizar e empobrecer essa busca, afirmando-a como proveniente da consciência individual, esta sim, a soberana, perante a noção de um valor universal como diretriz suprema.

Exatamente por conta disso, a questão que ele denomina como relativismo intelectual e moral, permanece como tema central de suas preocupações. Seus posicionamentos não significam a defesa da existência exclusiva de uma religião, mas antes, de todas as religiões. Afinal, como invariavelmente ressalta Ratzinger, “antes da religião, manifesta-se no ser humano a questão de sua própria consciência”<sup>420</sup>. E é a própria consciência que nos informa da verdade e de valores que são universais. Ratzinger ressalta continuamente, nesse âmbito do diálogo inter-religioso e ecumênico, algumas variantes fundamentais.

No plano inter-religioso, um diálogo voltado ao mútuo conhecimento e a convivência pacífica (como propõe Küng, ou seja, a paz entre as religiões), e, com isso, o crescimento na verdade, isto é, quando uma visão religiosa enriquece e amplia a outra. Nesse mesmo plano, o testemunho das religiões da transcendência de Deus, em

---

<sup>419</sup> BENTO XVI. **Mensagem do papa Bento XVI para a XXVI Jornada Mundial da Juventude 2011**. Vaticano, 6 de Agosto de 2010. [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2010, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 17 mai. 2011. Idem.

<sup>420</sup> Idem.

contraste a um mundo secularista e materialista, e, finalmente, no objetivo comum das religiões de visarem o bem de todos, promovendo a justiça, a paz, a ecologia, a fraternidade, entre outros valores fundamentais da atualidade.

No plano do diálogo ecumênico, incentivando a união entre as igrejas numa única família, promovendo também, ao mesmo tempo, tanto a convivência pacífica, como o testemunho da transcendência divina do Cristo, o bem comum entre todos os cristãos num exemplo de vida fraterna entre aqueles que professam a fé num mesmo ensinamento.

Em um dos seus discursos realizados em Roma, nesse caso específico, no plano do diálogo inter-religioso entre os católicos e os muçulmanos, o Papa Bento XVI, dá exemplo prático de sua abertura ao diálogo entre as religiões, afirmando:

Estou perfeitamente consciente de que os muçulmanos e os cristãos têm diferentes abordagens a propósito de questões que dizem respeito a Deus. No entanto, nós podemos e devemos ser adoradores do único Deus que nos criou e que se sente solícito por todas as pessoas em cada canto do mundo. Em conjunto, temos o dever de manifestar, com o nosso respeito mútuo e a nossa solidariedade, que nos consideramos a nós mesmos membros de uma única família: a família que Deus amou e congregou a partir da criação do mundo até ao fim da história humana<sup>421</sup>.

Para Ratzinger, a resposta das religiões ao relativismo ditatorial que diminui ou, ao menos, relativiza a importância das religiões, é a própria fé, confessada e proclamada publicamente. O diálogo ecumênico e inter-religioso não tem a função de diminuir a própria fé, nem tampouco de negar a fé divergente.

---

<sup>421</sup> BENTO XVI. **Discurso do papa Bento XVI aos participantes no seminário do foro católico muçulmano**. Realizado na sala Clementina, 6-11-2008. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2008, Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 22 dez. 2010.

No encontro pela paz mundial, ocorrido em Assis, Ratzinger afirmava, ao se referir às religiões ali representadas, que “não se tratava de afirmar uma igualdade de religiões, que não existe”. Para ele, “Assis foi antes a expressão de um caminho, de uma busca, de uma peregrinação pela paz, que está unida à justiça<sup>422</sup>”. Ora, esse caminho, ou essa busca, só existe a partir de uma posição dialogante, aberta para a paz entre todas as religiões.

Ratzinger propõe exatamente esse diálogo inter-religioso e ecumênico como o compromisso concreto entre todas as religiões no mundo. Não apenas para manifestar palavras de paz, mas, muito antes, para que as religiões possam dar ao mundo o exemplo do bem que pregam.

Exatamente por isso, na busca pela fundamentação da compreensão mútua entre as diversas confissões voltadas ao absoluto da fé, concretizado nas religiões, Ratzinger, longe de proclamar inflexível ou arrogantemente a verdade exclusiva do cristianismo perante as demais religiões, chamava a atenção de que “o objetivo dos diálogos ecumênico e inter-religioso, naturalmente diversos na sua natureza e respectivas finalidades, é a busca e o aprofundamento da verdade<sup>423</sup>”. Isso pressupõe o encontro “entre as mais diversas confissões de fé. E, nesse encontro de união comum pela busca da verdade, tem lugar o diálogo<sup>424</sup>”.

No sentido da idéia de um intercâmbio de dons entre as religiões, ou seja, do diálogo inter-religioso, bem como entre as diversas denominações cristãs, isto é, do diálogo ecumênico, Ratzinger afirma que

a construção de pontes entre as grandes tradições  
eclesiais cristãs e o diálogo com as outras

---

<sup>422</sup> RATZINGER, J. **Esplendor da paz de Francisco**. Boletim UCAM, 2002, p. 10, 11 e 12.

<sup>423</sup> BENTO XVI. **Encontro do papa Bento XVI com os bispos da Conferência Episcopal da França**. Lourdes, 14 de setembro de 2008. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 22 dez. 2010.

<sup>424</sup> TEIXEIRA, F. **O diálogo inter-religioso como afirmação da vida**. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 155. Estudioso desse tema, o teólogo brasileiro Faustino Teixeira, afirma que “o diálogo verdadeiro implica não só a arte de compreensão, da alteridade, mas também o mútuo enriquecimento”. Por isso ele diz que “não pode haver diálogo se os interlocutores não se deixam transformar pelo encontro. O diálogo é intercâmbio de dons”. Idem, p. 156.

tradições religiosas exigem um real esforço de conhecimento recíproco, porque a ignorância destrói mais do que constrói. Esta sociedade globalizada, pluricultural e pluri-religiosa em que vivemos é uma oportunidade para proclamar a Verdade e exercitar o Amor, com o objetivo de alcançar todo o ser humano sem distinção<sup>425</sup>.

Os diálogos inter-religiosos e ecumênicos requerem uma nova postura. Em tempos de convivência plural, diversificada e globalizada, faz-se necessário que as religiões e as denominações cristãs assumam, não uma posição de exclusão, mas, ao contrário, que assumam uma posição de busca em comum pela verdade<sup>426</sup>. Nesse sentido, Ratzinger afirma a necessária abertura ao universo do diferente. Não se trata, contudo de uma tarefa simples e fácil. Ao contrário, constitui-se um verdadeiro desafio. Por isso esse diálogo se dá, necessariamente, num campo delicado<sup>427</sup>. Por tudo isso, as teologias atuais estariam se voltando à autocrítica e auto-análises de si mesmas<sup>428</sup>. Entre tantas importantes reformulações ou reinterpretações, ocorrem também as novas formulações teológicas, conhecidas como novas teologias. Entre estas, no contexto do diálogo inter-religioso, a teologia das religiões<sup>429</sup>.

<sup>425</sup> BENTO XVI. **Encontro do papa Bento XVI com os bispos da Conferência Episcopal da França**. Lourdes, 14 de setembro de 2008. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 22 dez. 2010.

<sup>426</sup> TEIXEIRA, F. **O diálogo inter-religioso como afirmação da vida**. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 155. No entender de Teixeira, essa posição não deve ser “a da superioridade, mas a da cortesia espiritual e de abertura do coração. Requer igualmente a conversão ao universo do outro”.

<sup>427</sup> Tratar-se-ia, observa Teixeira, “de um lugar inquietante onde cada interlocutor é provocado a arriscar sua autocompeensão atual diante do desafio que acompanha a alteridade. No processo de encontro dialogal sempre acontece uma mudança, onde o que era estranho, diferente e distante torna-se verdadeiramente possível”. Idem, p. 157.

<sup>428</sup> TEIXEIRA, F. **Teologia das religiões: uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1985, p.11. Para Teixeira, “as últimas décadas têm sido palco de verdadeiras reformulações teológicas”. Cf: Ibidem.

<sup>429</sup> Ainda segundo Teixeira, “a teologia das religiões constitui um campo novo de estudo e seu estatuto epistemológico vai sendo definido progressivamente”. Teixeira entende que estas novas concepções teológicas, muito particularmente a teologia das religiões, emergiram com a urgência da proximidade do cristianismo com outras religiões, graças especialmente ao avanço das comunicações, o intercâmbio das religiões orientais com o ocidente, o crescente interesse pelos valores humanitários e sociais, entre outros fatores”. Cf: Idem, p. 18.

A sociedade atual impõe a necessidade desse diálogo reformulador nas mais diversas áreas do conhecimento humano, entre os quais, também o da teologia<sup>430</sup>. Deste modo, “o pluralismo, a diversidade, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso se apresentam para a teologia cristã como chance e desafio”<sup>431</sup>.

No encontro com algumas organizações para o diálogo inter-religioso, Ratzinger afirmava o programa no qual se baseia a sua concepção desse diálogo entre as religiões: “a fé religiosa pressupõe a verdade”, afirmava ele. Com base nisso, todas as religiões estão abertas ao encontro com a “Verdade Última”, no sentido de uma “Fé Absoluta”. Nessa busca, o diálogo é um pressuposto natural no âmbito da diversidade religiosa. Segundo Ratzinger,

quem acredita é aquele que procura a verdade e vive com base nela. Embora o meio através do qual nós compreendemos a descoberta e a comunicação da verdade difira parcialmente de uma religião para outra, não devemos desanimar-nos nos nossos esforços por dar testemunho do poder da verdade<sup>432</sup>.

No seu discurso aos participantes do seminário no foro católico-muçumano, o Papa afirmava a necessidade, de fundamental importância, em ressaltar os pontos comuns de união entre as religiões. Esse o fator de exemplo no empenho de se manter seus valores absolutos acima das diferenças individuais. Ratzinger ressaltava o diálogo e respeito mútuo na busca do absoluto da fé. Com base nessa união e nesse diálogo

---

<sup>430</sup> LIBANIO, J. B. e MURAD, A. **Introdução à teologia**. São Paulo: Loyola, 2003. Os teólogos Libânio e Murad também abordam o tema do diálogo entre as confissões religiosas no contexto atual. Para ambos: “a nova situação implica saber dialogar não só com outros saberes, que propriamente não lhe são concorrentes, mas também com teologias e religiões que lhe disputam o mesmo público. Considerara-se décadas atrás ser avanço o diálogo ecumênico. Hoje se estende ao âmbito inter-religioso bem mais além da fé cristã”. Cf: p. 27.

<sup>431</sup> LIBANIO, J. B. e MURAD, A. **Introdução à teologia**. São Paulo: Loyola, 2003. Conforme Libânio e Murad, “chance por permitir-lhe expor seus produtos nos mais diversos mercados”, e ao mesmo tempo, “desafio por esperar dela a capacidade de falar com sentido a interesses, buscas e gostos diversificados, sem trair sua fidelidade fundamental à revelação”. Cf: p. 28 - 29.

<sup>432</sup> BENTO XVI. Encontro realizado em 11 de maio de 2009, no auditório de Notre Dame, no Jerusalém Center, dentro do “**Programa de peregrinação do papa Bento XVI à Terra Santa**”. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) - © Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 22 dez. 2010..

entre as religiões, ele defendia a proposição de valores válidos universalmente. Para ele as religiões devem

trabalhar em conjunto para promover o respeito genuíno pela dignidade da pessoa humana e pelos direitos humanos fundamentais, não obstante as nossas visões antropológicas e as nossas teologias justifiquem isto de maneiras diferentes. Existe um campo grande e vasto, onde podemos agir em comum e promover os valores morais, que constituem uma parte da nossa herança conjunta. Somente a partir do reconhecimento da centralidade da pessoa e da dignidade de cada ser humano, no respeito e na defesa da vida que é um dom de Deus, e, por conseguinte é sagrado para os cristãos e contemporaneamente para os muçulmanos só com base neste reconhecimento, podemos encontrar um fundamento coral para construir um mundo mais fraterno, um mundo em que os confrontos e as diferenças sejam resolvidos pacificamente, e a potência devastadora das ideologias seja neutralizada<sup>433</sup>.

Ratzinger espera assim o exemplo de união por parte de todas as religiões, cristãs e não cristãs, na promoção dos direitos humanos fundamentais. Ao mesmo tempo, espera que os líderes políticos mundiais assumam também eles esse compromisso de união. Promover os valores morais é um programa fundamental de salvaguarda da humanidade. Para Ratzinger, tanto a religião como as lideranças políticas devem assegurar “o livre exercício de tais direitos no pleno respeito pela liberdade de consciência e de religião de cada indivíduo”<sup>434</sup>.

Quando as religiões expressam palavras em nome de Deus, é necessário lembrar, como o afirma Ratzinger, que “o nome de Deus só pode ser um nome de paz e de fraternidade, de justiça e de amor”<sup>435</sup>. Portanto, elas não podem recuar diante de sua responsabilidade em dar exemplos concretos desses mesmos valores. Nesse sentido,

---

<sup>433</sup> BENTO XVI. **Discurso aos participantes no seminário do foro católico-muçulmano**. Realizado na sala Clementina a 6 de novembro de 2008. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) - © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 23 dez. 2010.

<sup>434</sup> Idem.

<sup>435</sup> Idem.

continua ele, “somos desafiados a demonstrar, mediante as nossas palavras e principalmente através das nossas obras, que a mensagem das nossas religiões é infalivelmente uma mensagem de harmonia e de compreensão recíproca”<sup>436</sup>. Ratzinger ratifica como essencial que “nos comportemos assim, se não quisermos debilitar a credibilidade e a eficácia, não apenas do nosso diálogo, mas inclusivamente das nossas próprias religiões”<sup>437</sup>.

O “Absoluto da fé”, próprio e presente das religiões, não só não obsta, mas até impõe essa grande tarefa aos crentes: estabelecer ou, no mínimo, defender, a realização plena dos seus ideais mais profundos, ligados àquilo que todos entendem como sendo próprio de Deus (a paz, o amor, a justiça, a bondade), ainda que em nível de perfeição pertinente apenas ao Ser Infinito, Absoluto. Os que afirmam a fé nesse mesmo sentido absoluto, devem portanto, exercer, na maior plenitude possível, o exemplo da luta pela implantação de um mundo de paz, justiça, e amor fraterno entre as pessoas, considerando especialmente, a diversidade de raças, credos, culturas, tradições e religiões diferentes. O fundamental é que Deus, mesmo com nomes diferentes, resume em todas as religiões o “Bem Maior” da humanidade. Em 2006, em outro discurso dirigido aos muçumanos, Ratzinger afirmava: “Nós cremos e confessamos um só Deus, mesmo se de modo diferente, louvamo-lo e venerámo-lo todos os dias”<sup>438</sup>.

Na viagem apostólica realizada à sua terra natal, Ratzinger, falando também aos jovens muçumanos, fazia-lhes um apelo:

Sem ceder às pressões negativas do ambiente (...) devemos confirmar os valores do respeito recíproco, da solidariedade e da paz. Dispomos de um grande espaço de ação, em que nos devemos sentir unidos no serviço aos valores morais

---

<sup>436</sup> BENTO XVI. **Discurso aos participantes no seminário do foro católico-muçumano**. Realizado na sala Clementina a 6 de novembro de 2008. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) - © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 23 dez. 2010.

<sup>437</sup> Idem.

<sup>438</sup> Idem.

fundamentais. A dignidade da pessoa e a defesa dos direitos, que brotam desta dignidade (...) Em conjunto nós, cristãos e muçulmanos, devemos enfrentar numerosos desafios que o nosso tempo nos apresenta. Não há espaço para a apatia nem justificações, e ainda menos para a parcialidade e o sectarismo. Não podemos acreditar no medo, nem no pessimismo. O diálogo inter-religioso e intercultural entre os cristãos e os muçulmanos não pode reduzir-se a uma opção ocasional. Com efeito, ele constitui uma necessidade vital, da qual depende em boa parte o nosso próprio futuro<sup>439</sup>.

No plano específico do diálogo ecumênico, desde o início do seu pontificado, Ratzinger vem assumindo posturas e posicionamentos transparentes em favor da união entre as igrejas cristãs, como forma concreta de exemplo pela paz e pela fraternidade entre os povos. Já no segundo ano de seu pontificado, juntamente com Rowan Williams, Arcebispo anglicano de Canterbury, emitiu um documento onde ambos afirmam que “o verdadeiro ecumenismo estende-se para além do diálogo teológico, abrangendo a nossa vida espiritual e o testemunho comum”<sup>440</sup>.

Frente a essa constatação, ambos entendem que as religiões, diante das exigências do mundo atual, precisam assumir corajosamente o seu papel de exemplo de união pela construção de um mundo fraternal, de acordo com a própria base do cristianismo que exige o amor ao próximo. Nesse sentido afirmavam, tanto ecumenicamente, ao tratar das denominações religiosas cristãs, como também, de maneira sensível ao diálogo inter-religioso, ao tratar das religiões não-cristãs, que “muitas são as áreas de testemunho e serviço em que podemos dar-nos as mãos e que, de fato, clamam por uma cooperação mais estreita entre nós”<sup>441</sup>. Por conta desse compromisso, afirmavam: “Comprometemo-nos também no diálogo inter-religioso pelo

---

<sup>439</sup> BENTO XVI. Viagem realizada em 20 de agosto de 2005 na cidade de Colônia, Alemanha. **Participação na XX jornada mundial da juventude**. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). - © Copyright 2005 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 28 dez. 2010.

<sup>440</sup> BENTO XVI. Em 23 de novembro de 2006. **Declaração conjunta do Papa Bento XVI e do Arcebispo de Canterbury, Rowan Williams**. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). - © Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 28 dez. 2010.

<sup>441</sup> Idem.

qual poderemos caminhar juntos ao encontro dos nossos irmãos e irmãs não cristãos”<sup>442</sup>.

Também em favor do ecumenismo, em 14 de dezembro desse mesmo ano, o Bispo de Roma se reunia com sua Beatitude Christodoulos, Arcebispo de Atenas e de toda Grécia onde, na tentativa comum e ecumênica pela união entre as milenares igrejas cristãs, afirmavam o compromisso de caminhar juntos na busca do “Absoluto da fé” como sendo uma

comum responsabilidade superar, no amor e na verdade, as numerosas dificuldades e as experiências dolorosas do passado, para torna-nos conscientes da nossa tarefa comum: percorrer juntos o caminho árduo do diálogo na verdade em vista de restabelecer a plena comunhão de fé no vínculo do amor<sup>443</sup>.

Nesse documento ecumênico conjunto, ambos afirmam igualmente, a importância do diálogo inter-religioso, pelo qual todas as religiões, na busca pela construção de um mundo de paz e fraternidade, devem superar no amor, no diálogo e compreensão mútuas, suas mais significantes diferenças doutrinárias. Sobre isso ressaltavam, em especial, o programa central do cristianismo:

Pensamos que as religiões têm um papel a desempenhar para garantir a irradiação da paz no mundo e que elas não devem ser absolutamente focos de intolerância nem de violência. Como chefes religiosos cristãos, exortamos juntos todos os chefes religiosos a prosseguir e a incrementar o diálogo inter-religioso, e a trabalhar para criar uma sociedade de paz e de fraternidade entre as pessoas e entre os povos. Esta é uma das missões das religiões. É neste sentido que os cristãos trabalham e desejam continuar a sua ação no

---

<sup>442</sup> BENTO XVI. Em 23 de novembro de 2006. **Declaração conjunta do Papa Bento XVI e do Arcebispo de Canterbury, Rowan Williams**. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). - © Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 28 dez. 2010.

<sup>443</sup> BENTO XVI. **Viagem apostólica do papa Bento XVI à Turquia**, de 28 de novembro a 01 de dezembro de 2006. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). - © Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 29 dez. 2010.

mundo, com todos os homens e mulheres de boa vontade, num espírito de solidariedade e de fraternidade<sup>444</sup>.

Foi ainda nesta viagem, no encontro de oração ecumênica com o patriarca armênio, Sua Beatitude Mesrob II Mutafian, que Ratzinger afirmava: “Precisamente mediante o testemunho da própria fé e do próprio amor, os cristãos estão chamados a oferecer um sinal radiante de esperança e de conforto a este mundo, tão marcado por conflitos e por tensões”<sup>445</sup>.

Ao término dessa viagem, agora num encontro com o presidente dos assuntos religiosos da Turquia, Ratzinger afirmava, agora no plano inter-religioso:

Os cristãos e os muçulmanos, seguindo as suas respectivas religiões, chamam a atenção sobre a verdade do caráter sagrado e da dignidade da pessoa. Esta é a base do nosso respeito e estima recíprocos, esta é a base para a colaboração ao serviço da paz entre as nações e os povos, o desejo mais querido de todos os crentes e de todas as pessoas de boa vontade<sup>446</sup>.

É dentro desse contexto ecumênico e inter-religioso que Ratzinger se esforça por estabelecer o compromisso maior entre as religiões: o respeito mútuo entre elas, concretizado efetivamente, na união entre todos os homens de fé. Frente ao diálogo inter-religioso, ele se posiciona de forma transparente e aberta, promovendo o diálogo entre compreensões religiosas diferentes. No plano ecumênico, seu compromisso é especialmente claro quando se refere aos cristãos de todas as confissões. A ordem de Cristo é clara quando diz: Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo! Por isso ele pede a todos que crêem em Cristo: “uni a vossa oração à nossa, animados pelo comum compromisso de continuar o caminho que nos conduz à

---

<sup>444</sup> BENTO XVI. **Viagem apostólica do papa Bento XVI à Turquia**, de 28 de novembro a 01 de dezembro de 2006. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). - © Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 29 dez. 2010.

<sup>445</sup> BENTO XVI. **Encontro ocorrido em Istambul**, a 30 de Novembro de 2006. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). - © Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 10 jan. 2011.

<sup>446</sup> BENTO XVI. **Encontro realizado em Ankara**, em 28 de novembro de 2006. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). - © Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 15 jan. 2011.

progressiva eliminação de todas as dissonâncias no coro da única Igreja de Cristo<sup>447</sup>. Em plena consonância com o absoluto da fé cristã, este é o programa de Ratzinger: “*Ut unum sint*”.

#### 5.4 FUNDAMENTAÇÃO DA FÉ CRISTÃ CONFORME RATZINGER

Ao longo de suas obras, discursos, documentos e pronunciamentos, Ratzinger tem pautado por um posicionamento em favor da afirmação da verdade última cristã de maneira aberta e transparente. Ele se esforça em estabelecer uma dialética respeitosa, porém, sem jamais abrir mão de seus fundamentos absolutos, manifestos na sua concepção cristã de mundo. Isso implica em grandes desafios, próprios especialmente das dificuldades que compõem a afirmação de uma verdade em nível absoluto. Tratar do tema da verdade no âmbito da fé religiosa, e, mais propriamente, do ponto de vista de Ratzinger, no âmbito do cristianismo, torna-se uma tarefa complexa, num mundo de visão subjetivista ou relativista. Em alguns casos, afirmações sobre a verdade podem transparecer um posicionamento ingênuo de um lado, e arrogante de outro. Ratzinger, transcrevendo um pensamento do teólogo R. Guardini, afirma:

A partir de Platão é desenvolvido o conhecimento em torno da incomensurabilidade do Homem para com a verdade, que a rigor não pode deixar de parecer a si próprio ridículo quando tenta falar da verdade, e que não obstante, reconhecendo seu ridículo, precisa manter essa ousadia. Só quando as duas coisas estão presentes: a coragem para a verdade e a humildade para aceitar a própria condição ridícula, é que o Homem se encontra na reta medida entre um cinismo que despreza a verdade e um autosuficiente fanatismo<sup>448</sup>.

Em “Fé, verdade, tolerância” Ratzinger levantava essa questão ao perguntar: “O que é a verdade?”<sup>449</sup>. Desta pergunta Ratzinger se propõe encontrar uma resposta

---

<sup>447</sup> BENTO XVI. **Encontro realizado em Ankara**, em 28 de novembro de 2006. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). - © Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 15 jan. 2011.

<sup>448</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 79.

válida para nossa atualidade frente ao relativismo preponderante. Num mundo que nega a possibilidade de se encontrar a verdade, como propor o cristianismo? A verdade, para grande parte de nossa sociedade, não é acessível ao homem. Quanto àqueles que pensam tê-la conquistado, teriam, na verdade, apenas encontrado a sua própria crença, jamais a própria verdade. Nessa perspectiva cultural, a “verdade passa a ser a decisão da maioria”<sup>450</sup>, afirma Ratzinger. Mas isso vai justamente na contramão do que propõem as religiões. Numa concepção relativista, “levantar a exigência da verdade em favor dos enunciados concretos da fé de uma religião parece, hoje, não apenas arrogância, mas também, sinal de falta de ilustração”<sup>451</sup>. Portanto, seria uma atitude típica de quem ainda não passou pela lente iluminista.

Nesse sentido, um posicionamento relativista argumenta que quando uma determinada cultura reivindica a posse de uma verdade, pode acontecer que outra, ao mesmo tempo, pense uma verdade divergente ou, até mesmo, oposta aquela primeira. Assim, se cada cultura tem suas verdades próprias, também essa pluralidade de verdades existentes nas diversas culturas, provariam sua relatividade. Mas, para Ratzinger, “a cultura” quando defende uma visão de mundo relativista, “é contraposta à verdade”<sup>452</sup>. Reside aqui a centralidade da crítica de Ratzinger, como ele mesmo caracteriza ao tratar sobre esse relativismo cultural: “Esse relativismo, que é hoje o sentimento fundamental dos homens ilustrados, penetrando amplamente até mesmo a teologia, é o mais profundo problema de nosso tempo”<sup>453</sup>.

Por isso ele pergunta: “Fé cristã e modernidade são compatíveis?”<sup>454</sup>. Sua pergunta tem sentido, considerando a nossa atualidade, quando propugna que ninguém tem o direito legítimo de proclamar uma verdade com respeito a Deus quando existem tantas outras proposições, quanto mais ainda se estão em oposição ou divergência. Uma afirmação nesse sentido estaria contrariando a boa convivência entre as religiões.

---

<sup>449</sup> BENTO XVI. **Fé, Verdade, Tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p. 70.

<sup>450</sup> Idem, p. 70 e 71.

<sup>451</sup> Ibidem.

<sup>452</sup> Ibidem.

<sup>453</sup> Idem, p. 74.

<sup>454</sup> Idem, p. 191.

E não apenas a boa convivência, mas também, soaria como uma arrogância intolerável no seio de um mundo que preza a liberdade de crença e pensamento. A cultura atual não pode nem deve compactuar com isso, é o que afirma a razão herdada do positivismo.

Para um mundo assim, o cristianismo é só mais uma entre tantas opções de fé, e em sendo assim, sua pretensão de anúncio de uma “Verdade Última” é incompatível com a atualidade. Entretanto, para todos quantos conhecem a proposta cristã, essa é exatamente a essência do cristianismo: anunciar o Cristo como a única e última verdade sobre Deus. Cristo é o “Filho” e o “próprio” Deus “em pessoa” que se manifesta humanamente entre os homens. Onde estaria a tolerância religiosa perante tamanha pretensão cristã?

O cristianismo, para ser anunciado com fidelidade, está apertado entre a sua proposta essencial e a acusação de intolerância: se insiste na sua proposição central, qual seja, a de uma proposta de verdade válida para todos os povos e em todos os tempos, caminho verdadeiro para o “Absoluto”, onde ficariam outras propostas de verdades religiosas, como do budismo, do islamismo ou do judaísmo, desde que, também estas se pretendem verdades últimas? No entendimento dessa sociedade relativista atual, tais visões seriam incompatíveis por natureza. Ratzinger detecta aí um dos grandes perigos para a fé cristã: “Cada vez mais se amplia a convicção de que a renúncia da fé cristã à sua pretensão à verdade é a condição básica para uma nova paz do mundo e reconciliação do cristianismo com a modernidade”<sup>455</sup>. Ele critica assim o que chama de *cultura tout court*<sup>456</sup>.

Para Ratzinger, tais conclusões seriam completamente equivocadas. Em várias passagens textuais, ele afirma que o cristianismo não fuge nem nunca fugiu a sua responsabilidade de dar respostas que sustentem sua pretensão de verdade

---

<sup>455</sup> BENTO XVI. **Fé, Verdade, Tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p 191.

<sup>456</sup> Idem, p. 173 e 174.

absoluta<sup>457</sup>. No seu entender, a fé cristã enfrentou e continua enfrentando com sucesso a prova da razão, e isso desde o começo de sua história, quando os primeiros cristãos debatiam abertamente com aqueles que discutiam a fé no plano racional. A fé cristã também se impôs, ao longo dos séculos, pelo testemunho de vida, especialmente, vida de caridade.

Segundo Ratzinger, o que distingue especificamente a fé cristã de todas as outras religiões é que o cristianismo, em todas as suas manifestações, defende justamente a capacidade do homem em alcançar a verdade através de sua razão. A fé cristã, já desde sua origem, apresentou-se como uma dialética entre fé e razão, entre conhecimento humano e revelação de Deus ao homem. Isso denota, necessariamente, um discurso racional com encadeação argumentativa lógica e sensata, isto é, sem apelo a argumentações subjetivistas, contrárias a razão ou, simplesmente mitológicas.

O cristianismo também se diferencia por outro fator fundamental. A própria razão natural exige do homem atitudes em vista, em última análise, de sua própria sobrevivência enquanto sociedade. Ora, o que garante, de fato, em última instância, a sobrevivência humana, é um “espírito” de caridade de uns para com os outros. Por isso Ratzinger ressalta que:

pela sua estreita ligação com a verdade, a caridade pode ser reconhecida como expressão autêntica de humanidade e como elemento de importância fundamental nas relações humanas, nomeadamente de natureza pública<sup>458</sup>.

No cristianismo, tais atitudes são condições fundamentais, isto é, fazem parte natural naqueles que aderem a sua fé: a caridade e a verdade de uns para com os outros. Esse, para Ratzinger, é um dado insuperável: “Em Cristo, a caridade na verdade torna-se o Rosto da sua Pessoa, uma vocação a nós dirigida para amarmos os nossos

---

<sup>457</sup> Especialmente as encíclicas já citadas aqui: *Spe Salvi*, no. 2 23 e 26 e também: *Deus caritas est*, 7 – 11. Contudo, esse posicionamento se destaca em muitos outros escritos e entrevistas de Ratzinger, não apenas no seu pontificado, mas ao longo de toda sua carreira teológica e eclesial.

<sup>458</sup> BENTO XVI. **Carta encíclica *Caritas in veritate***. (São Paulo: Paulinas/Loyola, 2009), no. 3.

irmãos na verdade do seu projeto”<sup>459</sup>. Essa ligação da caridade com princípios racionais verdadeiros são absolutamente constatáveis no cristianismo. Por isso Ratzinger diz que a “verdade é luz que dá sentido e valor à caridade. Esta luz é simultaneamente a luz da razão e a da fé, através das quais a inteligência chega à verdade natural e sobrenatural da caridade: identifica o seu significado de doação, acolhimento e comunhão”<sup>460</sup>.

Anunciar Cristo como verdade absoluta, mesmo nesse contexto atual de um mundo de visões religiosas pluralizadas e interconectadas, é uma natural pré-condição do próprio cristianismo. Isso torna-se plenamente possível a partir de uma argumentação racional e do exemplo de vida caritativa. O próprio Jesus Cristo não pretendeu impor-se sobre as pessoas, muito antes, pretendeu convertê-las a partir do exemplo de caridade e do anúncio argumentativo e racional. Para isso mostrou sua identidade de maneira clara, sem negá-la, ainda que pagando um alto preço por isso. Também por isso Ratzinger afirma que o

diálogo com o mundo só é possível quando baseado em uma identidade clara: que se pode e se deve abrir, mas somente quando se assumiu a própria identidade e, portanto, se tem algo a dizer. A identidade firme é condição de abertura<sup>461</sup>.

Fé cristã e razão humana são assim, no entendimento de Ratzinger, plenamente compatíveis e naturalmente convenientes. Uma complementa a outra. Porém tendo sempre presente o fator fundamental: uma vida de caridade prática. Ser cristão, para Ratzinger, é viver totalmente centrado em Cristo. “Restabelecer essa relação integral com Cristo é o que realmente conta”, afirma Ratzinger. Porém, não basta a simples argumentação, pois esta, por mais racional e lógica que seja, nem sempre convence a todos. Por isso ele conclui do pensamento acima: “dessa relação integral com o Cristo não se pode convencer ninguém apenas argumentando, mas se pode vive-la e, através disso, torna-la crível aos outros”<sup>462</sup>. Através disso,

<sup>459</sup> BENTO XVI. **Carta encíclica *Caritas in veritate***. (São Paulo: Paulinas/Loyola, 2009), no. 1.

<sup>460</sup> Idem, no. 3.

<sup>461</sup> RATZINGER, J. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se interroga**. São Paulo: EPU, 1985, p. 22.

<sup>462</sup> Idem, p. 24.

podemos demonstrar aos homens e às mulheres da nossa época que a fé em Cristo não está desprovida de relevância para a sorte da humanidade: pelo contrário, ela constitui o cumprimento de tudo aquilo que é autenticamente humano. Só nesta perspectiva poderemos oferecer respostas convincentes ao homem em busca. Este compromisso é de determinante para o anúncio e a transmissão da fé no mundo contemporâneo<sup>463</sup>.

Dessa forma, o cristianismo não se coloca contra o mundo, mas procura identificar, em qualquer tempo, sua dinâmica, para então, anunciar a palavra de Cristo que viveu Ele mesmo a verdadeira caridade. Nesse sentido, Ratzinger afirma que nem sempre o anúncio da palavra de Cristo agrada ao mundo, mas, quando isso ocorre, “não são os cristãos que se opõem ao mundo. É o mundo que se opõe a eles quando é proclamada a verdade sobre Deus, sobre Cristo e sobre o homem”<sup>464</sup>.

Ocorre que o firme posicionamento cristão em favor da verdadeira caridade, encontra-se muitas vezes em franca oposição a situações de injustiças, de corrupções, ou de guerras. Aí a fé cristã se depara com a intrínseca obrigação de denunciar tais situações, afinal, ela pretende ser a religião da verdade. “Eu sou o caminho a verdade e a vida”. Nessas palavras do Evangelho de João, ressalta Ratzinger “acha-se expressa a pretensão fundamental da fé cristã”<sup>465</sup>.

Ao mesmo tempo também, essa condição natural de defesa da verdade na caridade, própria do cristianismo, faz com que, onde quer que a fé cristã encontre raízes, a dignidade do homem esteja preservada contra toda forma de ditadura cultural que se oponha a grandeza da capacidade humana. Dessa forma, todos os homens possuem potencialmente essa dignidade, independente da cultura particular. Para

---

<sup>463</sup> BENTO XVI. **Discurso do papa Bento XVI aos participantes na sessão plenária da congregação para a doutrina da fé.** Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) - © Copyright 2006. Libreria Editrice Vaticana. Acesso: 25 mai. 2011.

<sup>464</sup> RATZINGER, J. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se interroga.** São Paulo: EPU, 1985, p. 22.

<sup>465</sup> BENTO XVI. **Fé, Verdade, Tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo.** São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p. 168.

Ratzinger, na constituição da fé cristã, está determinado a “universalidade do espírito humano, cujas exigências fundamentais são idênticas nas mais diversas culturas”<sup>466</sup>.

Analisando o contexto da nossa sociedade atual, onde prevalece o saber tecnicista, Ratzinger analisa as conseqüências da chamada impossibilidade humana para a verdade. Sob a égide relativista “a verdade passa a ser substituída pela práxis”<sup>467</sup>. Fica assim “deslocado o eixo das religiões”<sup>468</sup>. Sabemos como e o que precisamos fazer, mas o que é a verdade, não o sabemos. Com isso, o “dogma do relativismo”, assim como o denuncia Ratzinger, emudece a pregação religiosa e em última análise, o próprio “universalismo cristão”<sup>469</sup>. Esse “não é mais a transmissão obrigatória de um bem que está destinado a todos, a saber, a transmissão da verdade e do amor”<sup>470</sup> (caridade). Dentro desse contexto relativista, a própria missão do anúncio cristão torna-se, simplesmente, “uma crua arrogância de uma cultura que se julga superior”<sup>471</sup>. A “*Dominus Iesus*”, assinada por Ratzinger, não deixa de lembrar a força do cristianismo, perante todas essas acusações relativistas. Para ele,

o mistério cristão, com efeito, supera qualquer barreira de tempo e de espaço e realiza a unidade da família humana: Dos mais diversos lugares e tradições, todos são chamados, em Cristo, a participar na unidade da família dos filhos de Deus<sup>472</sup>.

Para “fazer frente a mentalidade relativista”, afirma Ratzinger, “que se vai difundindo cada vez mais, há que reafirmar, antes de mais, o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo”<sup>473</sup>. E, nesse sentido, termina ele, “pode e deve dizer-se que Jesus Cristo tem para o gênero humano e para a sua história um

---

<sup>466</sup> BENTO XVI. **Fé, Verdade, Tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a, p. 179.

<sup>467</sup> Idem, p. 182.

<sup>468</sup> Ibidem.

<sup>469</sup> Ibidem.

<sup>470</sup> Idem, p. 183.

<sup>471</sup> Ibidem.

<sup>472</sup> ***Dominus Iesus***. Declaração sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Assinada por Ratzinger enquanto prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, em 2000.

<sup>473</sup> Idem.

significado e um valor singulares e únicos, só a Ele próprios, exclusivos, universais, absolutos<sup>474</sup>. Ratzinger afirma sim, esse caráter absoluto da verdade cristã, mas não como uma imposição inflexível e dogmática. Para ele, o anúncio dessa verdade se dá no maior dos valores humanos, o amor. No amor é que Cristo se manifesta: “se descobrimos, como diz São João, o Amor, se descobrimos o rosto de Deus, temos o dever de contá-lo aos demais<sup>475</sup>”.

Assim o anúncio da fé cristã coincide com o anúncio de um grande Amor, um Amor absoluto. “Um amor tão grande assim deve ser comunicado, não pode ser guardado<sup>476</sup>”. Mas, em que base o cristão deve fazer esse anúncio? Ratzinger responde:

Naturalmente no pleno respeito de sua liberdade, porque a verdade não se impõe com outros meios mais que com a própria evidência, e só oferecendo este descobrimento aos demais, mostrando o que encontramos, o dom que temos na mão, que está destinado a todos, podemos anunciar bem o Cristianismo, sabendo que supõe o altíssimo respeito da liberdade do outro, porque uma conversão que não estiver baseada na convicção interior “encontrei o que desejava” não seria uma verdadeira conversão.

Tendo por base esse posicionamento dialogante, Ratzinger exorta aos cristãos que não tenham medo de assumirem sua fé, especialmente diante de posicionamentos que justifiquem o indiferentismo religioso com base nesse relativismo cultural, tão criticado por ele, um relativismo que se apresenta na auto-afirmação de um legítimo porta voz da tolerância. A proposta cristã, para Ratzinger, não exige uma adesão ao nome de Cristo, mas, muito antes, ao seu projeto, projeto que coincide, como afirmado acima, com o bem de toda humanidade.

---

<sup>474</sup> ***Dominus Iesus***. Declaração sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Assinada por Ratzinger enquanto prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, em 2000.

<sup>475</sup> RATZINGER, J. Entrevista concedida ao jornalista Antonio Soggi, em 26 de novembro de 2003 e publicada no “Il Giornale” de Milão. Fonte: [http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form\\_id=1482](http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form_id=1482). Acesso em: 14 jun. 2010.

<sup>476</sup> Idem.

Na visão cristã de mundo, a humanidade é o modelo de uma família única, a família dos filhos de Deus. “É essa humanidade familiar, transversal a todas as civilizações, que nós cristãos manifestamos afirmando que todos os homens são filhos de Deus e, por conseguinte, todos são irmãos”<sup>477</sup>. Essa apresentação cristã ao mundo não implica, portanto, num posicionamento arrogante e intransigente, mas sim num pedido de paz e tolerância entre todos. Para Ratzinger, “Vê-se bem que este conceito de Deus e do homem se encontra na base de um correspondente modelo de comunidade humana e, por conseguinte, de sociedade”<sup>478</sup>.

Aqui a transparece claramente a fundamentação do absoluto da fé cristã na visão de Ratzinger. Com base nesse fundamento ele pede aos cristãos: “cultivai uma fé ponderada, capaz de dialogar em profundidade com todos, com os irmãos que não são católicos, com os não-cristãos e os não-crentes”<sup>479</sup>.

---

<sup>477</sup> BENTO XVI. **Concelebração Eucarística realizada em Génova**. Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) - © Copyright 2008. Libreria Editrice Vaticana. Acesso: 28 mai. 2011.

<sup>478</sup> Idem.

<sup>479</sup> Idem.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O absoluto da fé cristã, e a crítica do relativismo atual no pensamento de Ratzinger, pretende ser a continuação de uma discussão claramente levantada pelo teólogo. Por isso, não propomos uma conclusão final, mas sim, algumas considerações perante o que foi exposto ao longo do texto. Antes de tudo, desejamos observar que o nosso autor chega a tal profundidade na análise do tema que, apesar de nossos esforços, nem sempre pudemos acompanhar. Nosso intuito foi o de explorar ao máximo as críticas de Ratzinger ao relativismo cultural, que está muito presente na nossa atualidade e que incide diretamente no âmbito religioso, na sua centralidade essencial, isto é, como o absoluto da fé. Cultura e fé se entrelaçam, nos lembra Ratzinger. Para ele, “não existe fé livre de cultura e também não há cultura livre da fé”<sup>480</sup>. E mais, afirma ele ainda: “a fé cria cultura”<sup>481</sup>.

O relativismo na fé, como um problema cultural de nosso tempo, representa para Ratzinger uma forma explícita de três tipos de posturas: o indiferentismo, o subjetivismo e o individualismo. Manifesto em qualquer dessas três visões de mundo, termina por produzir a falta de convicção em qualquer absoluto, o que implica na negação da própria razão da fé. Para Ratzinger a fé, no seu núcleo fundamental, e que, em nenhuma hipótese, é algo de científico e comprovável, não se coaduna com essa proposta relativista, sob pena de se diluir. O relativismo, em sua visão, propõe uma fé sem certezas absolutas. Mas o cristianismo, ele afirma, “tem uma proposta central exatamente oposta a isso”<sup>482</sup>.

O relativismo, compõe, assim, um círculo que, muito freqüentemente se torna vicioso: relativismo, indiferentismo, subjetivismo, individualismo, diluição da fé, irracionalidade da fé. A posição diametralmente oposta, qual seja, de um dogmatismo absolutista inflexível, com o qual Ratzinger decididamente não compartilha, da mesma

---

<sup>480</sup> BENTO XVI. **Fé, Verdade, Tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007, p. 62.

<sup>481</sup> Idem, p. 65.

<sup>482</sup> Idem, p. 71.

forma, traduzido num posicionamento irreduzível e fechado na dimensão do absoluto da fé pode, facilmente, degenerar para um outro tipo de círculo vicioso: absolutismo, fanatismo, irracionalidade da razão.

Navega-se aqui em dois paradoxos que se transformam no núcleo da questão: como ter uma fé convicta e alicerçada, sem com isso tomar uma posição que signifique uma posição absolutista, com todas as conseqüências negativas que daí derivariam, como aquelas identificadas em nosso estudo? De outro lado, como evitar o indiferentismo a partir de uma concepção que relativizaria a questão mais importante, por isso, última, do ser humano, como a questão de Deus, manifesta no absoluto de fé e que, aliás, se transforma no sentido da existência? É nesse ponto que Ratzinger quer chegar. O desafio para ele seria o de conciliar um caminho que signifique fé verdadeiramente convicta, sem com isso, apelar ao fundamentalismo. Em outras palavras, ter fundamentos sem ser fundamentalista.

Na análise dessas questões, constata-se que Ratzinger permanece em contínua posição de abertura ao diálogo da fé. É por conta disso que ele, continuamente, levanta críticas ao relativismo. E críticas, tanto fundamentadas, quanto contundentes contra esse posicionamento que, para ele, representa o grande perigo para a fé religiosa. Fé que, em sentido absoluto, torna-se capaz de oferecer respostas às próprias dúvidas surgidas nela mesma, pois isso é que constitui a fé. Uma fé que é, ao mesmo tempo, certa e incerta; convicta, mas não comprovável; fundamentada, mas não exata; apresentável ao outro, mas não pronta e acabada; desvelada, mas ao mesmo tempo, misteriosa, escondida, desafiante.

Ao tratar essa questão de maneira objetiva e clara, Ratzinger não escapou às acusações de posição intolerante. Mas o que ele propõe é um posicionamento muito próximo ao de Küng, o teólogo considerado porta-voz da tolerância religiosa. Em várias passagens de seu pensamento, fica muito clara sua posição de defesa da fé, mas sem com isso, ao mesmo tempo, radicalizar, no sentido extremista, sem levar à intolerância.

Ratzinger, com efeito, não coloca a fé como criação própria ou meramente subjetiva, mas a fé como liberdade humana e sentido último da própria humanidade. Da mesma forma que para Ratzinger, também para o filósofo Comte-Sponville, “crer em Deus é crer num sentido último da vida”<sup>483</sup>.

Ratzinger não propõe que a fé cristã seja, ou devesse ser imposta a todos os povos. A fé cristã, embora de cunho universal atemporal, nascida para ser levada a todos os povos, de todos os tempos, é também uma proposta de fé livre, que não pode ser imposta, pois isso a tornaria nula. Ratzinger quer dizer sim que, aquele que adere, livre e soberanamente, a uma determinada fé, como a cristã, tem o direito em tê-la como “Verdade Última”, “Absoluta” e “Universal” e de propô-la aos outros. Defende, em última análise, o direito à fé e não a ditadura de uma fé. Ilustra isso uma afirmação do próprio Ratzinger quando, perguntado pelo jornalista P. Seewald quantos caminhos existem para chegar a Deus, respondia sem hesitar: “tantos quanto há pessoas”<sup>484</sup>. Também não está defendendo igualmente, uma espécie de “ditadura da religião”, pois, na mesma entrevista, afirma também que “a salvação não está nas religiões”<sup>485</sup>.

Ao contrário, é o relativismo que, de modo intransigente, se apresenta como uma ditadura, no momento em que afirma como indiferente toda fé religiosa. Isso implica na relativização da questão, o que Ratzinger rechaça como postura ditatorial. Propor o direito a ter uma fé, ainda que, em nenhum caso, a fé seja um dado exato, não é o mesmo que propor que toda fé é relativa, o que pulverizaria o sentido mais profundo do significado do que seja fé. Confessar uma fé é um direito sagrado, inalienável e imprescindível da pessoa. E uma fé, no sentido religioso, só é legítima se abarcar o sentido “Último” do ser. Ora, o relativismo destrói esse sentido e tira esse direito da pessoa.

---

<sup>483</sup> COMTE-SPONVILLE, A. **Apresentação da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 77.

<sup>484</sup> *Ibidem*.

<sup>485</sup> RATINGER, J. (apud BIANCO, P. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 237).

Ratzinger expõe com total transparência sua fé no Cristo, a esperança última dos seres humanos para todos os tempos, mas defende também o direito à fé do islâmico, do budista, do judeu, no limite, até daquele que se decide por não ter fé. Em todo caso, nenhum deles é indiferente à questão. É justamente esse indiferentismo que Ratzinger combate vigorosamente. A partir disso, ele passa então a pensar em termos da sua opção de fé, a cristã. A validade de seus argumentos, assim como a de qualquer outro na sua especificidade, é de fornecer caminhos para explicação e razão de sua fé dentro da comunidade à qual pertence e frente aos outros.

Todos são livres para dar as próprias razões de sua fé, ainda que, conforme ressalta Ratzinger, a fé necessita situar-se num nível de adesão comunitária. Fazendo parte de uma comunidade de fé, a pessoa deve então desenvolver seus pensamentos em consonância com essa mesma comunidade, pois, para Ratzinger, “o eu creio da profissão de fé não remete a nenhum eu particular, mas sim ao eu comum da Igreja”<sup>486</sup>. A fé torna-se possível e concreta na medida em que torno-me um com este eu comum, “que não suspende meu próprio eu, mas o amplia, só assim fazendo-o ser inteiramente ele mesmo”<sup>487</sup>. Isso faz da Igreja ser o que ela é, uma comunidade de fé interior, mas que manifesta essa fé e sua verdade também frente ao mundo.

A apresentação da fé, para Ratzinger, embora remetendo à busca pela “Verdade Última”, a “Verdade” em si mesma, não dispensa em nenhum momento o elemento crítico. É por isso que se torna importante o diálogo como um meio básico para a fé, pois nesse aspecto, “o outro deve ser para mim uma ajuda na busca da verdade”<sup>488</sup>. Se o diálogo, não apenas nos diversos níveis em que busca pela “Verdade”, é o caminho para se crescer no conhecimento da verdade, o que manifesta conseqüentemente, uma recusa ao indiferentismo relativista nessa questão, esse mesmo diálogo, no dizer de Ratzinger, tem um objetivo claro e específico, como já ressaltamos anteriormente: “O

---

<sup>486</sup> RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. São Paulo: Petrópolis, Vozes, 2008, p. 80.

<sup>487</sup> Idem, p. 81.

<sup>488</sup> RATZINGER, J. (apud: BIANCO, P. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 135).

diálogo não é um entretenimento sem um fim claro, mas tem por fim a persuasão, a descoberta da verdade, pois de outro modo carece de valor”<sup>489</sup>.

A inexistência de uma verdade última é justamente o que propõe o relativismo. Ratzinger, e foi isso que procuramos delinear nesta pesquisa, opõe-se claramente a esse traço cultural. Para ele, “se se anula a verdade, todas as culturas se situam no mesmo plano, e cai-se no problema mais grave de nossos dias: o relativismo cultural”<sup>490</sup>. O cristianismo não pode se calar frente a esse desafio. O que Ratzinger denominou como “dogma do relativismo” teria afetado também o cristianismo, ou melhor, aos cristãos, incluindo aí, como observávamos anteriormente, membros do clero, até mesmo entre os missionários. Ratzinger alerta então para o perigo desse relativismo. A renúncia à “Verdade” do cristianismo dentro do próprio mundo cristão, é a falência da fé no “Absoluto”, em Deus. É o rompimento entre Jesus e o Cristo, entre o homem e Deus, e por consequência do relativismo cultural, entre Jesus e a Igreja: Jesus sim; a Igreja, não.

Esse ponto específico, que envolve a relação entre Cristo, Igreja e cultura continua ocupando grande espaço nas preocupações de Ratzinger. Para ele, “enquanto for peregrina sobre esta terra, não tem a Igreja o direito de gloriar-se de si mesma”<sup>491</sup>. Sobre isso ele afirma que,

É muito importante para a Igreja que não se conceba essencialmente como uma entidade que administra a si mesma e que oferece determinados serviços, mas que viva do não-feito-por-si-mesmo, e que o viva com fidelidade, com dinamismo, e, desse modo, dê a todo corpo da humanidade o que ele não pode ter a partir da decisão própria. A Igreja, não pode ser considerada como um objetivo final, como fim em si mesma ou como lugar onde se pode conquistar poder<sup>492</sup>.

<sup>489</sup> RATZINGER (apud BIANCO: **Joseph Ratzinger, uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005, p. 137).

<sup>490</sup> Ibidem.

<sup>491</sup> RATZINGER, J. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se interroga**. São Paulo: EPU, 1985, p. 4.

<sup>492</sup> RATZINGER, J. **O Sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 169.

A Igreja, para Ratzinger, só existe por causa de sua missão. E sua missão não é nenhuma outra que anunciar uma verdade. A missão da Igreja cristã é manifestar ao mundo o Cristo como essa Verdade. Contudo, no mundo de hoje, essa missão encontra-se sob forte suspeita. Tal suspeita é conseqüência do que ele identifica como sendo, efetivamente o relativismo. O relativismo coloca em dúvida justamente a possibilidade da “Verdade”. Esse o desafio atual do qual Ratzinger não foge. Para ele, “a verdade não se impõe com outros meios mais que com a própria evidência, e só oferecendo este”<sup>493</sup>.

Em que pese todas essas críticas contra a afirmação de verdade, principalmente em nível absoluto e universal, Ratzinger não desanima nem retrocede no ímpeto do seu anúncio. Perpassa claramente que ele mantém sempre presente que a idéia de verdade, de sua possibilidade, não é apenas pessoal, coletiva ou social. Nem apenas comunitária-elesial. É antes, uma questão objetiva da razão humana, sem a qual, a verdade de fé especialmente não se sustenta. Aquela é um pressuposto desta. Daí a impossibilidade de um cristão admitir o relativismo filosófico: a impossibilidade da verdade.

Ratzinger não compactua com a idéia de calar a verdade cristã. Por isso ele diz: “Para nós, cristãos, a verdade é divina; é *Logos* eterno que ganhou expressão humana em Jesus Cristo”<sup>494</sup>. Não calar a verdade, porém, não significa se fechar àqueles que não compactuam a mesma “Verdade última”. Por isso ele afirma que

a convivência da Igreja, na sua adesão firme ao caráter perene da verdade, com o respeito por outras verdades, ou com a verdade dos outros é uma aprendizagem que a própria Igreja está a

---

<sup>493</sup> BENTO XVI. **Discurso do papa Bento XVI aos participantes na sessão plenária da congregação para a doutrina da fé.** Fonte: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) © Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 20 de abr. 2011.

<sup>494</sup> BENTO XVI. **Viagem Apostólica a Portugal.** Centro Cultural de Belém – Lisboa. Discurso do papa aos cultores do pensamento, da Ciência e da Arte de Portugal. Fonte [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2010 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 11 abr. de 2011.

fazer”<sup>495</sup>.

Porque, conforme ele mesmo observa, é “nesse respeito dialogante que se abrem novas portas para a comunicação da verdade”<sup>496</sup>. Se não houvesse essa abertura, como poderiam os próprios cristãos comunicarem sua verdade?

Essa, justamente, a missão da Igreja. O serviço que ela deve prestar a sociedade é anunciar a verdade cristã a todos. Só assim, não abrindo mão do anúncio do Cristo, ela pode continuar sendo fiel a sua própria existência: “levando a sociedade a perceber que, proclamando a verdade, a Igreja presta serviço à sociedade, abrindo horizontes novos de futuro, de grandeza e dignidade”<sup>497</sup>. Para Ratzinger, a Igreja “tem uma missão ao serviço da verdade para cumprir, em todo o tempo e contingência, a favor de uma sociedade à medida do ser humano, da sua dignidade, da sua vocação”<sup>498</sup>. A fidelidade à pessoa humana exige a fidelidade à verdade, “a única que é garantia de liberdade e da possibilidade dum desenvolvimento humano integral”<sup>499</sup>. Por tudo que foi dito aqui em nossa pesquisa, finalizamos com o convite do Papa Bento XVI:

Caros amigos, a Igreja sente como sua missão prioritária, na cultura atual, manter desperta a busca da verdade e, conseqüentemente, de Deus; levar as pessoas a olharem para além das coisas penúltimas e porem-se à procura das últimas. Convido-vos a aprofundar o conhecimento de Deus tal como Ele Se revelou em Jesus Cristo para a nossa total realização<sup>500</sup>.

---

<sup>495</sup> BENTO XVI. **Viagem Apostólica a Portugal**. Centro Cultural de Belém – Lisboa. Discurso do papa aos cultores do pensamento, da Ciência e da Arte de Portugal. Fonte [www.vatican.va](http://www.vatican.va). © Copyright 2010 - Libreria Editrice Vaticana. Acesso em: 11 abr. de 2011.

<sup>496</sup> Idem.

<sup>497</sup> Idem.

<sup>498</sup> Idem.

<sup>499</sup> BENTO XVI. **Carta Encíclica *Caritas in veritate***. (São Paulo: Paulus/Loyola, 2009) no. 9.

<sup>500</sup> BENTO XVI, op.cit., viagem apostólica a Portugal.

## REFERÊNCIAS

- BIANCO, Pablo. **Joseph Ratzinger: uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KÜNG, Hans. **As religiões do mundo**. Campinas: Verus, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Ser cristão**. São Paulo: Herder, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Teologia a caminho**. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Veracidade, o futuro da Igreja**. São Paulo: Herder, 1988.
- RATZINGER, Joseph. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se interroga**. São Paulo: EPU, 1985.
- \_\_\_\_\_. e Paulo Flores d'Arcais. **Deus existe?** Sao Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Fé, verdade, tolerância**. – O cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Jesus de Nazaré**. Sao Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2007b.
- \_\_\_\_\_. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O Sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio** – Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Discursos, encíclicas e documentos**. Vaticano: [www.vatican.va](http://www.vatican.va) - © Copyright 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011. Libreria Editrice Vaticana.
- D. TERRA, João E. M. **Itinerário teológico de Bento XVI**. São Paulo: Ave Maria, 2006.